

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira

**O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO: TRAJETÓRIA
COMO POLÍTICO E MAÇOM EM CAÇAPAVA, RS - 1891 A 1939**

Santa Maria, RS

2023

Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira

**O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO: TRAJETÓRIA
COMO POLÍTICO E MAÇOM EM CAÇAPAVA, RS - 1891 A 1939**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História do Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS, Brasil), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora Prof^a Dr^a Maria Medianeira Padoin

Santa Maria, RS

2023

Ferreira, Zilamar
O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO:
TRAJETÓRIA COMO POLÍTICO E MAÇOM EM CAÇAPAVA, RS - 1891 A
1939 / Zilamar Ferreira.- 2023.
145 p.; 30 cm

Orientador: Maria Medianeira Padoin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2023

1. Coriolano Castro 2. Trajetória Política 3. Fronteira
Platina 4. Maçonaria I. Padoin, Maria Medianeira II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ZILAMAR FERREIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira

**O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO: TRAJETÓRIA
COMO POLÍTICO E MAÇOM EM CAÇAPAVA, RS - 1891 A 1939**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História do Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS, Brasil), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Aprovado em 18 de dezembro de 2023

Maria Medianeira Padoin, Dra. (UFSM)

(Presidente/Orientador)

Eduardo Ramón Palermo, Dr. (Centro Regional de Professores do Norte, Uruguai)

Júlio Ricardo Queve dos Santos, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS

2023

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado graças à colaboração de várias pessoas e instituições, que a cada passo dessa caminhada me incentivaram, muniram de informações, demonstraram generosidade, dividiram seu tempo e esforços.

Neste momento, quero agradecer a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e aos servidores do Campus de Caçapava do Sul (UNIPAMPA), pela oportunidade, apoio e incentivo para realizar o Mestrado.

Da mesma forma, minha gratidão à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) por me proporcionar sua estrutura para a realização do curso de Mestrado em História do Pós-Graduação em História (PPGH). E, claro, a minha incansável e competentíssima Orientadora Profª Drª Maria Medianeira Padoin, que foi dedicada ao me apontar novos rumos e perspectivas.

Gratidão também, aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, que contribuíram muito para aprimorar a minha visão de mundo, principalmente ao Prof. Dr. Carlos Henrique Armani, Coordenador. E, aos meus colegas pelo apoio e .

Também agradeço, aos integrantes das bancas de qualificação e defesa, Profª Drª Maria Medianeira Padoin, Prof. Dr. Eduardo Ramón Palermo López, Prof. Dr. Gustavo Figueira Andrade e Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos.

Agradecer a Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, Câmara Municipal de Vereadores de Caçapava do Sul, Loja Maçônica Coriolano Castro, Igreja Matriz Santa Ana de Santana da Boa Vista, Casa de Cultura Juarez Teixeira, Casa de Cultura Januária Freitas, Arquivo Municipal Nicolau Silveira Abrão, Clube 7 de Setembro e Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim de São Gabriel.

Em especial, Adejair dos Santos Pedrozo, Ana Valquíria Castro de Freitas, Cyro Rios Mesquita, Dalton Dellinghausen Farias, Denise de Castro Weston, Euclides Torres, Fátima Jovane Nunes, Gasparino dos Santos Teixeira, Janice Castro de Oliveira, João Timotheo Esmerio Machado, Lucas Osório da Costa, Paulo Francisco Pires Corrêa, Ramão Aguilar, Remaldo Carlos Cassol, Rivadavia Severo, Rosa Guimarães Greca (*in memoriam*), Sylvia de Freitas Bicca, Valter Rodrigues de Oliveira, Viviane Fernandes Ferreira Silveira de Freitas, que foram excelentes colaboradores .

Expressar gratidão a minha família, as filhas: Ágnes e Isis, principalmente ao meu marido, João Pedro, pela parceria. E, ao meus pais que me ensinaram a importância da educação.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO: TRAJETÓRIA COMO POLÍTICO E MAÇOM EM CAÇAPAVA, RS - 1891 A 1939

AUTORA: Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira

ORIENTADORA: Maria Medianeira Padoin

A presente dissertação de Mestrado em História foi desenvolvida na Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem por tema: “**O Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro: trajetória como político e maçom em Caçapava, RS-1891 a 1939**”. Objetivo foi realizar um levantamento documental e bibliográfico com o fim de construir a trajetória política do maçom Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro, no período de 1891 a 1939, especialmente na região de Caçapava. A pesquisa documental foi realizada em documentos de acervos privados e públicos bem como em jornais da época. O recorte temporal utilizado foi partindo da Revolução Federalista (1891) até sua saída do cargo de Prefeito de Caçapava do Sul, pouco antes de sua morte em 1939. A dissertação foi subdividida em dois capítulos que trabalharam com a trajetória política, destacando as relações sociais, de poder e relação com a fronteira platina, na terra do líder do PRR Borges de Medeiros (Caçapava do Sul), do qual foi correligionário e posteriormente opositor. No segundo capítulo desenvolveremos sua trajetória e atuação na maçonaria, no qual foi fundador da Loja Maçônica Guilherme Dias.

Palavras-chave: Coriolano Castro. Trajetória Política. Fronteira Platina. Maçonaria.

ABSTRACT

CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO: TRAJECTORY AS A POLITICIAN AND FREEMASON AND CAÇAPAVA, RS - 1891 TO 1939

AUTHOR: Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira
ADVISOR: Maria Medianeira Padoin

This Master's dissertation in History was developed in the Research Line “Border, Politics and Society”, of the Postgraduate Program in History, at the Federal University of Santa Maria (UFSM), whose theme is: “Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro: career as a politician and freemason in Caçapava, RS-1891 to 1939”. The objective was to carry out a documentary and bibliographic survey in order to construct the political trajectory of the freemason Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro, in the period from 1891 to 1939, especially in the Caçapava region. Documentary research was carried out on documents from private and public collections as well as newspapers of the time. The time frame used was from the Federalist Revolution (1891) until his departure from the position of Mayor of Caçapava do Sul, shortly before his death in 1939. The dissertation was subdivided into two chapters that will work with the political trajectory, highlighting social relations, of power and relationship with the platinum frontier, in the land of the PRR leader Borges de Medeiros (Caçapava do Sul), of whom he was a co-religionist and later opponent. In the second chapter we will develop his trajectory and role in Freemasonry, in which he was the founder of the Guilherme Dias Masonic Lodge.

Keywords: Coriolano Castro. Political Trajectory. Platina Frontier. Masonry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Município de Caçapava e localização de Santana da Boa Vista - RS em 1920.....	17
Figura 2 – Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	27
Figura 3 - Mapa da localização das cidades de Caçapava do Sul- Brasil e Taquarembó – Uruguai.....	29
Figura 4 – Coriolano Castro, Amália Medeiros e seus filhos, com exceção de Albino Alves de Castro, na Fazenda do Passo do Pessegueiro, em Santana da Vista (Caçapava).....	31
Figura 5 – Diploma de Libindo Alves de Oliveira em 5901, da Loja Maçônica Guilherme Dias, em Santana da Vista (Caçapava).....	32
Figura 6 – Coriolano Castro no Estado Maior de Pinheiro Machado.....	33
Figura 7 – Casa de Coriolano Castro - 1º Prédio de Escola Pública em Santana da Vista (Caçapava).....	36
Figura 8 – Nomeação da Professora Januária Freitas assinada por Borges de Medeiros em 1906.....	37
Figura 9 -.Carta Patente Coronel Coriolano Castro, assinada pelo Presidente da República em 1904.....	38
Figura 10 – Espada doada pelo Coronel Coriolano Castro a João Pedro Nunes, em 3 de março de 1836, para o Museu em São Gabriel.....	40
Figura 11 – Gasparina Simões Pires e Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	41
Figura 12 – Relação dos principais criadores do Município de Caçapava do Sul em 1934.....	43
Figura 13 – Coriolano Castro com grupo de santanenses em frente ao Império, em 1920.....	44
Figura 14 – Coriolano Castro no Estado Maior de Zeca Netto, em 1923.....	47
Figura 15 - Estância da Figueira em Camaquã, em novembro de 1923.....	51
Figura 16 - Mapa de localização das cidades uruguaias utilizadas pelos federalistas na Revolução de 1923, para emigrarem, após o Combate do Passo das Carretas Caçapava do Sul/Piratini- Brasil.....	53
Figura 17 – Convocação do Partido Federalista para Coriolano Castro como Delegado no Congresso de São Gabriel-RS- Brasil.....	54

Figura 18 – Coriolano Castro no Congresso da fundação da Aliança Libertadora, no Theatro Coliseu, em 12 janeiro 1924, em São Gabriel-RS-Brasil.....	55
Figura 19 – 2ª administração de Coriolano Castro e funcionários do Município de Caçapava- RS.....	56
Figura 20 – Ponte Pênsil sobre o Arroio Pitangueira em Caçapava do Sul, 1927.....	57
Figura 21 – Fotografia do Pelotão da Onça, aguardando em Cachoeira do Sul, para ir para a Revolução em 1930.....	59
Figura 22 – O Estado-Maior Revolucionário de 1932 na Fazenda do Gigica, em Cacimbinhas.....	62
Figura 23 – Comício do Partido Libertador em frente à Igreja Matriz de Santana.....	63
Figura 24 – Inauguração Aviário Passo do Pessegueiro em , Caçapava (atualmente Município de Santana da Boa Vista).....	64
Figura 25 – Lápide do Túmulo de Coriolano Castro.....	66
Figura 26 – Mapa de Caçapava do Sul – RS.....	73
Figura 27 – Certificado Pedro Garcia Pereira, Loja Perfeita Fraternidade, 1847.....	77
Figura 28 – Bilhete de João Antonio Ferreira em 1901.....	79
Figura 29 – Abertura do Livro de Atas da Loja Guilherme Dias, em 1899.....	80
Figura 30 – Certificado de Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Grau 31.....	81
Figura 31 – Quadro de Membros da Loja Guilherme Dias em 1902, primeira parte.....	82
Figura 32 – Quadro de Membros da Loja Guilherme Dias em 1902, segunda parte.....	83
Figura 33 – Convite para reunião extraordinária da Loja Guilherme Dias, 1902.....	84
Figura 34 – Loja Maçônica Coriolano Castro.....	86
Figura 35 –Fotografia de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	87
Figura 36 –Templo da Loja Coriolano Castro.....	88
Figura 37 – Homenagem a Coriolano Castro em 2002.....	89
Figura 38 – Teatro no Clube União em 1907, Caçapava - RS.....	92
Figura 39 – Abertura do Livro de Atas do Clube 7 de Setembro.....	93
Figura 40 – Clube 7 de Setembro, em 17 de setembro de 2023, Santana da Boa Vista – RS.....	94
Figura 41 – Coriolano Castro como Coronel Comandante da 62ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional - RS, em 1904 (ver marcação com uma flexa).....	95
Figura 42 –Nomeação de Coriolano Alves de Oliveira e Castro como Juiz Distrital, 1894.....	96

Figura 43 – Telegrama de apoio candidatura Joaquim Francisco de Assis Brasil, 1922.....	99
Figura 44 – Título de Eleitor de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	100
Figura 45 – Ata de apuração da eleição municipal de Caçapava, em 1900.....	101
Figura 46 – Anotações sobre a Revolução de 1923.....	102
Figura 47 – Coriolano Castro chegada na Freguesia de Santa Ana da Boa Vista, Caçapava em 1923.....	103
Figura 48: Convite para a posse de Coriolano Castro a Prefeitura de Caçapava do Sul – RS, em 1935.....	104
Figura 49: Lista do quadro de funcionários da Prefeitura de Caçapava do Sul – RS, em 1937.....	105
Figura 50: Solicitação de escola (Jacinto Inácio) no 5º Distrito, a Flores da Cunha, em 1937.....	107
Figura 51: Placa inaugural do prédio da Escola Jacinto Inácio, atual Prefeitura Municipal de Santana da Boa Vista - RS.....	108
Figura 52 : Escola Estadual Jacinto Inácio (2023).....	109
Figura 53: Ata do Clube 7 de Setembro, 1922.....	111
Figura 54: Carta de Coriolano Castro a Diocese de Santa Maria, registrada no Livro Tombo II, da Igreja Matriz de Santana da Boa Vista - RS.....	112
Figura 55: Convite para Missa de 30 dias de falecimento de Coriolano Castro, 1940.....	113
Figura 56: Jazigo de Coriolano Alves de Oliveira e Castro, no Cemitério Municipal de Caçapava do Sul-RS.....	114
Figura 57: Urna Funerária de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	114
Figura 58: Placa da Maçonaria de Caçapava do Sul em homenagem a Coriolano Castro, 1999.....	115
Figura 59: Prédio do Sobrado adquirido por Coriolano Castro para sede da Prefeitura Municipal de Caçapava, em 1901.....	116

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Arvore da Família de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	124
ANEXO II - Família constituída do Casamento de Coriolano Castro e Amalia Medeiros.....	127
ANEXO III - Arvore Genealógica de Gasparina Simões Pires – Segunda Esposa do Coronel Coriolano de Castro.....	129
ANEXO IV - Inventário de Amália Medeiros– primeira esposa do Coronel Coriolano de Castro.....	132
ANEXO V - 1ª Ata do Clube Republicano Democratas.....	137
ANEXO VI - Contrato para exploração da Mina do Bom Jardim.....	140
ANEXO VII – Certidões.....	143

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA E CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO	16
2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.2 QUEM FOI CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO.....	27
2.3 O CORONEL CORIOLANO DE CASTRO E AS REVOLUÇÕES NO SÉCULO XX...46	
3. CORIOLANO CASTRO E A MAÇONARIA	68
3.1 A MAÇONARIA EM CAÇAPAVA.....	73
3.1.1 – Loja Perfeita Fraternidade.....	76
3.1.2 – Loja Paz e Prosperidade.....	77
3.1.3 – Loja Guilherme Dias.....	78
3.1.4 – Triângulo Borges de Medeiros.....	85
3.1.5 – Loja Coriolano Castro.....	85
3.2 CORIOLANO CASTRO O MAÇOM ATUANTE NA POLÍTICA.....	90
4. CONCLUSÃO.....	117
REFERÊNCIAS.....	119
FONTES DOCUMENTAIS.....	122
ANEXOS.....	124

1 - INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado em História está vinculada a Linha de Pesquisa Fronteira, Política e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem por tema: **O Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro - trajetória como político e maçom em Caçapava, RS (1891-1949).**

Primeiramente, creio ser importante escrever um pouco sobre a trajetória desta aprendiz de pesquisadora que resolveu realizar um sonho: fazer o mestrado em que o tema fosse sobre a história do “meu lugar”, da região onde vivo. No início de minha formação acadêmica pensei em fazer graduação em História, mas acabei sendo atraída pela área de Letras, com habilitação Português/Espanhol. O Diploma me abriu portas para uma carreira que considero de sucesso, porque superou as minhas expectativas. Atualmente, sou Secretária Executiva do Campus de Caçapava do Sul, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). A minha atividade permite construir, conjuntamente com outros colegas, projetos de extensão e pesquisa, especialmente nas áreas que envolvem História, Cultura e Turismo.

Por exemplo, em 2011, a convite dos professores Ângela Hartmann e Rafael Werlang, elaboramos uma atividade que demonstrasse aos nossos discentes de outros estados, uma “Mostra” da História, Cultura, Artes e Tradição do Rio Grande do Sul. Esta “Mostra” foi transformada no Projeto de Extensão, *Mostra Cultural Farroupilha*, do qual fui coordenadora por 7 edições e que foi expandida a nível regional junto a UNIPAMPA.

Outros dois projetos, dos quais fui coordenadora, surgiram das necessidades das comunidades acadêmica e externa, que foi: *A preservação da Cultura através da digitalização* - projeto de extensão visando a digitalização do cervo do Arquivo Municipal Nicolau Silveira Abrão, com documentos desde início do século XIX. O objetivo foi de preservar e conservar adequadamente tal documentação histórica para sua disponibilização para a pesquisa.

O outro projeto foi: *Os combates na região de Caçapava do Sul*. Este foi um projeto de pesquisa que teve por finalidade localizar documentos e informações sobre os locais onde ocorreram combates no território de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista – RS. Este material serviu de base para projetos dos discentes do Curso de Geofísica do Campus de Caçapava do Sul (UNIPAMPA). Assim, o desenvolvimento destes dois projetos me incentivou a fazer a proposta que foi aprovada na seleção para o mestrado junto ao PPGH da UFSM.

Também destaco que ter participado como representante da UNIPAMPA, nos conselhos de Cultura, Turismo e Desenvolvimento, me fez ver Caçapava por outros “olhos”. Percebi a necessidade de pessoas que desenvolvam projetos e ações visando preservar o

Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Caçapava do Sul. Isso me fez perceber que, o resgate e a salvaguarda deste patrimônio são necessários e urgentes, que devido à falta de cuidados, conhecimento e sentimento de pertencimento, muitas fontes de pesquisa estão se perdendo.

Assim sendo, este contexto vivenciado, e aqui relatado, e com o apoio da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), me inscrevi na seleção para o Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), obtendo aprovação.

Nesse sentido, durante a realização do curso de Mestrado em História percebi como é desafiador e difícil enfrentar uma pesquisa em outra área, que não a de nossa formação profissional, principalmente depois de algum tempo sem frequentar o mundo acadêmico e da pesquisa.

Com isso, procurei me dedicar no levantamento, especialmente documental, que tive a grata oportunidade de ter acesso e, assim, procurar entender a trajetória política de um líder local/regional - Coriolano Alves de Oliveira e Castro, que foi por vários mandatos o Intendente e Prefeito municipal de Caçapava, na cidade natal do governador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros (PRR), de quem foi correligionário e opositor.

Assim, nosso objeto de estudo, Coriolano Alves de Oliveira e Castro, se caracteriza por ser um personagem fronteiriço, viveu no Brasil e no Uruguai; nasceu em Caçapava, na Província do Rio Grande do Sul e com propriedades em Taquarembó, no Uruguai. Atuou na política local e regional. Elegeram-se Intendente e Prefeito de Caçapava em três legislaturas.

Republicano, liberal, católico e maçom foi propagandista da República, defensor do fim da escravização, da liberdade de expressão e credo. Atuou por meio de sua rede de relacionamentos como mediador: entre pessoas, grupos sociais e as esferas do poder. Usou sua capacidade de mobilizar e de influenciar politicamente, destacando-se para além de ser Intendente da cidade que um dia foi capital farroupilha, como Coronel da Guarda Nacional, como integrante (em momentos diferentes) das duas maiores forças políticas partidárias do RS e como atuante na e pela Maçonaria. Além disso esteve presente na Revolução Federalista¹, na Revolução de 1923 e Constitucionalista de 1932.

¹ A Revolução Federalista foi denominada pela historiografia como uma guerra civil, que segundo Gustavo Andrade (2022), ocorreu no período de 1891 a 1896, em contestação tanto ao modelo de república adota pela constituição adotada no estado do Rio Grande do Sul como o modelo brasileiro Brasil. Sua abrangência além do Brasil, vai atingir a região da Argentina e Uruguai.

Muitas informações coletadas na realização deste estudo foram produzidas por pessoas que não eram da academia, mas que se dedicaram a pesquisar e a registrar os dados e os acontecimentos referentes ao Coriolano de Castro ou sobre Caçapava. Mesmo sem pretensão de serem trabalhos científicos, consideramos fontes que possibilitam conhecer melhor nosso objeto de estudo em si, bem como apresentam documentos ou caminhos/pistas de acesso a outros documentos que foram importantes para a elaboração desta dissertação.

Motivados então pela carência de estudos acadêmicos sobre Coriolano Alves de Oliveira e Castro e com a preocupação em registrar e analisar as fontes documentais (e assim de certa forma preservá-las), que tivemos por objetivo descrever sua trajetória, destacando seu papel como maçom atuante na política do RS, principalmente no período conturbado da implantação e consolidação da República. Com isso, o desenvolvimento de nossa dissertação foi dividido em dois capítulos: o primeiro que trata “A trajetória política de Coriolano Alves de Oliveira” e o segundo “Coriolano Alves de Castro e a Maçonaria”.

2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO

Este capítulo objetiva relatar a trajetória política de Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Inicialmente, partimos de uma revisão bibliográfica de livros/autores selecionados por nós, que trabalharam com a temática da trajetória de personagens que estiveram presentes no contexto do processo histórico de construção e consolidação do estado brasileiro, na região fronteira platina, ou seja, na segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, bem como sobre o contexto histórico e as relações coronelistas. Tais obras foram importantes para nosso estudo no que tange tanto a compreensão do período histórico, como da construção teórico-metodológica que colaborou na escrita da trajetória política de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.

Após esta revisão apresentaremos o resultado do levantamento realizado em fontes documentais, jornais da época e produções de autores que realizaram estudos biográficos tradicionais. Apresentaremos os vínculos familiares e as redes sociais de Coriolano de Castro, descrevendo sua trajetória desde 1891 a 1939. Tal estudo dará base ao próximo e último capítulo, que destacará a importância da maçonaria em sua vida, ou seja, a trajetória política de um maçom.

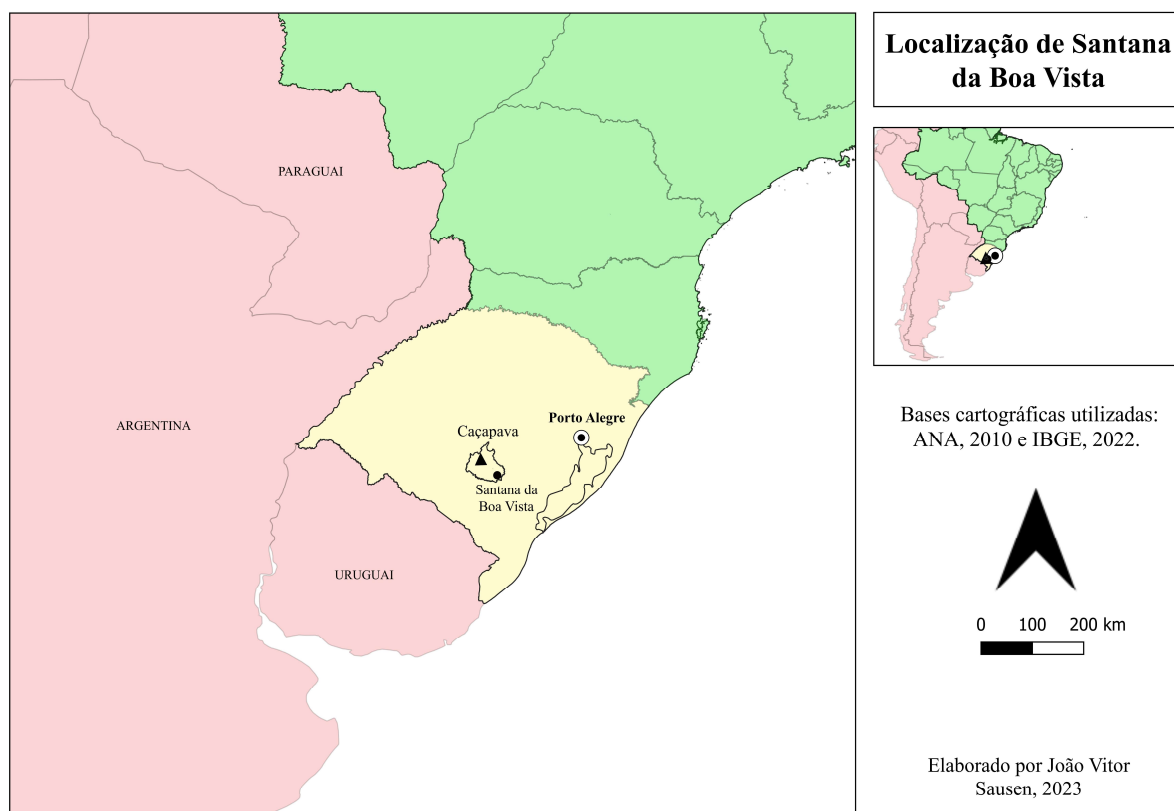
2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Coriolano Alves de Oliveira Castro, como registramos, viveu no Brasil e no Uruguai, em um espaço ou região e território fronteiriço. Nasceu em Caçapava, na Província do Rio Grande do Sul, onde residia e atuou como político, se elegendendo como Prefeito, por três mandatos nas primeiras décadas da República brasileira. Sua família possuía propriedades em Taquarembó no Uruguai, como muitos outros militares e políticos riograndenses. Republicano, liberal, católico e maçom.

Desta forma então, em nosso estudo priorizamos a trajetória política de Coriolano Castro, que foi delimitada em um período no qual se realizou a investigação histórica, de 1891 a 1939, tendo como lugar especialmente, o antigo território de Caçapava², que se situa em uma região ou território que compreende ações e escolhas tomadas no decorrer de sua trajetória.

² No século XIX o território de Lavras do Sul pertencia a Caçapava até 1882. A partir de 1965 Santana da Boa Vista se emancipa de Caçapava.

Figura 01- Mapa do Município de Caçapava-RS, com localização de Santana da Boa Vista, na virada do século XX.



Fonte: ANA, 2010 e IBGE,2022. Elaborado e adequado por João Vitor Sausen, 2023.

Assim, para trabalharmos com a trajetória de Coriolano Alves de Oliveira e Castro, partimos de uma revisão bibliográfica, com o fim de embasar e fundamentar o que entendemos por trajetória.

Para tanto, o primeiro trabalho eleito foi a dissertação de Mônica Rossato (2014), “Relações de Poder na Região Fronteiriça Platina: Família, Trajetória e Atuação Política de Gaspar Silveira Martins”. Em que, realizou uma análise sobre a trajetória e atuação política de Silveira Martins, com um recorte cronológico entre 1862 a 1889, investigando essa trajetória política construída na região fronteiriça platina e também na Europa. A autora se utilizou da análise de vários conceitos presentes no discurso e projetos de Silveira Martins, destacando principalmente o Federalismo, especialmente por este também³ estar presente nos embates na transição entre a Monarquia e a República brasileira. Ao trabalhar a trajetória política de Gaspar

³ Tanto nas discussões sobre a primeira carta Constitucional brasileira logo após a independência quanto na própria Revolução Farroupilha (1835-45), a discussão sobre o federalismo estava presente.

Silveira Martins, Rossato (2014) partiu de uma breve biografia para situar o personagem. Para isto, levou em consideração a inserção da família na região fronteira platina, contatos e vínculos sociais, a influência econômica da família, atuação política, relações pessoais, formação, registros pessoais e carreira.

A Dissertação de Rossato (2014) foi dividida em três capítulos: “Família Elite e Fronteira: a Família de Gaspar Silveira Martins”; “Da Região Fronteira Platina ao centro do Império: ascensão política do “Farroupilha” Gaspar Silveira Martins”; e A “Atuação Política de Gaspar Silveira Martins no Império Brasileiro: Mediador entre o Poder Local e Nacional e Articulador da Região Fronteira Platina”. Investigou a organização das famílias na região fronteira platina, a origem familiar de Silveira Martins e seus vínculos sociais, escreveu sobre a trajetória desde o início da carreira política até o seu falecimento, passando pelas fases de sua vida como estudante, o matrimônio, a participação na Maçonaria e a sua atuação política no Partido Liberal na Assembleia Provincial, na Câmara dos Deputados e no Senado. Tais informações nos serviram como indícios para entender como foi construída a trajetória política deste personagem e a narrativa empregada na dissertação por Rossato. Narrativa essa, pautada na perspectiva da história política, explorando uma ampla e atualizada bibliografia, além da pesquisa em fontes como: inventário, testamento, registro de batismo e matrimônio, correspondências, processos judiciais e periódicos.

Assim, analisou sua participação e inserção na região de fronteira Platina e no centro do poder do Império brasileiro, demonstrando a dinâmica das relações sociais na trajetória política em espaço sociais mais amplos, fazendo com que Silveira Martins se tornasse um representante local e regional junto à Corte. Dessa forma, ao estudar Silveira Martins, como também propomos ao estudar Coriolano Castro, destacamos o mesmo que ROSSATO ao citar Bourdieu, que as trajetórias de tais personagens podem ser percebidas como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a transformações” (ROSSATO, 2014, p.19).

Da mesma forma, como na dissertação de Rossato (2014), pretendemos demonstrar a importância do envolvimento familiar de Coriolano Castro e a construção da carreira política, para isto, levando em conta a família, seus estudos, casamentos, filhos, participação nos partidos políticos, inserção e atuação na maçonaria. Também, Rossato (2014) destacou as habilidades de mediador e articulador de Silveira Martins, expressadas em suas ideias e ações políticas e administrativas na região platina. Nessa época do século XIX, a ocupação de cargos públicos locais ou regionais dependia do apoio e das relações familiares para ascensão e ampliação no/do poder. Ou seja, conforme Rossato (2022, p.25) deixamos claro o que entendemos pelo conceito de poder: “tal conceito antes era restrito ao âmbito político governamental, passa a ser estudado

nas relações sociais, familiares, econômicas, partidárias e amigáveis como relação de poder. Considerando que o conceito de poder e a história são indissociáveis”.

Destacou o contexto fronteiriço platino como ambiente “marcado por guerras, mobilizações militares, práticas econômicas e migrações” (ROSSATO, 2014, p.28), bem como, possibilidades de articulações e fortalecimento econômico e político, e de experiências com as articulações para além do estado nacional.

A contextualização na região Platina serviu para analisar a época em que ocorreu a ocupação e expansão dos territórios pertencentes a Portugal e Espanha, e depois as relações do Brasil com os novos países que surgem neste território do Cone Sul. A importância nestas relações do controle do comércio na chegada e saída de produtos nos portos da região, pois representavam a posse das riquezas e a manutenção do poder regional. Assim, a Região Platina foi forjada por disputas entre estados nacionais e disputas internas pelo poder, no qual o Rio Grande do Sul fez e faz parte. Ou seja, a região fronteiriça Platina é compreendida “como um espaço em que estes líderes constituíram suas redes de poder com base nas propriedades, heranças familiares, relações sociais e políticas, que foram mobilizadas durante a guerra” (ROSSATO, 2022, p. 18).

Segundo Rossato (2014, p.37), para controlar e ampliar a fronteira foi criado o policiamento militar que visava a proteção das divisas políticas entre os Estados Nacionais, como um equilíbrio de poder. Essas guarnições fronteiriças eram responsáveis também pela ocupação, uso do território, construção de fortes, a fim de proteger e controlar as fronteiras, surgindo a figura dos comandantes da guarda militar. Foi neste processo de defesa dos territórios, definição de limites e expansão territorial que surgiu a estratégia do governo português de conceder sesmarias⁴.

Dessa forma, muitas sesmarias foram destinadas aos imigrantes açorianos, que chegaram pela Vila de Rio Pardo e se espalharam pelo território riograndense. Ao final do século XVIII e início do século XIX, algumas famílias deram entrada por Encruzilhada e seguiram para território uruguaio a fim de comprarem estâncias. Os brasileiros passaram adquirir terras para pastoreio ao norte do Uruguai, “onde a produção de gado era facilitada pelas

⁴ As sesmarias eram áreas de terras distribuídas a um beneficiário. Faziam parte de um projeto povoador, pressuposto da aquisição da propriedade da terra, que teve início com a vinda dos açorianos a partir de 1750. A concessão objetivava “implementar as condições e assegurar a Portugal as Campanhas do Sul do Brasil” (ESPÍRITO SANTO, 2006, 35p.).

grandes extensões de terras e pastagens, de onde eram levados até as charqueadas da Província do Rio Grande do Sul” (ROSSATO, 2014, p.41).

Outra forma dos estancieiros ampliarem seus patrimônios foi através de suas participações na conquista e defesa dos territórios, durante o processo de construção dos Estados Nacionais. A iniciativa dos estancieiros para reunir meios financeiros e a cooptação de homens, para defenderem as fronteiras e conquistarem novos territórios para Portugal, fez com que recebessem em troca gratificações, recursos e ascendessem socialmente. Enquanto o governo imperial não teve exército, “aliou-se aos chefes locais do Rio Grande de São Pedro que eram capazes de mobilizar recursos e pessoas para a defesa do território português e na expansão e consolidação das Fronteiras do Império” (ROSSATO, 2014, p.42).

Com a incorporação da Banda Oriental ao território brasileiro em 1822, houve uma flexibilização da fronteira para os estancieiros brasileiros que transitavam e negociavam na região. A partir da Guerra da Cisplatina (1825-1828), que resultou na independência da Província Cisplatina, e passou a se chamar de Estado Oriental do Uruguai, “os estancieiros brasileiros viram-se prejudicados com a devastação dos campos, com a perda do prestígio militar, o fechamento da Fronteira, e a insegurança do direito sobre as terras no Uruguai” (ROSSATO, 2014, p.43), ao mesmo tempo em que, o governo imperial passou a cobrar impostos e dívidas da guerra, causando contrariedade.

No entanto, segundo Rossato (2014, p.55), os brasileiros continuaram com suas propriedades tanto no Brasil quanto no Uruguai. Conforme a legislação uruguaia (Constituição 1830), os brasileiros na condição de “vecino” eram tidos dentro da legalidade, com direito a eleger e se candidatar a cargos políticos. Da mesma forma, de acordo com a Constituição brasileira de 1824, os nascidos em outros Estados Nacionais, filhos de brasileiros eram considerados brasileiros, concedendo a estes fronteiriços a dupla cidadania – foi o caso, por exemplo, de Gaspar Silveira Martins.

Neste contexto, estancieiros da região de fronteira em suas trajetórias galgavam espaços sociais e atuavam como políticos locais, regionais e do Império ou República brasileiros. O poder econômico e político familiar era características destes cidadãos que pertenciam a uma elite fronteira Platina, em que, a influência familiar era importante para fomentar as relações de poder, manter a hierarquia social e sustentação dos privilégios. Dentre as estratégias utilizadas para continuarem no poder e manterem ou aumentarem seu poder econômico e social, estão, o bom relacionamento com a sociedade charqueadora, relações

parentais, carreira, arranjos matrimoniais, apadrinhamentos, participação na maçonaria, ocupação de espaços militares e políticos partidários.

Segundo Rossato (2014, p.65), alguns políticos passavam a representar os interesses da região de fronteira platina, de grupos sociais e econômicos como estancieiros e comerciantes, atuando na mediação das pretensões de suas bases nas esferas políticas. Assim, a atuação política desses fronteiriços em suas trajetórias tanto junto ao poder Legislativo como no Executivo, era de acordo com suas representatividades, que ficavam evidentes a medida que apresentavam suas ideias e projetos. Dentre esse grupo havia políticos, como Silveira Martins, que defendiam para o Brasil a afirmação de um Estado liberal. O fato de ser liberal não impedia a escolha pela Monarquia ou República, mas defendia “um projeto de organização de um Estado liberal moderno ao Brasil, com base no parlamentarismo, descentralização administrativa, autonomia dos municípios, estado laico, imigração e colonização” (2014, p.111). Gaspar Silveira Martins, defendia “a não interferência do governo central na vida política das províncias, atendendo as elites locais na manutenção do poder local, pois a centralização limitava a vida política e econômica da Província do Rio Grande do Sul” (ROSSATO, 2014, p.111).

Dessa forma, iniciaram os debates sobre a separação entre o Estado e a Igreja Católica. Os políticos liberais e o Grande Oriente Brasileiro criticavam essa união (padroado⁵) que consideravam incompatível com um Estado liberal e moderno, já que eram a favor da laicização da sociedade. No grupo de parlamentares liberais estava Gaspar Silveira Martins, que era defensor de uma “igreja livre no Estado livre”. Os políticos liberais e Silveira Martins acusavam a Igreja Católica de ser privilegiada, porque à medida que recebia cômmodos do Estado, era sustentada com dinheiro dos impostos pagos pelo povo. Para ele, a separação dos poderes civis e eclesiásticos evitaria dissabores e cada um ficaria concentrado as suas competências e atividades, sem intervenções de outrem. Os Republicanos Positivistas também defendiam esta proposta. O que estava em discussão era o “despotismo clerical” que tolhia a liberdade civil, e reprimia a liberdade política. Assim, na chamada Questão Religiosa está presente a crise e a crítica ao padroado (ROSSATO, 2014, p.119).

Durante a trajetória política, a maçonaria foi uma importante aliada do maçom Silveira Martins, proporcionando um aumento na rede de relações e apoiadores. No Rio Grande do Sul

⁵ ROSSATO, Monica. **Relações de poder na região fronteira platina: Família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.p.111-119.

a maçonaria estava inserida principalmente no grupo de imigrantes de origem alemã, os quais tinham Silveira Martins como elo ao governo central. Segundo Rossato (2014, p.122), por causa das pautas defendidas, como: Estado Laico, reforma eleitoral, imigração, nacionalização dos estrangeiros, igualdade política a todos os brasileiros independente de credo, Silveira Martins passou a fazer parte da ala radical do Partido Liberal e foi visto também como republicano.

Todos estes temas e outros presentes na Dissertação, fazem parte da trajetória política de Gaspar Silveira Martins. Observamos que a proposta construída por Rossato é de uma releitura da trajetória de Silveira Martins, baseada em “relações sociais construídas e os espaços sociais por ele ocupados” (2014, p.24). A autora afirma ainda que: “um homem típico da Fronteira, espaço caracterizado pela integração, circulação e conflito, em que as práticas individuais e coletivas deram base às relações sociais e de poder construídas e que muito bem caracterizam o período e região” (ROSSATO, 2014, p.25). Descrição do panorama que propicia entendermos nosso personagem, Coriolano de Castro.

No que se refere a Dissertação de Gustavo Figueira Andrade (2017, p.7), observamos que ele trabalhou com as relações entre elites políticas e grupos dominantes econômicos e sociais a partir do estudo de fontes documentais, especialmente de correspondências da família do General Joca Tavares. Assim, a temática central é “Trajetória Política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): Família, Comunicação e Fronteira”, no período de 1892 a 1895.

Segundo Andrade (2017), alguns políticos que eram lideranças da fronteira platina, ligados a partidos que protegiam o Império, discordavam do rumo que o Partido Republicano Riograndense⁶ (PRR) tomara no final do século XIX. Devido a isto, Joca Tavares que antes era vinculado a defesa da República próximo ao PRR, vai para o Partido Federalista. Os confrontos entre o autoritarismo e centralismo do PRR e o seu adversário liberal, conforme Andrade (2017, p.31), causa a Revolução Federalista. Ou seja, a Revolução Federalista foi um conflito intra-oligárquico que resultou da soma de vários elementos que acarretaram a perda de privilégios. A falta de entendimento com os castilhistas/PRR, que estavam no governo do Rio Grande do Sul, impediu o processo de organização dos federalistas que “diante da recusa de um

⁶ “O PRR contava com grupos que se pautavam por uma matriz política de cunho Positivista, a qual veio ser adaptada, por Júlio de Castilhos, à realidade do Rio Grande do Sul, adquirindo peculiaridades em relação ao pensamento de August Comte. Esse partido também possuía adeptos que seguiam uma vertente liberal como, por exemplo, Joaquim Francisco de Assis Brasil, o qual veio fazer oposição a Castilhos e ao formato dado ao seu governo, considerado autoritário por Assis Brasil” (ANDRADE, 2022, p.42).

entendimento político e da impossibilidade de a oposição participar do governo ou mesmo de uma perspectiva de mudança, impulsionando pelo sectarismo e radicalismo do Partido Republicano Riograndense”, encontraram como saída o conflito armado, seguindo os princípios Liberais.

As perseguições políticas, os assassinatos e os saques aumentaram a desaprovação ao Governo de Castilhos⁷ e serviram de estímulo para o início da revolução que tinha por objetivo tirar Júlio de Castilhos e o PRR do Poder. O que tornou os federalistas como os mais importantes adversários políticos dos republicanos no Estado do Rio Grande do Sul. Esses conflitos serviam de certo modo para testar as habilidades de negociação política intrapartidária e de acordos coronelísticos. As disputas políticas chefiadas por Joca Tavares em oposição as determinações de Júlio de Castilhos, principal líder do Partido Republicano Riograndense (PRR), fez entender como os grupos dominantes e suas táticas foram fundamentais para criarem as estruturas políticas, sociais e econômicas no espaço fronteiriço platino.

Andrade (2017), trouxe um enfoque voltado ao seu objeto de pesquisa, destacando as disputas pelo poder no cenário político partidário rio-grandense, apresentando uma excelente revisão de autores e obras. Analisou a atuação do caudilho platino, Joca Tavares, durante a Revolução Federalista, em que o autor descreve como se construíram as lideranças políticas e militares. Assim, “compreender e analisar a trajetória política deste sujeito e da formação deste espaço de experiência que veio a ser utilizado durante a Revolução Federalista” (ANDRADE, 2017, p.32). Para construir a trajetória de Joca Tavares, dividiu a pesquisa em três capítulos. O primeiro aborda “As Correspondências como Fontes Históricas”, em que analisa metodologicamente de forma quantitativa e qualitativa as correspondências recebidas e enviadas pelo General João Nunes da Silva Tavares. No segundo capítulo tratou sobre “As Cartas do General João Nunes da Silva Tavares: Alguns Apontamentos Bibliográficos” que contempla a biografia e a trajetória. O terceiro capítulo versa a respeito de “O Coronel do Império, o Caudilho e a Fronteira: a atuação do general João Nunes da Silva Tavares na organização logística do exército libertador durante a revolução federalista de 1893 a 1895”, abrangendo os temas: Caudilho, Fronteira a organização logística do exército libertador 1893 a 1895⁸.

⁷ Júlio de Castilhos aos poucos foi afastando os antigos liberais e colocando em seus lugares membros do PRR, o que não agradou parte dos correligionários que saíram do partido, “como: Demétrio Ribeiro, Barros Cassal e Joaquim Francisco de Assis Brasil” (ANDRADE, 2022, p.49).

⁸ Em sua tese de Doutorado, defendida em 2021, Gustavo Figueira Andrade apresenta uma revisão na cronologia tradicional da Revolução Federalista, demonstrando que a datação de 1893 a 1895 está vinculada a uma designação dada pelo PRR. Porém, para o autor, o conflito teria iniciado em 1891 e encerrado somente em 1896.

O autor se utilizou das possibilidades da História Política, que ampliou o uso de fontes e métodos, como as correspondências, pois estas permitiram “compreender o indivíduo e sua trajetória política por meio de suas redes de relações e poder” (ANDRADE, 2017, p.157). Assim, trabalhar com trajetória política visa priorizar as relações sociais e de poder que definem e explicam um personagem e que demonstram como o processo histórico se desenvolve no “micro” e no “macro” do espaço/contexto da História.

A partir disso, outro livro que destacamos sua importância ao nosso estudo é da autora Loiva Otero Félix (1996), “Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política”, pois abrange, exatamente, o período que destacaremos de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.

Segundo Félix (1996), na República Velha (1889 a 1930), as relações coronelistas foram determinantes na batalha pelo poder político e econômico dentro do processo histórico e social do Estado do Rio Grande do Sul. As relações coronelistas deram sustentação ao Partido Republicano Riograndense (PRR) no Governo do Estado do Rio Grande do Sul, durante o início da República, e fundamentou Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros na manutenção do poder. Ou seja, o poder de líderes locais e/ou regionais e as relações sociais de “apadrinhamento” existentes entre estes líderes – os coronéis, e seus apoiadores reforçaram a transição da institucionalização do poder do Estado, o poder pessoal e o poder do partido. Assim, a figura do coronel era identificada como: “aquele que protege, socorre, homizia e sustenta materialmente os seus protegidos; por sua vez, exige deles a vida, a obediência e a fidelidade. É por isso que coronelismo significa força política e força militar” (FÉLIX, 1996, p. 129 *apud* CARONE, 1969), na tradição política da implantação da República brasileira.

A adesão dos chefes locais foi importante ao PRR, para utilização a seu favor das “instituições formais de poder (intendências, conselhos municipais e comissões executivas dos diretórios partidários locais)”, da mesma forma que “instituições informais de poder (Igrejas: Católica e Evangélica, Maçonaria, sociedades recreativas, associações sindicatos e cooperativas) e núcleos coloniais imigrantes” (FÉLIX, 1996, p. 13).

Nesta época a Igreja atuava como um poder disciplinar, com acesso a todos os momentos da vida dos integrantes das comunidades em uma “relação de dominação, subordinação e resistência” (FÉLIX, 1996.p.13). Apesar da formação do Rio Grande do Sul dificultar a presença e o controle da sociedade por parte da Igreja Católica, ao longo do tempo ela passou a ser mediadora junto a oligarquia no poder e a população, tanto a nível estadual

como nacional, o que assegurou entrosamento e proteção para expansão do catolicismo e seu patrimônio, mesmo tendo o padroado sido desfeito com a implantação da República no Brasil.

Neste contexto, os coronéis-chefes locais e os religiosos serviam de mediadores para o grupo dominante, como instrumentos de cooptação de eleitores, “soldados”⁹ e mão de obra. Sendo que, os coronéis “borgistas” foram os que mais vantagens obtiveram ao se utilizarem da proximidade com o poder, em benefícios próprios, dentro do cenário econômico e social. Segundo Félix (1996, p.13), um dos exemplos foi a criação dos Corpos Provisórios da Brigada Militar, em que a formação e o comando das forças auxiliares ficaram a cargo desses coronéis.

No entanto, entre os coronéis riograndenses havia os que se opunham ao borgismo, esse grupo era formado por integrantes do Partido Federalista (maragatos) e dissidentes do partido Republicano Riograndense. Nessa oposição figuravam, Francisco de Assis Brasil, Gaspar da Silveira Martins, João Nunes da Silva Tavares, José Antônio Netto, Honório Lemos, **Coriolano Alves de Oliveira e Castro**, entre outros, que lutaram contra o autoritarismo de Borges de Medeiros. Eles eram, em sua maioria, da Zona de fronteira sul e campanha e tinham como base econômica a pecuária.

Segundo Félix (1996, p.58), nessa época da República Velha, o Estado do Rio Grande do Sul estava desassistido pelo governo federal e afastado do restante do país. No Rio Grande do Sul outras áreas do Estado estavam se destacando economicamente, como as zonas: Litorânea, Colonial e Planalto Central, assim, surgiu um novo eixo de importância política no Estado. O Planalto Central ou Planalto Médio, que teve Cruz Alta como centro do novo polo pecuário, passou a “incorporar o antigo coronelismo (caudilhistas) pela ideologia positivista em sua versão do castilhismo-borgismo” (FÉLIX, 1996, p.60). Essa mudança ocorreu de forma gradual e se consolidou a partir da Revolução Federalista.

Até o último quarto do século XIX, a Fronteira Sul e a Campanha mantiveram sua hegemonia política, mas diante das transformações demográficas, econômicas e sociais ocorridas, houve perda de prestígio desta região em favor do Planalto Médio. As alterações nas forças políticas deram-se, em parte, devido a consolidação do PRR no poder através do apoio da região serrana do Planalto Médio. Embora, “comprovadamente, os coronéis do Império eram incontestavelmente os da Fronteira, com nítido acento caudilhistas, militar e com influência da região do Prata” (FÉLIX, 1996, p.62). Já os da Serra, durante a República, “eram cooptados

⁹ “Soldados locais e de outras nacionalidades que eram arregimentados tanto por federalistas, quanto pelos republicanos, servindo nas forças que lhes pagassem um soldo, satisfazendo seus interesses financeiros ou interesses outros” (ANDRADE, 2022, p.139).

pelo governo republicano e asseguravam suporte de legitimidade para o isolacionismo gaúcho, em relação ao resto do país, sendo este isolacionismo patrocinado pelo Estado autoritário borgista”(FÉLIX, 1996, p.62). Panorama este que foi modificado com a Revolução de 1923, quando ocorreu uma reação de retomada do poder central do Estado.

Os dois grupos que disputavam o poder eram os republicanos (PRR) e gasparistas (PF). Os gasparistas que faziam parte do Partido Liberal, no período monárquico, detinham a maioria dos cargos no Estado, controlavam a Guarda Nacional e governavam a maior parte dos municípios. Este grupo era dominado pelos estancieiros que mesmo após o advento da Abolição mantiveram o partido Liberal forte, mesmo tendo havido adesão a causa republicana, não houve troca para o PRR, assim, com a instauração da República, o Partido Liberal transformou-se em Partido Federalista, com tendência republicana liberal.

A oligarquia republicana era integrada por diversos segmentos sociais do Rio Grande do Sul, inclusive estancieiros. Os positivistas propunham para “o Estado uma atuação que garantisse igualdade de competição contra os privilégios econômicos, que estabelecesse um sistema de impostos diretos e que cerceasse a ampliação do latifúndio e das posses indevidas de terras” (FÉLIX, 1996, p.68). O grupo era organizado, ideologizado e conseguiu ascender o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, mesmo sendo minoria.

Os primeiros atos adotados por Júlio de Castilhos (PRR) já demonstraram o caráter autoritário e ditatorial que seria sua tendência no Governo do RS. Essa diretriz baseada no projeto político republicano, inspirado no comtismo e com características próprias. A obediência foi ingrediente de coerção e de legitimação política resultando em uma combinação de interesses que fora fundamental para o governo estadual. Essa obediência às normas e decisões do governo exigia dos coronéis submissão, sem direito a questionamentos. Apesar de o poder de Borges de Medeiros parecer estar bem consolidado, houve um período de instabilidade de 1923 a 1928, quando ocorreram movimentos armados com participação de coronéis civis e dissidências do Exército. Esses “movimentos armados de 1923,1924 e 1927, tiveram a participação efetiva dos coronéis situacionistas da extinta Guarda Nacional, como chefes de corpos provisórios, ao lado do efetivo da Brigada Militar” (FÉLIX,1996, p.84).

Nesse cenário, o Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro que ao se desentender com Borges de Medeiros e Baltazar de Bem e Canto havia passado a fazer parte do grupo dos dissidentes do PRR, declarou apoio a Assis Brasil para a eleição e aderiu ao Partido Federalista criado por Silveira Martins e Joca Tavares ainda no século XIX.

Assim, esta breve revisão bibliográfica pretende demonstrar qual a influência que tivemos, na opção e produção de nosso estudo sobre a construção da trajetória política de Coronel Coriolano Castro. Visou demonstrar a importância de estudos que tratem da relação do poder local/regional com o estadual/nacional, em uma região que possui forte marca das influências fronteiriças e das relações sociais coronelistas – como Caçapava, no centro-sul do Rio Grande do Sul, em que a trajetória Política do Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro de 1891 a 1939 é um exemplo.

2.2 QUEM FOI O CORONEL CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO

Figura 2 – Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: Arquivo da Casa de Cultura Juarez Teixeira, Caçapava do Sul, em 21 de março de 2022.

A fronteira platina foi palco de inúmeras mudanças no século XIX e na virada para o século XX. Os conflitos internos se acirraram no Brasil, tanto a nível nacional quanto no Rio Grande do Sul, especialmente devido as transformações ocorridas pela mudança do regime de Monarquia para a República, desencadeando muitos conflitos e disputas pelo poder. Período esse, em que viveu, o Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Nascido em 23 de setembro de 1863, na localidade de Passo da Olaria, no então Município de Caçapava, na Província do Rio Grande do Sul. Ou seja, e de acordo com a Lei nº 1.083/99, de 23 de junho de 1999, do Município de Santana da Boa Vista - RS, o local de seu nascimento foi no Passo da Olaria, atualmente propriedade do Senhor Juarez Correa da Rosa, em Santana da Boa Vista, que na época, pertencia ao território do Município de Caçapava do Sul, que foi emancipado em 17 de setembro de 1965. Coriolano Castro foi batizado em primeiro de janeiro de 1864 na Igreja Matriz de Santana, então 5º Distrito de Caçapava.

Segundo Cassol e Abrão (1983), Coriolano Castro era o terceiro filho do Capitão Albino Alves de Oliveira e Castro e Luiza Gomes da Silva, casados em 30 de setembro de 1856, na Capela de Santana. O Capitão Albino vinha de uma família tradicional de linhagem militar, nascido em Canguçu – RS. Luiza Gomes de Castro nasceu em 1835, em Santana, no Município de Caçapava. Residiam na estância e viviam da pecuária e agricultura. Eram descendentes de Portugueses Açorianos que chegaram ao Brasil por Rio Pardo e Encruzilhada, tendo propriedades em Caçapava do Sul e em Pelotas, bem como em Taquarembó (Figura 3), na República Oriental do Uruguai. Albino Castro faleceu em 16 de setembro de 1870 e Luiza em 26 de julho de 1878, em Santana, no 5º Distrito de Caçapava, na Província do Rio Grande do Sul.

Figura 3 - Mapa da localização das cidades de Caçapava do Sul- Brasil e Taquarembó – Uruguai



Fonte: Mapa elaborado por Eduardo Prates Bordinhão, 2022.

De acordo com Cassol e Abrão (1983, p.19), Coriolano Castro foi para Pelotas para cursar Direito, local onde conheceu um grupo de republicanos. Assim, passou a integrar esse grupo e a difundir os ideais republicanos. Conforme Pacheco (2006), caracterizavam-se por ser “republicanos liberais”, inspirados no modelo de República federativa adotado pelos Estados Unidos, em que defendiam uma reforma eleitoral, a separação entre o Estado e Igreja e a abolição da escravatura (p.143). Ao mesmo tempo, buscavam na República Riograndense dos farroupilhas inspiração e motivação.

No Rio Grande do Sul foi nas hostes do Partido Liberal que se abrigaram os republicanos, pois os esforços dos propagandistas em emplacar a criação de um partido no RS ainda não foram suficientes, sendo necessário usar para suas candidaturas o Partido Liberal que tinha uma linha ideológica semelhante e “adotaram um discurso característico do ideário Farroupilha, marcadamente reformador e questionador do centralismo monárquico” (PACHECO, 2006, p.142). O Partido Liberal se fortaleceu na Província especialmente com a derrota do Partido Conservador (dividido regionalmente), e permaneceu hegemônico desde 1872 até a queda do Império (PICCOLO, 1992, p.59). O processo histórico e as divisões internas dos partidos (Conservador e Liberal), propiciaram o surgimento do Partido Republicano. Na Faculdade de Direito de São Paulo, formou-se um grupo de republicanos riograndenses que se tornaram importantes no “processo político regional, como Pinheiro Machado (1874-1879) Júlio de Castilhos (1877-1881) Assis Brasil (1876-1882) e Borges de

Medeiros (1881-1884)” (PACHECO, 2006, p.144). Destas influências também surgiram a criação dos clubes, núcleos e posteriormente do Partido Republicano Riograndense (1882).

Segundo Pacheco (2006), os movimentos em defesa da república levam a formação dos clubes republicanos, que segundo ele “andou lentamente na província” sulina. Em “1876 foi fundado o primeiro clube em Palmeira das Missões; em 1878, o de Porto Alegre, e, em 1881, o de São Borja” (PACHECO, 2006, p.143). Também, foi fundado “em 1881, o Centro Republicano Caçapavano, com a presença de Ramiro Barcelos, Antão Farias, Baltazar de Bem e Canto, Romão Mariano Xavier¹⁰, Aristides Lobato, Antônio Celso de Campos, Dinarte Ribeiro e vários outros jovens entusiastas dos ideais republicanos” (ABRÃO, 1975, p.9).

Assim, a partir dos finais dos anos setenta que os republicanos começaram a demonstrar sua organização que, segundo Helga Piccolo (1992, 71-72), em 1889 com a queda da Monarquia, já havia representações em praticamente todo o Rio Grande do Sul. Ou seja, a formação dos clubes fortaleceu a divulgação dos ideários republicanos e a constituição do Partido Republicano Riograndense (PRR), fundado em 1882.

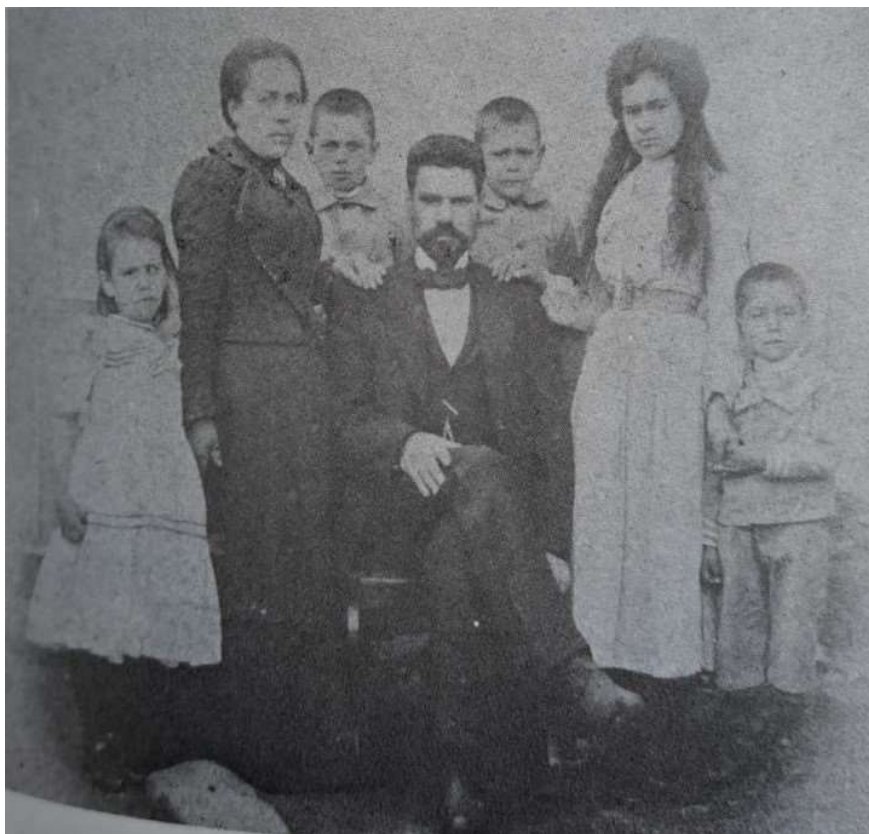
Em Caçapava, o Clube Republicano teve significativa atuação na vida política do Rio Grande do Sul e destacada atuação na propaganda republicana, tanto que promoveu a criação de um segundo clube fundado no 5º Distrito de Caçapava, em Santana. O Clube Democrata fundado em 25 de agosto de 1882 funcionou até 24 junho de 1883. Desse grupo fazia parte Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Rodolpho Martins Klain, Lafayette Jozé Renault, Joaquim Lopes Corrêa, João Januário de Castro, Hildebrando Hermeto Garcia, Ernesto Hermes Garcia e Luiz Pedro Alves de Castro (sócios permanentes) e Malachias Jozé de Castro, Feliciano Pereira da Silva (sócios honorários).

Republicano, Federalista e Liberal, Coriolano Castro lutou pela mudança de regime de governo no Brasil e volta de Pelotas para Caçapava, consolida sua liderança e influência social. Conforme Cassol e Abrão (1983, p.20), Coriolano Castro se casou com Amalia Medeiros, em 12 de março de 1885. Amalia Medeiros era filha de Zeferino José dos Santos e Tolentina Medeiros dos Santos, conforme dados da Paróquia de São Gregório do Rio Negro, Estado Oriental do Uruguai. Passaram a residir no Passo do Pessegueiro/Rodeio Velho,

¹⁰ Romão Mariano Xavier foi um líder legalista na Revolução Federalista, correligionário de Coriolano Castro, que comandava a força governista em Caçapava. Responsável por guarnecer Laurentino Pinto que estava preso, na casa onde hoje é o Arquivo Histórico Municipal Nicolau Silveira Abrão. Laurentino, com ajuda de um soldado que se passou por leiteiro, fugiu e Romão o perseguiu entrando em choque com o Piquete Maragato comandado por Tibúrcio Silveira, das tropas de Estácio Azambuja e acabou morto em 17 de fevereiro de 1893. Após o embate os revolucionários liderados por Laurentino Pinto tomaram posse da cidade de Caçapava (ABRÃO, 1975, p.9).

próximo a Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, atualmente Município de Santana da Boa Vista - RS. Conforme inventário procedido por falecimento de Amália Medeiros de Castro, em 1924, de que foi inventariante o viúvo, Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro, resultaram do casamento seis filhos/ herdeiros (Anexo IV): Luiz Cecílio de Castro, Albino Alves de Castro, Maria Julia de Castro, Maurília Alves de Castro, Coriolano de Castro Filho e Orlando Alves de Oliveira e Castro. Abaixo a imagem da família do primeiro casamento de Coriolano Castro.

Figura 4 – Coriolano Castro, Amália Medeiros e seus filhos, com exceção de Albino Alves de Castro, na Fazenda do Passo do Pessegueiro, em Santana da Vista (Caçapava).



Fonte: CASSOL, Arnaldo Luiz. ABRÃO, Nicolau Silveira. **Coronel Coriolano Castro**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1983, p.115.

Mesmo morando no interior do Município, Coriolano Castro foi convidado para presidir em Caçapava o Conselho Regional de Ensino do Rio Grande do Sul, a convite do Inspetor de Educação Pena de Moraes, em 2 de fevereiro de 1889. Nesta época, conheceu a

Maçonaria, foi iniciado na Loja Maçônica Rio Branco de Pelotas, cidade pelo qual iniciou sua atuação junto aos republicanos.

Não demorou muito e Coriolano Castro funda, em 15 de fevereiro de 1896 a Loja Maçônica Guilherme Dias, em 1º de janeiro de 1889, em Santana (então Município de Caçapava), sendo seu primeiro Grão-Mestre. Tal Loja recebe o nome de “Guilherme Dias” em homenagem a um sacerdote atuante politicamente em Pelotas.¹¹

Figura 5 – Diploma de Libindo Alves de Oliveira em 5901, da Loja Maçônica Guilherme Dias, em Santana da Vista (Caçapava).



Fonte: Acervo Particular de Adejair dos Santos Pedrozo.

¹¹ Mais informações desenvolveremos no segundo capítulo.

De acordo com Cassol e Abrão (1983, p 21) quando irrompe a Revolução Federalista, Coriolano Alves de Oliveira e Castro, alistou-se voluntariamente, para combater ao lado de Pinheiro Machado, como soldado legalista. Ao longo da revolução ele recebe promoções até o posto de Major. Combateu em vários lugares, mas principalmente na zona de fronteira com o Uruguai, país onde morou por um período na propriedade da família, em Taquarembó. As facilidades fronteiriças e propriedades em ambos os lados dos países vizinhos, facilitam esse intercambio, favorecendo estratégias, como recurso de fugas. No Exército legalista fez parte do Estado Maior do General José Gomes Pinheiro Machado. Conforme o Caderno de Registros de Ordens do Dia, em 1º de setembro de 1895, ele atuava como Major no comando da Ala Esquerda do 17º Corpo de Milícia Civil e Guarnição. O momento registrado na imagem abaixo, é de integrantes do Estado Maior de Pinheiro Machado, na Divisão do Norte, em que, Coriolano Castro está indicado pelo número um (1) e Pinheiro Machado, com o número dois (2).

Figura 6 – Coriolano Castro no Estado Maior de Pinheiro Machado.



Fonte: COUTINHO, Albino José Ferreira. **Marcha da Divisão do Norte**. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2011.p.86.

Após a assinatura do Tratado de Paz em 23 de agosto de 1895, o Coronel Coriolano Castro retornou para Santana, no 5º Distrito de Caçapava e foi recebido com festejos pela sociedade local, fortalecendo assim sua liderança na região.

A estadia na fazenda não durou muito, segundo Cassol e Abrão (1983, p.24), Coriolano Castro foi escolhido para representar o Partido Republicano Riograndense (PRR), do qual era fundador, como candidato a Intendente de Caçapava. A eleição representava “o momento mais importante da exteriorização da disputa pelo poder local, sobretudo enquanto possibilidade de serem obtidas as graças do governo estadual, assegurando-se, com isto, a continuidade do reconhecimento social do prestígio político” (FÉLIX, 1996, p.105). Conforme telegramas encontrados no arquivo da Maçonaria, endereçados para Júlio de Castilhos, o Capitão Pedro Carvalho e alguns apoiadores republicanos solicitavam a indicação de Pedro Carvalho, em vez de Coriolano Castro, como representante do partido na disputa das eleições municipais. Entretanto, sanadas estas divergências internas no partido, Coriolano Alves de Oliveira e Castro concorreu ao pleito em que teve “ferrenhos adversários” e “foi eleito com quase 80% dos votos” (CASSOL e ABRÃO, 1983, p.24). Assim, conforme TEIXEIRA (2016, p.32), em 1901 teve início seu primeiro mandato como Intendente de Caçapava do Sul, que durou até o ano de 1905.

Em sua primeira administração de Caçapava, Coriolano Alves de Oliveira e Castro, realizou empreendimentos importantes, tendo por base os princípios positivistas – ordem e progresso; assim focou na educação, saúde. De acordo com Cassol e Abrão (1983, p. 76), em suas primeiras ações, instituiu o Ato nº 5, de 10 de março de 1901, que proibiu a pesca predatória por meio de detonação no Rio Camaquã. A penalidade era 24 horas de prisão e o pagamento de 30 mil réis de multa (apesar da dificuldade em fiscalizar, as pessoas não se arriscavam). Criou o matadouro público municipal, focando na higiene e sanidade animal, a fim de melhorar a qualidade da carne a ser vendida e assim consumida pela população.

Outra ação política de sua administração foi o investimento na mineração, com a abertura das Minas do Seival, Minas do Bom Jardim e Minas do Camaquã. De acordo com Abrão (1992, p.41-42), o cobre em Caçapava foi descoberto em 1825, por Frederick Sellow. Em 1898 uma companhia inglesa fez a sondagem e em 1901 foi organizada uma companhia de capital belga, com o fim de explorar a mina do Camaquã no município de Caçapava. A autorização para o funcionamento dessa companhia, a Sociedade Anônima Minas do Camaquã, com sede em Bruxelas, foi dada pelo Decreto nº 380 de 29 de abril de 1901. As terras da mina foram adquiridas do Coronel João Dias dos Santos Rosa (cunhado de Coriolano Castro).

Neste meio tempo, também funcionou a mina de cobre do “Seival”, no 2º Distrito de Caçapava, em que o cobre era embarcado para a Inglaterra. O minério era transportado de carretas para o Rio Negro, atual Hulha Negra, daí por estrada de ferro para o Porto de Rio Grande, de onde eram transportadas para a Bélgica, segundo registros de Abrão (1992, p.41-42). Esta exploração belga durou até 1908, causas várias como a baixa do mercado do cobre, a dificuldade crescente na extração do minério, a elevação dos salários, determinaram a paralisação dos trabalhos. Quando os belgas deixaram as Minas, as terras foram readquiridas pelo Coronel João Dias dos Santos Rosa através do Banco D’Outremer. Após a morte do Coronel João Dias, as terras ficaram para seu filho João Feliciano Dias.

Fazia 25 anos que as Minas do Camaquã estavam abandonadas, quando em 1933, realizou-se no Rio de Janeiro uma exposição nacional sobre minérios. Para expor no evento, João Feliciano Dias encaminhou uma amostra do minério das Minas do Camaquã que foi premiada. A qualidade do mineral despertou o interesse de companhias para explorarem a mina. Assim, o senhor João Feliciano Dias acabou vendendo a mina em 1934.

Quanto a Mina de Bom Jardim, em 05 de agosto de 1904, foi firmado Contrato (Anexo – VI) para funcionamento desta mina, com exploração dos minerais ouro e cobre, entre o proprietário das terras Bernardino Gonsalves Lara e os concessionários João Gastaldy e Agostinho Rossi. Coriolano Castro que foi mediador deste contrato¹², mas também era proprietário de terras que abarcavam a Mina do Bom Jardim.

Na educação, conforme pesquisa realizada na documentação do Arquivo da Prefeitura de Caçapava do Sul, foram investidos recursos públicos, de forma prioritária, em contratação de professores, infraestrutura e material escolar. Na época, as escolas funcionavam nas residências de pessoas que se disponibilizavam a ceder espaços que pudessem ser usados como sala de aula e na maioria das vezes hospedagem para os professores.

Conforme Arboitt (1990, p.39), até então as aulas eram particulares realizadas nas casas dos professores. O primeiro professor foi o Alferes Pedro Garcia, suas aulas eram particulares. O Neto do Alferes Pedro Garcia, Pedro Pereira Garcia tinha “aula particular”, que após a Revolução de 1923 se transformou em municipal. O salário recebido pelo professor Pedro Pereira Garcia consta no mapa enviado pela Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul à Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Segunda Diretoria Instrução Pública Porto Alegre, em 23 de dezembro de 1936. O Padre Vicente da Cruz Truvisqueiro

¹² Contrato em 04 de agosto de 1904.

“abriu também uma aula particular para moços instruindo os nas primeiras letras e na religião”, no prédio do “Império”, somente para moços, no período de 1922 a 1931 (RUBERT, 1956, p.192).

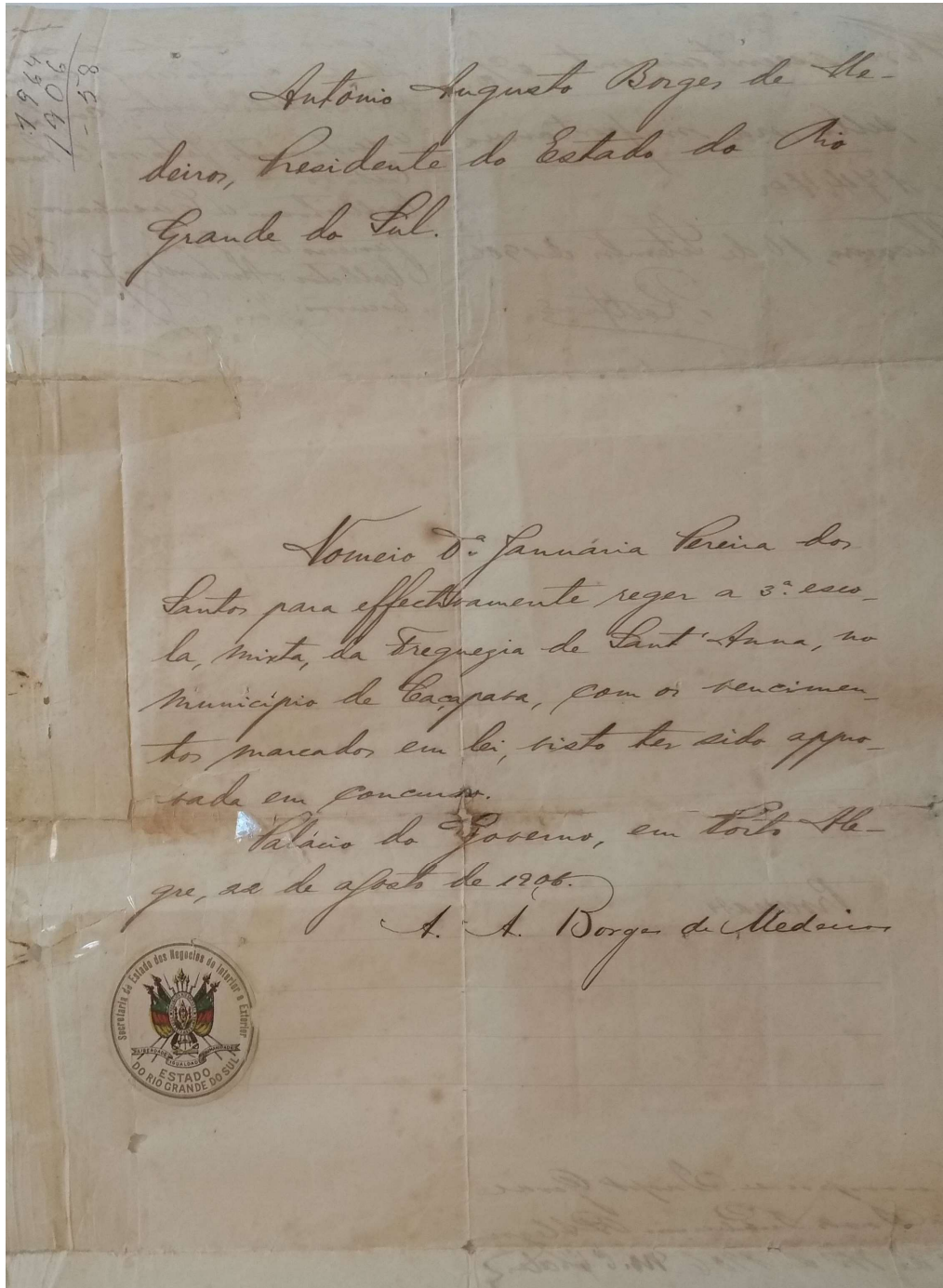
Em seu primeiro mandato, na Vila de Santaninha, segundo Cassol e Abrão (1983, p.23-24) a casa de Coriolano Castro foi cedida para ser a primeira escola pública da localidade (ver Figura 7), com prédio próprio. As despesas com a professora e a escola eram custeadas por Coriolano Castro. Para essa escola, quando Intendente, a seu pedido, foi nomeada pelo governador Antônio Borges de Medeiros, a professora Januária Santos de Freitas (ver Figura 8) para lecionar na 3ª Escola Mista da Freguesia de Santana, no 5º Distrito do Município de Caçapava do Sul, em 22 de agosto do ano de 1906, sendo a primeira professora com habilitação ao magistério a trabalhar no Distrito de Santana. Esta escola se transformou na Escola Estadual Jacinto Inácio.

Figura 7 – Casa de Coriolano Castro - 1º Prédio de Escola Pública em Santana da Vista (Caçapava).



Fonte: Acervo Coriolano Castro do Arquivo da Loja Maçônica Coriolano Castro de Caçapava do Sul.

Figura 8 – Nomeação da Professora Januária Freitas assinada por Borges de Medeiros em 1906.



Fonte: Acervo Coriolano Castro do Arquivo da Loja Maçônica Coriolano Castro de Caçapava do Sul.

De acordo com Cassol e Abrão (1983, p.25), durante o mandato de intendente Coriolano Castro continuava a cumprir suas atividades como Coronel da Guarda Nacional. Conforme Carta Patente expedida pela Presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, através do Decreto de 27 de julho de 1903, foi “nomeado Coriolano Alves de Castro ao Posto

de Coronel Comandante da 62ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Caçapava no Estado do Rio Grande do Sul”. O Decreto foi assinado pelo Presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves, em 18 de janeiro de 1904. Logo após, Coriolano Castro deu posse ao Capitão João Antonio Haag que havia sido nomeado pelo mesmo Decreto.

Figura 9 -.Carta Patente Coronel Coriolano Castro, assinada pelo Presidente da República em 1904.



Fonte: Acervo Particular Rosa Guimarães Greca, Caçapava do Sul.

Segundo André Fertig (2006), a Guarda Nacional Riograndense foi criada em 19 de agosto de 1831, pelo Império brasileiro e “tornou-se um dos pilares político-institucionais de sustentação do Estado imperial brasileiro, atuando principalmente, na manutenção da ordem social interna, na defesa da integridade territorial, defendendo suas Fronteiras, e na tentativa de

Constituição de uma identidade nacional” (p.71). O serviço em grande parte era de graça até 1965 e obrigatório para todos os homens de 16 a 60 anos, que fossem cidadãos ou filho de cidadãos¹³ brasileiros (p.72). O objetivo da concepção da Guarda Nacional era “defender a Constituição, a liberdade, independência e integridade do Império, para manter a obediência às leis, conservar ou restabelecer a ordem e a tranquilidade pública; e auxiliar o Exército de Linha, na defesa das Fronteiras e costas” (FERTIG, 2006, p.72 apud BRASIL, Coleção das Leis do Império, 1831, p. 53-54). Em 1873 quando foi instituída a Lei 2.395, em 10 de setembro, as atividades da Guarda Nacional ficaram restritas as situações extraordinárias, deixando de fazer funções militares e policiais. “A Guarda Nacional era uma instituição forte de caráter clientelista” (FERTIG, 2006, p.73), característica que marcou a cultura política das primeiras décadas da República brasileira. Em muitos casos, era uma característica, os comandantes darem licença a seus comandados em troca de lealdade pessoal ou voto, ou seja, a possibilidade da barganha. No entanto, a Guarda Nacional era responsável pela segurança nos municípios, o que era muito importante para a manutenção da ordem, garantia básica para o progresso conforme as bases da Constituição Riograndense positivista.

O Rio Grande do Sul, por ser um estado fronteiriço, a atenção do Governo Brasileiro inspirou cuidados na defesa, tanto dos brasileiros que ali viviam, como na garantia do território. Assim, a “atuação da Guarda Nacional representava tanto os objetivos da política externa Brasileira como os interesses privados da elite Riograndense, proprietária de terras no espaço fronteiriço entre o Brasil e Uruguai” (FERTIG, 2006, p.81-82), contribuindo na construção da identidade nacional brasileira e de certa forma, do papel dos riograndenses neste processo. A Guarda Nacional era considerada de grande importância enquanto força militar e teve uma participação expressiva também durante a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), em que o Rio Grande do Sul enviou o dobro de combatentes de outras províncias, por volta de 33.803.

Exatamente nas hostes da Guarda Nacional também entendemos a atuação e formação de Coriolano Castro, em que se observa uma cultura política fomentada em bases clientelistas, onde “a prática política é fundamentada nas relações pessoais que não distingue o interesse público do privado” (FERTIG, 2006, p73).

Desse período da Guarda Nacional tem-se um dos símbolos marcantes da trajetória de Coronel Coriolano Castro, a sua espada, usada nas revoluções que participou ao largo do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que se encontra preservada como patrimônio histórico no Museu de São Gabriel-RS, conforme Figura a seguir:

¹³ Para ser considerado cidadão com direito a voto nas eleições primárias, o brasileiro precisava ter uma renda anual de 100 mil réis e, a partir de 1846, de 200 mil réis (FERTIG, 2006,p.72).

Figura 10 – Espada doada pelo Coronel Coriolano Castro a João Pedro Nunes, em 3 de março de 1836, para o Museu em São Gabriel.



Fonte: Arquivo do Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, São Gabriel.
Fotografia de Zilamar Ferreira, 2023.

Assim, ao mesmo tempo em que atuava na Guarda Nacional, Coriolano Castro administrava o Município de Caçapava. No final do primeiro mandato como Intendente de Caçapava, veio a falecer a esposa do Coronel Coriolano, Amalia Medeiros de Castro, em 19 de novembro de 1904, deixando-o com seis filhos pequenos. Após alguns aconselhamentos, segundo relatos, o Coronel Coriolano Castro casa-se pela segunda vez, com Gasparina Simões Pires (nascida em 1881).

Figura 11 – Gasparina Simões Pires e Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: Acervo Coriolano Castro do Arquivo da Loja Maçônica Coriolano Castro de Caçapava do Sul.

Gasparina Simões Pires filha de Plácito de Lima Simões Pires e de Anna Cecília Freitas, era de uma tradicional família com muitas propriedades nos territórios dos hoje municípios de: São Sepé, Caçapava do Sul, Santana da Boa Vista, Encruzilhada, Santana do Livramento, Piratini, Pinheiro Machado, e terras no Uruguai, em Taquarembó e Salto.

Segundo Pires (2007, p.5), existiu um ramo da família Simões Pires que foi residir no Uruguai devido as turbulências políticas, revoluções, exílios e demarcações de limites no século XIX. Dentre eles estava Francisco de Lima Simões Pires, que por questões políticas, transferiu-se de Encruzilhada do Sul para Piratini e posteriormente para o Uruguai. Passou a residir em Mata Ojo Grande, Departamento de Salto e em Taquarembó, onde expandiu suas fazendas e criou seus filhos. A comunicação com os familiares e amigos no Brasil era feita por cartas, retratos e recados enviados através de pessoas de sua confiança. Suas propriedades serviam de

local de acolhimento de brasileiros em trânsito ou exilados. Este foi o caso de Pedro Rodrigues de Freitas e Feliciano Faria Corrêa (Chanoca), de São Sepé, que se exilaram na Argentina durante a Revolução Federalista, junto com Antão Gonçalves de Faria e depois, foram para a estância de Francisco, no Uruguai. Antão Gonçalves de Faria era filho de Mateus José Ferreira de Faria. Neto de Maria Esmeria Simões Pires, bisneto de Antonio Simões Pires, nascido em 17 de janeiro de 1854, em São Sepé e faleceu em 3 de fevereiro de 1936. Foi oficial da Marinha, engenheiro civil, Deputado Estadual pela União Nacional (14/04/1891), Deputado Federal, Constituinte em 1891, Secretário de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul (16/11/1889), Ministro de Aviação e Agricultura, republicano, Vice-Presidente do Estado do Rio Grande do Sul em 1890. Sua primeira eleição foi em 31 de dezembro de 1888, quando concorreu a deputado pelo PRR (6º Círculo), junto com Antônio Augusto Borges de Medeiros, Júlio Prates de Castilhos e Protásio Antônio Alves. Após a eleição de 15 de setembro de 1890, Antão Faria e Demétrio Ribeiro elegeram-se a deputados à 1ª Constituinte Republicana, pelo PRR. Antão Faria rompe com Júlio de Castilhos e em 21 de outubro de 1890 e passou a fazer parte da redação do jornal opositor “O Rio Grande”, junto com Barros Cassal, Demétrio Ribeiro, Venceslau Escobar e Silvio Rangel. A véspera da Revolução Federalista regressa ao Rio Grande do Sul para participar do movimento armado. Dos doze filhos de Francisco Simões Pires, oito, casaram-se com brasileiros. Dentre seus descendentes está Cesar de Lima Simões (Dr. de Lima), médico cardiologista em Taquarém e fazendeiro em Sopas, nas terras que foram de seu avô Francisco. A casa de Francisco de Lima Simões Pires, atualmente pertence à Universidade Católica de Salto no Uruguai. Esse ramo da família no Uruguai fazia parte do roteiro de visitas do casal, assim como o território argentino, de onde traziam lembranças para presentear “afilhados e amigos” (CASSOL e ABRÃO, 1983, p.28).

De acordo com Cassol e Abrão (1983, p.28), após a morte de seu sogro, Coriolano Castro e Gasparina, se mudaram da fazenda no Passo do Pessegueiro para a Fazenda do Irapuá, em 1912. Passaram a utilizar a fazenda durante o verão e no inverno iam residir na casa de Santana. A fazenda do Irapuã foi recebida por Plácido Simões Pires como herança, no inventário de Gaspar Simões Pires em 1863, e ficou para Gasparina Simões Pires. Coriolano Castro e Gasparina Simões Pires não tiveram filhos naturais, mas adotivos. O dia a dia da família era compartilhado pelos filhos de Coriolano, do primeiro matrimônio, inúmerosafilhados que residiam na casa, juntamente com os filhos de criação: Alda Castro, Gasparina Moreira e Pedro Jerre Moreira Greca. Nesta época Coriolano Castro já era um dos principais criadores de gado de Caçapava do Sul, fato ratificado pela relação abaixo.

Figura 12 – Relação dos principais criadores do Município de Caçapava do Sul em 1934.

Relação dos principais criadores do município de Caçapava, e respectivos endereços.

1	Adão Felix Teixeira.....	4º Distrito
2	Angelo Rodrigues de Freitas.....	5ª "
3	Dr. Carlos Lang.....	1ª "
4	Cel. Coriolano Alves de Oliveira e Castro.....	5ª Distrito
5	Emiliano Dias Ferreira.....	2º Distrito
6	Eduardo Rodrigues de Oliveira	4ª "
7	Erasmo Rodrigues Lopes.....	3ª "
8	Francisco Reis de Macedo.....	2ª "
9	Felintre Pinós de Freitas.....	2ª "
10	Fredolino Francisco Ferreira	3ª "
11	Franklin Rodrigues de Oliveira....	1ª "
12	Graciliano Manoel Alves.....	1ª "
13	Galvão José Saldanha	4ª "
14	Honorio Chaves Dias.....	1ª "
15	João Francisco Coelho Leal	2ª "
16	João Felix Lopes	2ª "
17	João Manoel Dias	2ª "
18	João Batista Pinto.....	3ª "
19	João Feliciano Dias	3ª "
20	José Luiz de Moraes	4ª "
21	João Felix de Oliveira	5ª "
22	José Pedro da Rosa	5ª "
23	Laurindo José Luiz	1ª "
24	Leandro Rodrigues Alves	5ª "
25	Manoel José Dias Ferreira	2º "
26	Virgilino José de Oliveira	3º "
27	Manoel Ribeiro de Moraes	4º "
28	Patricio Dias Ferreira	1º "
29	Pompeu Rodrigues de Freitas	6ª "
30	Valdomiro Felix de Oliveira.....	4ª "

Caçapava, 12 de Setembro de 1934

Secretario da Prefeitura.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, consultado em 2023.

Por volta de 1920, Coriolano Castro passa a articular a comunidade para dar início ao projeto de construção de um clube recreativo, inaugurado no dia 7 de setembro de 1922, na Vila de Santaninha, em homenagem ao centenário da Independência do Brasil. O Clube recebeu a denominação de Clube 7 de Setembro. A publicação do Estatuto do Clube 7 de Setembro foi em 15 de fevereiro de 1938, no Jornal Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, na seção II, página 07. Na fotografia a seguir está o registro de parte do grupo, de pé, da esquerda para direita, 1 – Sizino Sylvio Baptista; 2 - Marcino de Freitas Jacóbsen; 3 - José Maria Baptista; 4 – Adélio; 5 - Honório Dutra de Oliveira (Nerinho); 6 – Trajano Rodrigues de Freitas; 7 – José Antônio Henriques (Zezé); 8 – Hermínio Rodrigues da Silva (Toco); 9 – Pedro Marques Beek; 10 - João Manuel Félix. Sentados na mesma ordem, 1 - João Felix Soares; 2 - Ângelo Rodrigues de Freitas; 3 - Adelino de Freitas Jacóbsen; 4 - Leovegildo Rodrigues da Silva; 5 - Coriolano Alves de Oliveira e Castro; 6 - Lucrécio Rodrigues da Silva; 7 - Leovigildo Alves de Oliveira; 8 – Albrantino Rodrigues de Freitas; 9 - Mutuca; 10 - Simão Stefani.

Figura 13 – Coriolano Castro com grupo de santanenses em frente ao “Prédio do Império”, em 1920.



Fonte: Arquivo da Casa de Cultura Januária Freitas, em Santana da Boa Vista.

Neste grupo que fundou o Clube 7 de Setembro, estavam pelo menos dois integrantes da Loja Maçônica Guilherme Dias, Coriolano Castro e Leovigildo Alves de Oliveira. Na sua

maioria faziam parte do PRR e acompanharam Coriolano Castro quando saiu do Partido, indo para o Partido Federalista e posteriormente para o Partido Libertador. Da mesma forma que participavam das hostes revolucionárias comandadas por Coriolano Castro.

Neste contexto, Coriolano Castro foi eleito por três mandatos a Prefeitura de Caçapava, sendo o primeiro pelo PRR (1901 a 1905); o segundo pelo Partido Federalista (1925 a 1928) e o terceiro pelo Partido Libertador (1937 a 1938). Também, atuou nas revoluções em período conturbado da política sul riograndense e brasileira.

Segundo Trindade (1980) a primeira República Riograndense (1889-1930) foi apoiada em um partido republicano dominante e autoritário, em um contexto de contínua luta política que contribuiu para que uma oposição liberal se fortalece e se organizasse, tendo no Parlamento vozes importantes de apoio e de denúncias. Júlio de Castilhos esteve a frente do Executivo gaúcho e do PRR por 12 anos sendo substituído por Borges de Medeiros, caçapavano, após sua morte em 1903. Conforme Felix (1996, p.191), Borges fortaleceu uma “máquina própria do governo de controle político, de modo a consolidar-se no poder”, onde soube cooptar politicamente os poderes locais/municipais para o seu lado.

Com a reeleição de Borges de Medeiros em 1922, em que a fraude nas urnas levou o escancaramento da crise política, fez com que os seus opositores e os dissidentes do PRR se levantem em armas, ocasionando a Revolução de 1923. Com o Pacto de Pedras Altas, que pôs o fim a esta Revolução, entre os acordos foi estabelecido a permanência de Borges de Medeiros por mais este mandato, até 1928.

Em 1924 os opositores, entre eles os republicanos históricos e os federalistas criam a Aliança Libertadora, sob liderança de Assis Brasil, que será a base do Partido Libertador, criado em 1928 em São Gabriel. Este Partido juntamente ao PRR lançaram as bases para a Frente Única Gaúcha que levou Getúlio Vargas ao poder no Executivo nacional.

Assim, teremos o Coronel Coriolano Castro presente nas revoluções: Federalista (1891 a 1896), Revolução de 1923, nos Movimentos Tenentistas e na Revolução Constitucionalista de

1932. Mas nestes momentos Coriolano de Castro foi um liberal¹⁴ federalista¹⁵ no contexto sul-riograndense e um defensor da liberdade e legalidade no contexto nacional (Revolução Constitucionalista).

2.3 O CORONEL CORIOLANO DE CASTRO E AS REVOLUÇÕES NO SÉCULO XX

Logo após, em 1923, de acordo com Pesavento (2014), uma parcela oposicionista da Classe dominante arregimentou-se sob a liderança de Assis Brasil e foi às armas provocando a Revolução de 23, revoltados com mais uma eleição fraudulenta. Este foi o caso do Coronel Coriolano Castro que havia deixado o Partido Republicano Riograndense e passa apoiar os federalistas de Assis Brasil, ocasionando uma forte dissidência no PRR em Caçapava do Sul. Na época de propagandista e defensor da República, Coriolano Castro acreditava no regime republicano democrático e justo, em que, os governantes seriam resultado da escolha da maioria, ficando a minoria, “com o direito de fiscalizar e criticar”. Porém, com os rumos da política borgista, Coronel Coriolano inspirado na frase de Honório Lemes: “nós queremos a lei que governe os homens e não, os homens que governem a lei”, resolve colaborar efetivamente com o movimento que levou à eclosão da Revolução de 1923.

De acordo com o Diário escrito por Coriolano Castro, ele arregimentou homens em Caçapava e região, para lutar a favor de Assis Brasil, ao lado de José Antônio Netto (Zeca Netto) e Estácio Azambuja. Os integrantes de sua tropa eram originários de Santana da Boa Vista, Caçapava do Sul, Canguçu, Cachoeira do Sul, Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul, Bagé, São Sepé, Piratini e Cacimbinhas (Pinheiro Machado).

Coriolano Castro e seus homens, ora lutavam junto a Estácio Azambuja, ora com Zeca Netto, que se moviam pela zona sul e sudoeste do Rio Grande do Sul, zonas fronteiriças. Na foto a seguir, que consta no Álbum dos Bandoleiros, está José Antonio Netto (Zeca Netto) e seu Estado Maior, dentre estes líderes estão o Coronel Coriolano Castro e o Coronel Christóvão de Andrade.

¹⁴ “As ideias liberais do período, especialmente de John Locke, e do direito natural, que pautavam tanto as bases de um estado liberal quanto o exercício da cidadania, também envolviam o dever de defender o Estado contra a tirania, preservando a Constituição e a liberdade” (BOBBIO, 1984; ANDRADE, 2017 apud ANDRADE, 2022, p.42).

¹⁵ “Termo utilizado para os integrantes do Partido Federalista (PF) e aos apoiadores do partido ou grupo que por algum motivo estiveram junto a eles, como os liberais, ex-liberais, dissidentes republicanos, monárquicos, ex-conservadores” (ROSSATO, 2022, p.11).

Figura 14 – Coriolano Castro no Estado Maior de Zeca Netto, em 1923.



Fonte: ARAUJO, Carlos Horácio; BARRETO, Fernando. **Album dos Bandoleiros**. Edição 1923. Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, São Gabriel.2022.

A sua participação na Revolução de 1923, o Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro registrou em seu Diário, de 28 de março até 30 de outubro de 1923, afirmando que “tomou parte na insurreição para a libertação do Rio Grande do Sul da tirania¹⁶ de Borges de Medeiros”. O objetivo era “impedir o 5º mandato de Borges de Medeiros e propor a revisão constitucional”. A decisão de participar ativamente da Revolução de 1923, Coriolano Castro também a justificou em carta enviada a João Feliciano Dias, seu sobrinho e amigo, nas Minas do Camaquã, município de Caçapava, em 21 de março de 1923, onde escreveu sobre o movimento revolucionário que estava se formando no Rio Grande do Sul, “para a Conquista da Liberdade do Estado”, conforme excerto a seguir:

¹⁶ A compreensão de uma cidadania armada, pela qual todo cidadão deveria pegar em armas para lutar contra um governo considerado ilegítimo, que não representasse os interesses da maioria, entendido, assim, como tirânico, deveria exercer o direito de resistência” (ANDRADE, 2022, p.42).

Em primeiro lugar, desejo-vos saúde, a par da Sinhá e filhos. Não festivamente bem (Sic)

Já deves ter conhecimento do movimento revolucionário no Rio Grande em conquista da nossa liberdade. Tendo na Serra, uma forte coluna sobre o mando do intrépido Coronel Felipe Portinho; no Sul com Zeca Netto, Pedrozo e Brizzolara e outros; a Fronteira já deve ter outras forças de Dom Pedrito, Livramento e Bagé. Caçapava até agora calmo, somente aumentou a Guarda Municipal com 40 ou 50 homens.

Nós não devemos ficar indiferentes ao sacrifício dos nossos irmãos; devemos unir fileiras com eles e partilhar do mesmo ideal.

Se tiveres de acordo com o meu modo de pensar, peço-te avisar aos companheiros que estiverem dispostos a **morrer pela Liberdade**, de estarem de sobreaviso, com o pé no estribo, em aguardo unicamente da oportunidade para pôr-me em campo.

De tudo vos darei ciência previamente.
Abraça o velho amigo atento e obrigado.
Coriolano Alves de Oliveira e Castro

Assim, conforme livro próprio de anotações encontrado em seu acervo no Arquivo da Loja Maçônica Coriolano Castro, ao lado dos Maragatos, o Coronel Coriolano Castro comandou o 4º Corpo do Exército Libertador, ligado a 3ª Divisão do General Estácio Azambuja¹⁷ (Federalista) participando do Combate da Juliana¹⁸, como Coronel Comandante do Estado Maior. No Combate do Passo da Juliana teve “o segundo corpo da divisão de Claudino, comandado por Baltazar Guarani de Bem, atacando o quarto regimento da coluna de Estácio, comandado por Coriolano Castro” (MACHADO, 1999, p.44). Também, comandou a 5ª Brigada do 4º Corpo do Exército Libertador na Coluna do General João Antônio Neto (Zeca Neto)¹⁹, fazendo parte da tomada de Pelotas, em 29 de outubro de 1923. Neste evento, o Coronel Coriolano Castro, juntamente com o destacamento do Tenente Coronel Felipe Conca, no comando do 1º Corpo Provisório foi o responsável por conquistar a Sociedade Agrícola de Pelotas (atual Escola Federal) e Escola de Artes e Ofícios, em que estava alojado o 1º Corpo Provisório da Brigada Militar, sob o comando do Major Aldrovando Leão.

¹⁷ Estácio Xavier de Azambuja, General federalista na Revolução de 1923 e fundador do Partido Libertador em 1928. Fez parte das forças do Joca Tavares, na Revolução Federalista de 1893. Pecuarista de Camaquã e comerciante em Bagé. (MACHADO, 1999, p.43).

¹⁸ O Combate do Passo da Juliana foi entre a coluna federalista do General Estácio Azambuja, que era formada por revolucionários, bajeenses, gabrielenses, caçapavanos, sepeenses e de outros municípios e as forças legalistas de Claudino Nunes Pereira, da 5ª Brigada Provisória ou Divisão do Centro. O passo da Juliana situa-se no Rio São Sepé, próximo da atual localidade de Mata Grande entre São Sepé e Vila Nova do Sul (MACHADO, 1999, p.41).

¹⁹ José Antônio Netto (Zeca Neto), comandante Castilhistas da Revolução Federalista (1891 a 1896) e nas Revoluções de 1923 e 1924, foi General Maragato na Região Sudoeste do Rio Grande do Sul. Nasceu em Jaguarão Chico no lado uruguaio da linha divisória e depois se tornou fazendeiro em Camaquã-RS. Durante a Revolução de 1923 o Coronel Coriolano Castro com seus comandados fez parte da Coluna de Zeca Netto (NETTO, 1983, p.10)

De acordo com Abrão (1983, p.83), em depoimento, Fabio Teixeira Garcia contou que fez parte do esquadrão comandado pelo Coronel Coriolano Castro, segundo ele, estavam indo para Bagé para se incorporar a coluna do General Estácio Azambuja e o encontraram sendo atacado pelo inimigo.

O General Zeca Netto, estava acampado na Restinga (Barroco), próximo ao Rio Camaquã, quando soube que o coronel Claudino Nunes²⁰ (PRR) estava em perseguição ao General Estácio Azambuja (PR) e que se dirigiam ao Passo das Carretas, a fim de transpor o Rio Camaquã, para o Município de Caçapava. Assim, para se reunir as tropas de Estácio, no dia seguinte também atravessou o referido Rio, já no município de Caçapava, e “acampou nos Campos do coronel Coriolano Castro, que com seus Caçapavanos, fazia parte da coluna do general Estácio” (NETTO, 1983, p.80).

Houve um combate travado as margens do rio Santa Maria Chico (Dom Pedrito), em 15 de maio de 1923, com muitos mortos e feridos. Dentre os mortos estava Adão Latorre, veterano da Revolução Federalista de 1891, que assim como Coriolano fazia parte dos combatentes federalistas. Após o combate, retornaram para o Passo do Pessegueiro em Caçapava do Sul, atualmente município de Santana da Boa Vista, a fim de se reorganizarem. Como estavam longe das forças do General Netto, juntaram-se novamente ao General Estácio Azambuja.

Já no município de Lavras do Sul travaram novo combate, com algumas baixas. Fabio Garcia em depoimento a Cassol e Abrão (1983, p. 84), comenta que o ataque era a estratégia preferida de Coriolano Castro e Zeca Neto, enquanto Estácio Azambuja preferia o recuo. Após o combate em Lavras, as forças do Coronel Coriolano Castro voltam a se encontrar com as de Zeca Neto e rumam para Canguçu e Pelotas e ficaram sabendo da tomada de Caçapava no dia 11 de julho. “O dia 8 de julho de 1923 amanheceu chuvoso e frio o que não impediu que o general assista Estácio Azambuja ocupasse a cidade, [...] que foi retomada pelos governistas de Flores da Cunha, dias depois” (ABRÃO,1975, p. 9-10).

De acordo com o depoimento de Pedro Castro, registrado por Cassol e Abrão (1983, p.86), Coriolano Castro não participou do Combate de Camaquã, porque chegou ao amanhecer do dia seguinte do outro lado do rio. Na tomada de Pelotas Coriolano Castro comandou o ataque

²⁰ O Coronel Claudino Nunes Pereira (PRR) participou da Revolução Federalista, nas forças de Pinheiro Machado, na 4ª Brigada da Divisão do Norte, junto com o Coronel Coriolano Castro Na Revolução de 1923 comandou a 5ª Brigada Provisória ou Divisão do Centro, contra Coriolano Castro no Combate do Passo da Juliana (MACHADO, 1999, p.53).

contra o Pavilhão da Sociedade Agrícola, onde se encontravam a maior parte das forças governistas. As forças revolucionárias lutavam com munição escassa até conseguirem acessar o quartel. Lembra, em seu depoimento, que não estava presente a tomada de Pelotas porque havia sido designado com mais 15 homens, para irem a Pedras Brancas (Guaíba) buscar armamento e munição vindos de Porto Alegre, mas que a missão foi abortada devido a morte do Tenente Carias, responsável pela aquisição das munições.

Esta Revolução foi apaziguada com o Pacto de Pedras Altas, em dezembro de 1923 (PESAVENTO, 2014, p. 84). Conforme Fábio Garcia em entrevista a Cassol e Abrão (1983, p.84), as forças de Coriolano Alves de Oliveira e Castro tiveram que aguardar em Camaquã, na Estância da Figueira, por mais um mês, até dissolver os remanescentes, devido ao Coronel Francelício Meirelles²¹ não aceitar a trégua e querer seguir a Revolução, provocando escaramuças na região entre Camaquã e Encruzilhada. Após a Revolução, o Coronel Coriolano Castro lembra em seu discurso que:

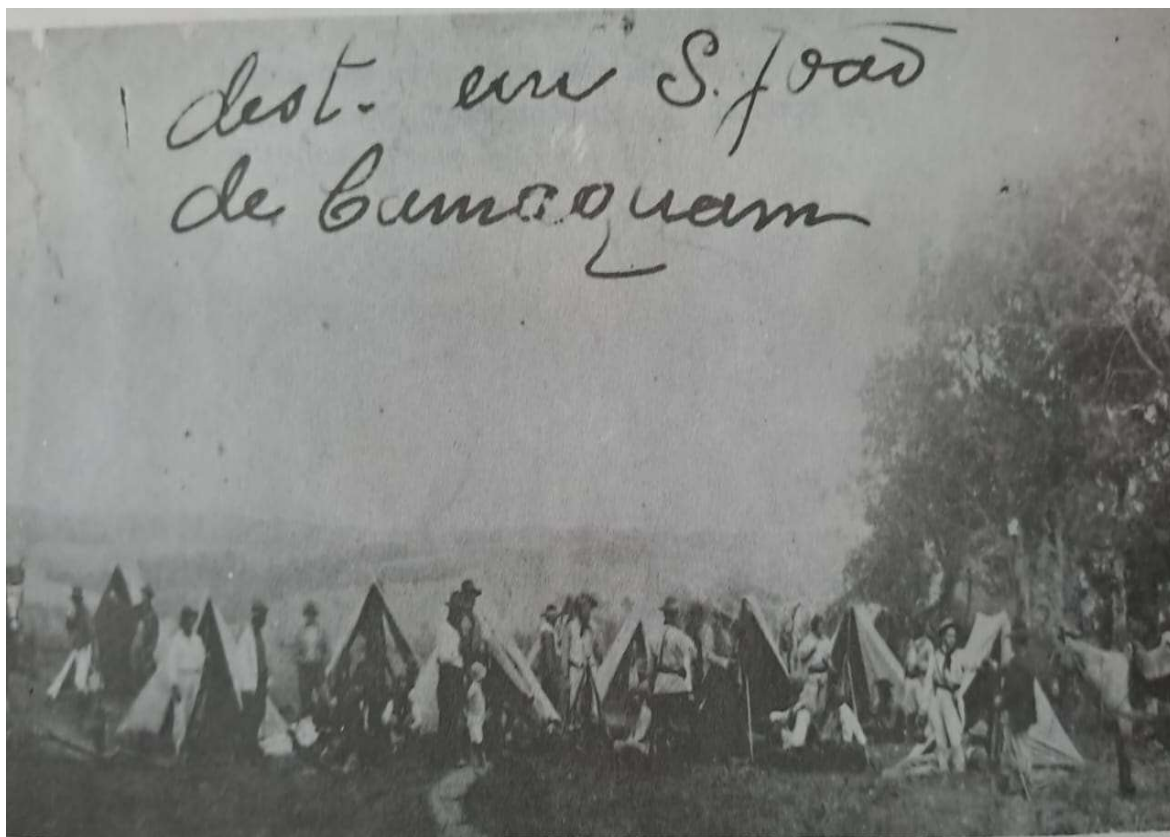
O pacto firmado em Pedras Altas, a 14 de dezembro último, transportou a luta Riograndense do campo ensanguentado das batalhas para o terreno pacífico das urnas, substituímos o cetro e a lança pela pena. [...] O direito da força, pela força do direito, mas o objetivo alvejado é ainda o mesmo, a guerra sem trégua contra a ditadura²².

A foto abaixo, retrata as tropas do Coronel Coriolano Castro no acampamento da Estância da Figueira em Camaquã, em novembro de 1923. Dentre seus comandados estão Coriolano de Castro Filho, Adê Alves, Ataliba Alves, Anaurelino Rodrigues de Freitas (Nê) e Aparício Rodrigues de Freitas.

²¹ O Coronel Francelício Meirelles, de Encruzilhada do Sul, chefe legalista que não queria aceitar o Tratado de Paz de Pedras Altas, em 1923, retardando a volta das forças de Coriolano Castro de Camaquã, para Caçapava. Na Revolução de 1932 ele encaminhou um Tenente ao acampamento de Cerro Alegre para falar com o Coronel Coriolano Castro (CORRÊA, 1933, p.77).

²² Este discurso faz parte de uma anotação manual de Coriolano Castro que integra o acervo de seus documentos que se encontra na Loja Maçônica Coriolano Castro, em Caçapava do Sul.

Figura 15 - Estância da Figueira em Camaquã, em novembro de 1923.



Fonte: CASSOL, Arnaldo Luiz. ABRÃO, Nicolau Silveira. **Coronel Coriolano Castro**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1983, p.115.

No que se refere as Revoluções Tenentistas 1924 e 1926 (Coluna Prestes)²³, as mesmas carregam as reivindicações e problemas que não foram resolvidos com a Revolução de 1923, de “cooptação, intimidação policial, fraude eleitoral e até a prática de delitos, como meios de justificar a consolidação da república ou do borgismo” (MACHADO, 1999, p.14). As grandes lideranças civis do Rio Grande do Sul “buscavam não apenas a deposição do presidente Arthur Bernardes, como queriam os militares, mas sobretudo a retirada do poder do usurpador Borges de Medeiros” (VITOR, 2022, p.79). As disputas políticas continuavam em 1924 e levaram o Estado a mais uma revolução.

O retorno à política deflacionária do Presidente Arthur da Silva Bernardes deflagrou o Levante Tenentista, em julho de 1924. O movimento depois da rebelião ocorrida em São Paulo

²³ A coluna prestes foi uma marcha revolucionária que teve o início pelas missões do Rio Grande do Sul em fins de 1924, que uniu em armas os militares comandados pelo Capitão Luiz Carlos prestes e civis liderados por Joaquim Francisco de Assis Brasil (VITOR, 2022, p.13).

continuou no Rio Grande do Sul. Os militares insurgentes prosseguiram durante todo o ano em território rio-grandense, principalmente na Região das Missões e Fronteira Oeste. Entre os oficiais estava Luiz Carlos Prestes que liderou a Revolução em oposição ao governo de Arthur Bernardes. Na Região Platina os militares contaram com a parceria de “civis ligados à Aliança libertadora, opositores ao governo estadual de Borges de Medeiros” (VITOR, 2022, p.69).

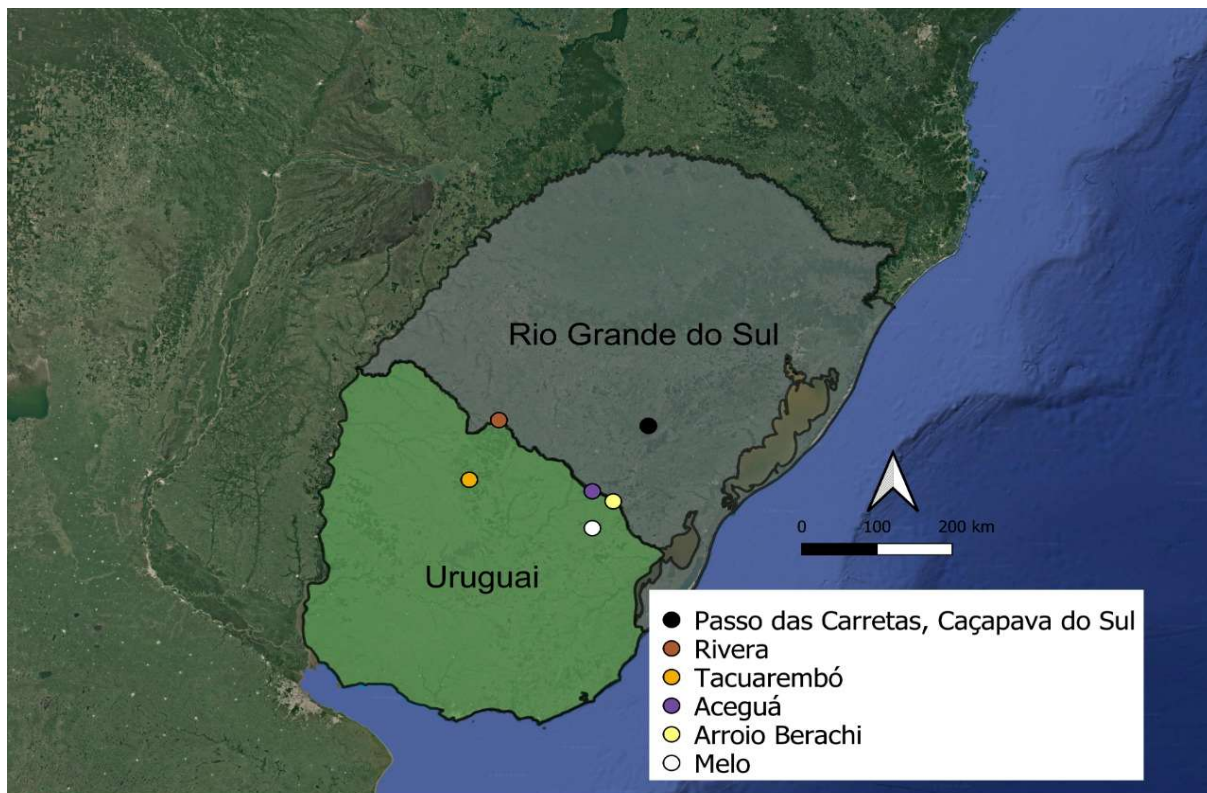
O objetivo dos militares era depor Arthur Bernardes e os civis, apoiados por Assis Brasil, pegaram em armas²⁴ pela deposição de Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul. Assis Brasil temendo por sua vida estava emigrado em Berachi, na costa do Rio Jaguarão, no Uruguai devido ao estado de sítio no Rio Grande do Sul (NETTO, 1983, p.114).

Nesta época, Coriolano Castro estava em campanha eleitoral, pleiteando o segundo mandato como intendente de Caçapava do Sul e sua participação nesta Revolução foi indireta, porque ele não lutou, mas se envolveu. Parte de suas tropas estavam na Coluna de Zeca Netto. Em seu Diário, Zeca Netto, relata visita de Coriolano ao acampamento revolucionário e a posteriori foram acampar na Fazenda de Coriolano Castro, as margens do Rio Camaquã e renovar os viveres.

Durante as revoluções Tenentistas houve três combates expressivos no Município de Caçapava do Sul: O Combate do Passo das Carretas (TEIXEIRA, 2003, p.2019), Combate do Seival (SOUZA e CHAVES, 2012p.136) e Combate do Passo da Pitangueira (NETTO, 1983, p.145). O Combate do Passo das Carretas no Município de Caçapava do Sul (atualmente Município de Santana da Boa Vista), divisa com o Município de Piratini, em 8 de dezembro de 1924, entre as forças dos coronéis Zeca Netto e Honório Lemos (Libertadores) e Bozano (Legalista). Nesta Combate houve diversas baixas, entre elas, a do Capitão José Ladeira Lisboa (Legalista). De acordo com Netto (1983, p. 127), após o Combate, os revoltosos seguiram em direção a Aceguá e pediram exílio à República Oriental do Uruguai. Enquanto Honório Lemos seguia para Rivera, José Antônio Netto (Zeca Netto) se dirigiu para Melo e parte se sua tropa seguia para onde estava Assis Brasil, em Berachi.

²⁴ Ir as Armas foi a alternativa, já que, “era afetada a capacidade dos grupos opositores de acessar o poder local e de exercer seu poder por meio da máquina pública; estariam, portanto, afastados de importantes mecanismos para as estratégias das elites liberais federalistas, parte da engrenagem política que lhes facultaria a capacidade de obter influência e impor seus projetos de famílias em diversos setores como econômico, político e social, e gerando sua capacidade retributiva de legislar em defesa de seus interesses, de mediação e de práticas clientelistas, assim como de influir no processo eleitoral e consolidar seu poder nas suas localidades” (ANDRADE, 2022, p.48).

Figura 16 - Mapa de localização das cidades uruguaias utilizadas pelos federalistas na Revolução de 1923, para emigrarem, após o Combate do Passo das Carretas Caçapava do Sul/Piratini- Brasil



Fonte: Mapa elaborado por Eduardo Prates Bordinhão, 2023.

Em 25 de novembro 1926, nos Campos do Seival, sexto distrito, deu-se, o Combate entre as forças revolucionárias formadas por soldados do Exército amotinados (Santa Maria e São Gabriel), civis e Exército Legalista. Os irmãos Alcides e Nelson Etechegoen²⁵ comandavam as forças rebeldes, com o apoio dos caçapavanos: “Coronel Favorino Dias dos Santos, João Faria de Oliveira Lima, Artidor Dias, Arthur Prates Chaves, Higino Pereira e outros. As forças governistas eram comandadas por Oswaldo Aranha e oficiais da Brigada Militar do Rio Grande do Sul” (ABRÃO, 1975, p.10). O desfecho foi favorável aos rebeldes. Participaram deste combate homens que estiveram sob o comando do Coronel Coriolano na Revolução de 1923.

²⁵ Primeiro Tenente que junto com seu irmão Nelson, liderou a “Coluna Relâmpago” (1926), para impedir a posse de Washington Luiz como Presidente do Brasil.

No dia 19 de dezembro de 1926, no terceiro distrito de Caçapava do Sul, no lugar denominado Passo da Pitangueira, as forças do General José Antônio Netto, com a participação do 1º Tenente Alcides Etechegoen, entraram em choque com as tropas legalistas, lideradas pelo Coronel João Vargas de Souza, no comando do 23º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado. O combate resultou positivo para as forças revolucionárias de Zeca Netto. Coriolano Castro que não esteve presente devido a exercer o Cargo de Intendente de Caçapava (Partido Republicano), mas foi visitar o acampamento de Zeca Netto. Esse fato, Zeca Netto registrou em seu diário, “marchamos daí direto à Caçapava e acampamos em seus subúrbios. Era Intendente de Caçapava o coronel Coriolano Castro, meu companheiro de campanha na Revolução de 1923. Veio ao acampamento visitar-me” (NETTO, 1983, p. 147). Na coluna de Zeca Netto mais que uma centena de homens eram de Caçapava, em sua maioria revolucionários comandados por Coriolano em 1923.

Figura 17 – Convocação do Partido Federalista para Coriolano Castro como Delegado no Congresso de São Gabriel-RS- Brasil

Exm. Sr. C.ºl. Coriolano Alves d'Almeida Castro.

Ilustre Am. e Correligionario.

Em reunião neste momento realizada, foi deliberado convidar-o para uma reunião na qual devamos deliberar qual o delegado q. terá que comparecer ao Congresso a realizar-se no dia 12 do corrente, em S. Gabriel, conforme circular do eminente Chefe S. Assis Brasil, tratando-se da escolha do referido delegado e outros interesses da Colletividade partidaria; e necessario acrescentar q. faremos questao de presenca de V.ª, assim como advertir-o de que o vosso nome foi escolhido para delegado, por isso esperamos que V.ª comparecerá até o dia 8 do corrente sem falta, para ter tempo de seguir a 9º representante escolhido. Na reunião acima referida compareceram os seguintes Correligionarios: Manoel Luiz Osório Torres, Jaciliano Alves, Adauto Alves, Honório Torres de Figueiredo, Faubiano Medeiros, Innocencio Alves, João Dutra, Antonio Alves, Helodoro Garcia, Cheulin Cruz, Mario Medeiros, Lupicínio Alves Marques, João Miranda, José Vargas, e José Gonçalves Dias.

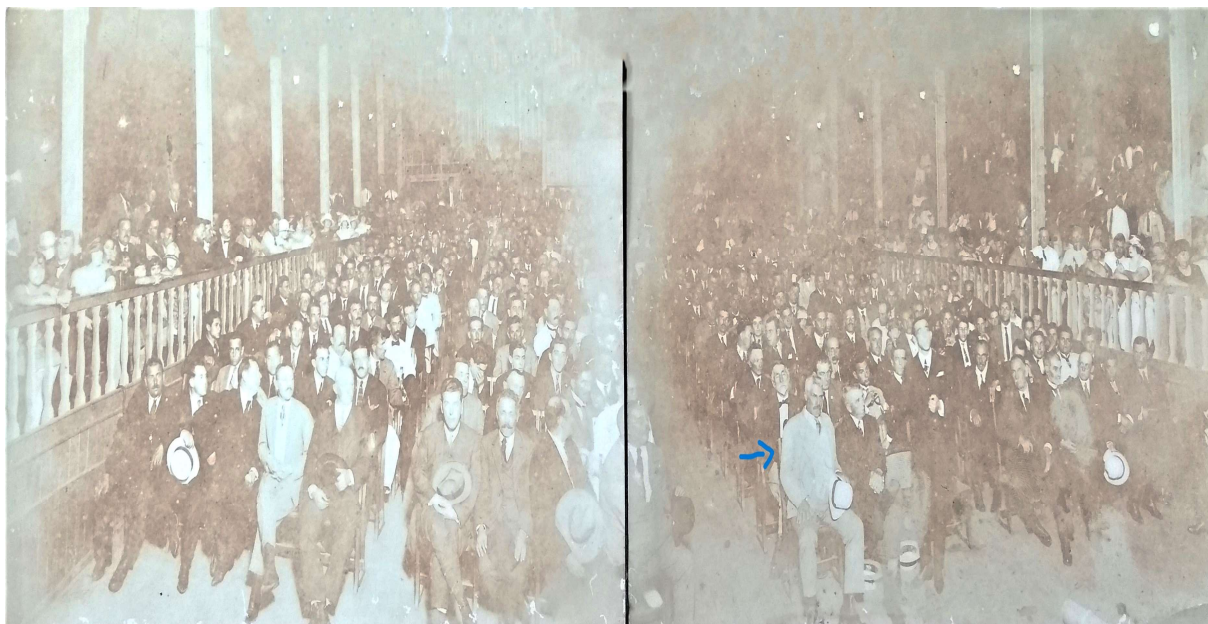
Aguardamos as suas ordens para possivis providencias. Saudações.

O M.º Am. Conf. e correligionario
J. Cheulin Alves de Figueiredo

Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

De acordo com Rodriguez (2007, p.77), o principal crítico ao governo borgista foi Joaquim Francisco de Assis Brasil. A confusão entre o público e o privado fez com que os cidadãos a favor do governo tivessem seus interesses defendidos, enquanto os opositores eram jurados de morte e sem perspectivas para defenderem suas necessidades. Motivos pelos quais, na República Velha, foram a origem da violência que arrasou o território riograndense. Ao final desse período, surgiu a Aliança Libertadora (Figura 18) que se converteu no Partido Libertador.

Figura 18 – Coriolano Castro no Congresso da fundação da Aliança Libertadora, no Theatro Coliseu, em 12 janeiro 1924, em São Gabriel-RS-Brasil.



Fonte: Arquivo do Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, São Gabriel, 2022.

Em conformidade com Cassol e Abrão (1983, p.55), transcrito do jornal “O Regional” de Caçapava, em 1º de novembro de 1924, houve eleição para a Intendência de Caçapava, para o período de 1925 a 1930. Os candidatos eram pessoas reconhecidas no meio social e político. A chapa de oposição a Borges de Medeiros foi a vencedora, com a seguinte composição: para Intendente, Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro (Partido Federalista); Vice Intendente, Antônio Alves de Oliveira; conselheiros: Aduato Manuel Alves, Franklin Rodrigues de Oliveira, Gaspar Cunha, e João Felipe Herzer. Entre os conselheiros foram

eleitos: João Felipe Herzer (Presidente), Gaspar José da Cunha (Secretário), Aduino Manuel Alves, Baltazar de bem Carvalho, Franklin Rodrigues de Freitas, Jovelino José dos Santos e Laudelino Jardim de Menezes.

A posse foi em 1º de janeiro de 1925, às 20 horas, no Salão Nobre da Intendência Municipal. Os oradores foram Honório Alves de Oliveira e Castro (irmão de Coriolano) que apresentou a proposta administrativa baseada na educação, saúde e meios de transportes. O outro orador foi Otaciano Tasso de Bem e Canto do Partido Republicano Riograndense que declarou acatar o resultado da eleição e reconheceu merecimentos por parte de Coriolano Castro. Decisão ratificada pelo telegrama do Presidente do Estado, Borges de Medeiros que desejou prosperidade ao município sob administração de Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Segue abaixo uma foto ilustrativa da época.

Figura 19 – 2ª Administração de Coriolano Castro e funcionários do Município de Caçapava- RS.
[Sentados (da esquerda para direita): 1- Manuel Luís Osório, Subintendente; 2- João P. Miranda, Secretário e Tesoureiro; 3 - Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Intendente municipal; 4 - Pedro Thomé Medeiros, Secretário do Município; 5 - Antônio Alves de Oliveira, Vice Intendente. Em pé (na mesma ordem): 1 - Januário Simões Pires, Amanuense; 2 - Vitalino Pereira, Inspetor de Veículos; 3 - Alfredo Dico de Araújo, Fiscal Geral; 4 - Virgílio Araújo, Auxiliar da Secretaria.]



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS, 2023.

Durante a Administração foi decretada, em 1926, a Lei que regulamentou o abate e comércio da carne bovina, ovina e caprina, proibindo o abate e distribuição de carne equina e punindo os infratores, seguindo sua política para esta área desde o primeiro mandato. Na educação, criou várias escolas pelo interior do município, nomeou muitos professores, manteve seus salários atualizados e compatíveis com suas funções, observando o custo de vida. Os recursos vinham dos cofres municipais.

Entre as obras de sua administração estão, a primeira ponte construída no Município de Caçapava sobre o Arroio Santa Bárbara (1927) e o Arroio Pitangueira.

Figura 20 – Ponte Pênsil sobre o Arroio Pitangueira em Caçapava do Sul, 1927.



Fonte: Acervo Rodolino da Rosa Garcia, acesso em 2023.

Entre seus projetos estavam a participação do município nos movimentos para a construção de uma estrada que ligava Porto Alegre a Montevideu e a ferrovia que ligava o Porto de Rio Grande a Santa Maria, passando por Canguçu.

Quando irrompe a Revolução de 1930, movimento armado que pôs fim à chamada República Velha para destituir o governo de Washington Luís, o Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Dorneles Vargas, com apoio da Paraíba e Minas Gerais, assume o

Governo Brasileiro. Nesta ocasião, o Coronel Coriolano Castro forma o Pelotão da Onça, que segue para Cachoeira do Sul para se incorporar as forças que iriam para o Rio de Janeiro.

De acordo com Sandra J. Pesavento (2014, p.101), a Revolução de 1930 ocorreu durante a República velha. No plano político foi por conta do descontentamento com os cafeicultores que tinham o domínio das decisões e diziam quais políticas seriam acatadas pelas oligarquias periféricas, do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba. Estes três estados formaram a Aliança Liberal como forma de reação contra a monopolização do poder por São Paulo. As fraudes eleitorais, o voto a Descoberto, e o jogo político partidário excludente foram motivos para a revolta. A ala jovem do exército inconformada desde a década de 1920, quando teve início os movimentos tenentistas, passou a apoiar a dissidência oligárquica. No pleito a sucessão de Washington Luís concorreram Getúlio Dorneles Vargas (Aliança liberal) e Júlio Prestes (situação) saindo vitorioso o candidato da Presidência. O assassinato do Governador da Paraíba, João Pessoa, em Pernambuco foi o elemento que faltava para que os três estados que formavam a Aliança Liberal enviassem tropas para o Rio de Janeiro a fim de depor o Presidente Washington Luís.

O movimento teve início em 3 de outubro de 1930, período em que, o Coronel Coriolano Castro reuniu pessoas para irem ao frente de batalha. Devido esse contingente ser composto em sua maioria de pessoas residentes em Santana da Boa Vista- RS, autodenominaram-se de Pelotão da Onça. Conforme ARBOITTE (1999, p.16), uma referência a origem da Vila, que teria nascido a partir da luta entre um homem e uma onça. Neste ano de 1930, Coriolano Castro estava finalizando seu segundo mandato como Intendente de Caçapava do Sul, como a duração da Revolução foi passageira “não chegou sair a campo com a bandeira da Aliança Liberal, chefiada por Getúlio Vargas” (CASSOL e ABRÃO,1983, p.60).

Figura 21 – Fotografia do Pelotão da Onça, aguardando em Cachoeira do Sul, para ir para a Revolução em 1930.



Fonte: Arquivo da Casa de Cultura Januária Freitas de Santana da Boa Vista, Fotografia do Pelotão da Onça, Estúdio Aurora, Cachoeira do Sul, ano de 1930.

A partir deste contexto, em 3 de novembro de 1930, uma Junta Militar foi formada e entregou o poder para Getúlio Vargas que assumiu como Chefe do Governo Provisório, instaurando a chamada Era Vargas.

As oligarquias regionais do Brasil viram seus interesses serem desprezados em favor dos interesses do Estado e da Nação. Motivo que, segundo Souza e Chaves (2012, p.25), junto com a reintegração da ordem constitucional, liderado pelos paulistas, levou Borges de Medeiros e Batista Luzardo à Revolução de 1932.

Neste contexto, de acordo com Cassol e Abrão (1983) após o término do mandato e início da Revolução Constitucionalista de 1932, O Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro fundador do Partido Libertador (PL) em Caçapava, reuniu seus homens e juntou-se a Frente Única, para lutar contra uma possível ditadura.

Um gaúcho ocupava o cargo mais expressivo do Brasil. Em consequência, os oligarcas rio-grandenses acreditavam que deveriam ocupar os mesmos espaços que eram ocupados pelos paulistas. O Rio Grande do Sul deveria ter uma política nacional em seu favor, que atendesse

as necessidades dos setores da elite gaúcha. Assim, “inconformados com a não realização de suas pretensões, uma parte dos pecuaristas gaúchos iria se voltar contra o poder central, unindo-se aos Paulistas num movimento contrarrevolucionário em 1932” (PESAVENTO,2014, p.104).

Desta forma irrompe a Revolução Constitucionalista de 1932, Cassol e Abrão (1983), escreveram que ao ser questionado pelos companheiros do partido Libertador (PL), partido que fundou em Santana da Boa Vista, o Coronel Coriolano Castro disse: “Sendo contra o Borges estou sempre pronto!”. O Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro (PL) e Antônio Augusto Borges de Medeiros (PRR), naturais do Município de Caçapava do Sul, eram velhos rivais na disputa de poder. Coriolano Castro se orgulhava de nunca ter perdido uma disputa para “Borges de Medeiros”. Como chefe caudilho da região reuniu seus homens e juntou-se a Frente Única, para lutar lado a lado com Maragatos e Pica-paus. Na Revolução de 1932 pegou em armas para defender a liberdade junto a Raul Pilla e conseqüentemente Borges de Medeiros. Lutar pela liberdade e contra uma possível ditadura era para ele um dever moral e cívico, com o objetivo comum que o reunia aos inimigos de outrora, representantes do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Em seu discurso de 14 de julho de 1930, dedicado à República, a liberdade e a independência dos povos, Coriolano Castro disse: “No Brasil não há liberdade, nem representação e nem justiça! Quanto sangue tem-se derramado em busca da emancipação e liberdade. Nada mais formoso, nada mais sublime do que a liberdade do homem na sua plenitude!”.

Em carta para Fábio Garcia, datada de 10 de outubro de 1930, comenta que o “Dr. Faria Lima seguiu para Cachoeira e incorporou-se a um destacamento que está sendo organizado por oficial do exército, que não conhece, chamado Graciliano Fontoura”. Também, comunica que está aguardando ordens do General Zeca Netto para incorporar. Sugere que os cavalos adquiridos por Fabio sejam levados para Caçapava e mantidos em local seguro até nova ordem. Solicita que ele vá a Caçapava e verifique se o José Galvão Saldanha (Vevéca) assumiu o governo do município. Pede que venha até onde ele está, indicativo que seja na sua residência no Irapuá, para ir ao dia seguinte para Cachoeira, juntamente com Aparício, todos os cunhados e mais alguns voluntários, para se incorporarem. A Frente única em Caçapava contava também com reforços vindos de Cachoeira, sob a liderança do doutor Glicério Alves, de Vacaria, o Coronel Otacílio Fernandes e de Palmeira das missões, o Capitão Leonel da rocha, entre outros. João faria de Oliveira Lima, na qualidade de prefeito de Caçapava e o subprefeito Olinto Dias Chaves, seu auxiliar direto, irão organizar o movimento revolucionário. Depois da passagem de Batista Luzardo e Borges de Medeiros por Caçapava,

estavam aguardando só a determinação para começar o levante, apesar do fracasso de Santa Maria.

Corrêa (1933, p.71), registra que antes de fazer a fusão com as forças revolucionárias de Caçapava, o Destacamento de Luzardo e Borges de Medeiros, após ter feito a travessia pelo município de Santa Maria, foi se instalar no Bojuru, campos de Félix Simões, a margem direita do Rio Vacacaí. A força era composta de elementos de Santa Maria, São Sepé e Cachoeira, cerca de 80 homens.

Nesta ocasião, Silvio Faria Corrêa sugeriu a Borges de Medeiros que fosse transferido o ponto de concentração de forças do Bojuru, em São Sepé, para Santana da Boa Vista quinto distrito de Caçapava do Sul, por ser uma melhor posição estratégica. Lugar próximo e de fácil acesso aos companheiros de Caçapava, Encruzilhada, Bagé, Cachoeira, Cacimbinhas, Herval, Piratini, Canguçu, Lavras, São Lourenço e Pelotas. Santaninha está localizada bem no centro do estado, mas seu ponto de vista não foi aceito por Borges de Medeiros que estava com as esperanças voltada para Santa Maria, de onde esperava munição e homens.

De acordo com, Corrêa (1933, p.48), Borges de Medeiros e Batista Luzardo tinham cerca de 50 homens e ordenaram que, com a maior urgência, fosse trazida a força do Coronel Coriolano Castro. O Coronel Coriolano Castro foi o único que conseguiu sair de Caçapava com seus comandados. Devido estar acampado nos arredores da cidade e ter boa comunicação conseguiu evadir antes da chegada dos legalistas. Nesta ocasião, o Intendente de Caçapava, João Faria de Oliveira Lima foi preso e toda a Guarda Municipal, até mesmo os simpatizantes foram recolhidos de suas casas. Os poucos que conseguiram fugir se juntaram as forças de Coriolano Castro. João Faria de Oliveira Lima, solidário com a revolução constitucionalista, foi destituído e seguiu preso para Porto Alegre (p.25).

No dia 15 de setembro de 1932, no segundo distrito de Caçapava do Sul, na Estância do Cerro da Pedra, campos de Francisco Reis de Macedo, deu-se um encontro entre os constitucionalistas e a força de Flores da Cunha. Nesta ocasião, houve a fusão das forças caçapavanas, dos coronéis Coriolano Castro e João Vargas de Souza (136 combatentes), com o contingente de Borges de Medeiros e Batista Luzardo (80 homens). O combate terminou com a retirada precipitada dos soldados do interventor federal. No dia seguinte, seguem unidas as forças em direção a Cerro Alegre. Corrêa (1933, p. 65) comentou que foram tomar café na Fazenda de João Francisco Dutra (Gigica), em 17 de setembro de 1932, em Cacimbinhas (Pinheiro Machado). Momento que aproveitaram para fazer a foto a seguir, da esquerda para a direita: Capitão Martin Cavalcanti, coronel João Guedes, coronel Armando Borges, Alberto

Severo, capitão médico Domingos Crosseti, coronel comandante Batista Luzardo, Sylvio Faria Corrêa, Borges de Medeiros, coronel médico João Krusser, coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Os outros dois não foram identificados por Arnaldo Cassol (Souza e Chaves, 2012, p.141).

Figura 22 – O Estado-Maior Revolucionário de 1932 a frente da casa de João Francisco Dutra (Gigica), em Cacimbinhas (Pinheiro Machado). De acordo com Souza e Chaves (2012, p.139-141), Arnaldo Luiz Cassol identificou os componentes da fotografia como sendo: da esquerda para a direita, 1- Capitão Martin Cavalcanti; 2- Coronel João Guedes; 3- Coronel Armando Borges; 4- Alberto Severo; 5- Capitão Médico Domingos Crosseti; 6- Coronel Comandante Batista Luzardo; 7- Sylvio Faria Corrêa; 8- Antônio Augusto Borges de Medeiros; 9-Coronel Médico João Krusser; 10- Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro. As outras duas pessoas não foram identificadas.



Fonte: CORRÊA, Sylvio Faria. **Serro Alegre**. 1ª edição. Caçapava abril de 1933, p.67.

Na Revolução Constitucionalista de 1932 foi formada a frente única selando a união entre republicanos e libertadores. Devido a esta aproximação, Coriolano Castro (Partido Libertador), lutou lado a lado, com Antônio Augusto Borges de Medeiros (Partido Republicano Rio-Grandense), também caçapavano, adversários políticos na Revolução de 1923. O Combate de Cerro Alegre, em Piratini, concedeu a vitória para as tropas governistas, em 20 de setembro de 1932. Neste dia, Borges de Medeiros se abrigou na mangueira de pedra (p.82), junto a Coriolano Castro, que liderou o primeiro Corpo das forças revolucionárias, com a poucas baixas. Ao término do Combate, Borges de Medeiros foi preso e encaminhado para Recife. Coriolano Castro e seus comandados, conforme depoimento de Amadelino Dias

de Lara, para Arboitt (1999, p.64), a tropa de Batista Luzardo e a de Caçapava (Santana da Boa Vista), sob o comando do Coronel Coriolano Castro, saíram rumo a Piratini, passando pelo Cerro Partido (município de Pinheiro Machado) e acamparam na fazenda de João Gravi. Batista Luzardo e Coriolano então, se separaram. Luzardo e Mesquita rumaram para Bagé e Coriolano Castro desceu o Rio Camaquã abaixo até confrontar o Cerro da Lagoa (em Santana da Boa Vista). Vararam o Rio Camaquã e Coriolano foi para sua fazenda no Passo do Pessegueiro e os restantes foram dar na casa do senhor Pompeu Rodrigues de Freitas e depois seguiram para suas casas. Anaurelino Rodrigues de Freitas (Capitão Nê) e Romeu Félix acamparam em uma fazenda depois da Cerro Alegre e lá ficaram por um tempo até poderem retornar em segurança. Sabe-se que alguns do grupo de Batista Luzardo, principalmente do Piquete do Capitão Rubem Maciel, cruzaram a divisa para o Uruguai. Por uns seis meses se esconderam na fazenda de Felisberto, brasileiro residente em Taquarembó.

Após o término da revolução Coriolano Alves de Oliveira e Castro, dedicou-se, as atividades da Fazenda e a terceira campanha eleitoral que o elegeu pela terceira vez para o comando da Administração do Município de Caçapava.

Conforme TEIXEIRA (2016), após a Revolução de 1932, o Coronel Coriolano Castro liderou mais uma vez os Maragatos rumo ao seu terceiro mandato à Prefeitura de Caçapava do Sul, desta vez pelo Partido Libertador (PL).

Figura 23 – Comício do Partido Libertador em frente à Igreja Matriz de Santana.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

De acordo com documentos acessados no Arquivo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, em seu terceiro mandato, Coriolano Castro focou no desenvolvimento do município através da educação, cuidados com a mulher e a criança, transportes e mineração (cobre, ouro e calcário). Nesta época, em 1937, foi fundada a Companhia Industrial Eletroquímica LTDA, que exploravam o cobre da Mina do Seival e produzia sulfato de cobre Esteio, RS, a qual adquiriu as Minas do Camaquã” (ABRÃO, 1992,p.42).

O projeto para implantação de uma ferrovia que ligasse o Porto de Rio Grande a Santa Maria continuava em pauta. Assim como, a viabilização a implantação de Usina Hidrelétrica na Cascata do Salso. Também, a implementação de aviário no Passo do Pessegueiro (Figura – 24), 6º Distrito de Caçapava, que em sua inauguração contou com a presença de Coriolano Castro, Dr. José Julio da Silveira, Wiandote Prateado, Paulo Moreira dos Santos e Carijó.

Figura 24 – Inauguração Aviário Passo do Pessegueiro em Caçapava (atualmente Município de Santana da Boa Vista).



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Conforme o Ofício nº 01 da Prefeitura de Caçapava, de 02 de janeiro de 1937, em 1936, Coriolano Castro esteve reunido com o Governador do Estado José Antônio Flores da Cunha para a criação de um Grupo Escolar no Povoado de Santa Anna da Boa Vista, com sede do 5º Distrito de Caçapava. A população de Santana da Boa Vista comprometeu-se a fornecer o prédio adequado, sem ônus ao Estado do Rio Grande do Sul. O Grupo Escolar foi criado em 31 de dezembro de 1936 e instalado em 15 de abril de 1937, tendo como professores Januária dos Santos, Ondina Alves, Lucília Moraes (Diretora), Margarida Henriques, Gemina Vieira da Cunha, Laura Domenech Lanicca, Raquel Carvalho Leal, Emílio Borges, Esperidiana Castro, Cenira Lopes Chaves, Irlandina Haeser, Maria Albertina L. Medeiros e Ana Lia Cheuiche Ferreira. “Até 1946 as aulas eram dadas na própria casa do coronel Coriolano Castro situada na rua de seu próprio nome” (ARBOITTE, 1990, p. 39). Até o prédio novo da escola ficar pronto, ela funcionou na casa de Onorina de Freitas Jacobsen. No dia 07 de maio de 1947, o Prefeito João Farias de Oliveira Lima, Vice-Prefeito de Coriolano Castro que o sucedeu após sua morte, inaugurou o prédio entregando as chaves para a Diretora Ana Lia Cheuiche Ferreira.

O nome da escola foi escolhido em homenagem ao fundador da Vila de Santa Ana, Jacinto Inácio da Silva. O Grupo Escolar Jacinto Inácio iniciou o Curso Supletivo em 1947 e teve como professora Aglacy Castro (neta de Coriolano Castro). Em 04 de março de 1993, conforme Portaria 01141, houve uma unificação da Escola Jacinto Inácio (Ensino fundamental), com a Escola Januária Freitas (Ensino Médio), assim, a Escola Januária Freitas foi extinta e a Escola Jacinto Inácio tornou-se a Escola Média Estadual Jacinto Inácio. Atualmente é a única escola estadual da cidade de Santana da Boa Vista. Coriolano Castro governou de 1937 “entregando ao Sub-Prefeito do primeiro distrito, Sr. Albrantino Teixeira dos Santos e este, posteriormente, ao Sr. doutor João Faria de Oliveira Lima, assumindo em julho de 1938 até o término do mandato em 1939” (CASSOL e ABRÃO, 1983, P.98).

Figura 25 – Lápide do Túmulo de Coriolano Castro.



Fonte: Fotografia de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2023.

Atualmente seu nome faz parte do dia a dia das pessoas na região de Caçapava do Sul. No Município de Santana da Boa Vista: a) em 18 de março de 1985 foi fundado o Clube do livro Coriolano Castro, entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, com finalidade de aperfeiçoamento cultural. A primeira diretoria executiva para o exercício de 1985 e 1986, era composta pela Presidente: Clotilde Borges (professora); Secretária: Dinorá Rosa Mesquita (professora); Tesoureira: Maria Geni de Oliveira (professora). Diretor de biblioteca: Ciro Rios Mesquita (profissional liberal); Diretor Cultural: Moacir Donato Rosa de Oliveira (advogado). Conselho fiscal: Gilmar Barbosa de Oliveira, Iolanda Antunes Oleques e Margarida Batista da rosa (professora). O Clube do Livro deu origem ao Jornal “Clarim Santanense” e a Rádio Comunitária Santana; b) No Cerro da Picada foi construída a Escola Municipal Coronel Coriolano Castro; c) A rua que passa em frente a Igreja Matriz e sua antiga casa tem o nome de Coriolano Castro. Da mesma forma no Município de Caçapava do Sul, existem: a Loja Maçônica Coriolano Castro e uma das principais avenidas, a Avenida Coriolano Castro. Também, suas ideias serviram de inspiração para os idealistas no processo de emancipação do Município de Santana da Boa Vista.

Alguns de seus familiares seguiram a carreira política e militar, entre eles estão, Evaldo Rodrigues de Oliveira (Coronel da Brigada Militar), Interventor Federal na 1ª Gestão do Município de Santana da Boa Vista - RS, de 06 de maio de 1966 a 31 de janeiro de 1969. Conceição Deromar Castro Krusser, Prefeito de Encruzilhada do Sul-RS, de 1997 a 2004. Zauri Tiaraju Ferreira de Castro (Coronel do Exército Brasileiro), Prefeito do Município de Caçapava do Sul-RS, de 2009 a 2012. Honório Porto Castro, Vereador em Encruzilhada do Sul-RS e Osmar Rodrigues de Oliveira, Vereador em Santana da Boa Vista.

Neste contexto, a territorialização da autoridade de Coriolano Castro foi determinada pelas suas relações familiares, sociais e de poder vividas na Fronteira Platina e ampliadas e consolidadas pela sua participação e atuação na Maçonaria.

3 CORIOLANO DE CASTRO E A MAÇONARIA

A Maçonaria²⁶ na região Platina era de influência inglesa e francesa, em que o termo maçonaria (*maçonnerie* em francês) significa a “arte de construir”. Conforme Maria Medianeira Padoin (2001, p.23-25), a propagação da Maçonaria na América Espanhola e Portuguesa se deu, na maioria das vezes, por meio de comerciantes e militares maçons que priorizavam as regiões fronteiriças e utilizavam os navios como base para as sociedades secretas ou lojas maçônicas, na divulgação e disseminação dos ideais iluministas europeias. Eliane Colussi complementa essa ideia explicando que a maçonaria “é uma instituição internacional com quase três séculos de história e que foi participante direta e indireta dos principais acontecimentos políticos sociais e culturais sobretudo no século XVIII e XIX” (1998, p. 20).

Segundo Padoin apud Maguire (2001, p.25), a maçonaria se estabeleceu na Inglaterra, em 24 de junho de 1717, a partir da Igreja Anglicana. As lojas maçônicas militares inglesas originaram-se na Irlanda, em sua maioria, eram ambulantes e vinculadas a regimentos. Grande parte desses maçons pertenciam a Ordem dos Cavaleiros Templários e eram protestantes anglicanos. Na época, o Exército da Inglaterra não aceitava oficiais católicos. A maçonaria tinha como “fins concretos a prática do bem pelo bem em si, a irmandade entre os homens sem distinguir a raça, opinião ou crença, e a defesa da liberdade de pensamento, tendo como divisa: a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade” (PADOIN, 2001, p.25- rodapé 30).

Assim, a maçonaria vai se estabelecendo no espaço platino, inicialmente sob influência inglesa e, com ela a divulgação de obras de autores de diversas origens: franceses, ingleses, espanhóis, italianos. E, serão estes autores e sociedades que influenciaram no processo de independência no Continente Americano, pois a maçonaria foi a grande portadora da bandeira do “espírito das luzes” (PADOIN, 2001, p.27). E, foi a imprensa um dos principais veículos que divulgaram as ideias iluministas e humanistas, em que a maioria dos editores eram maçons.

Segundo Colussi (1998, p.81), ocorreu uma rápida propagação dessas ideias e das associações secretas no território brasileiro. Os ideais iluministas estavam presentes no

²⁶ “A Maçonaria não é uma religião. É uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista. Seus princípios são a Liberdade dos indivíduos e dos grupos humanos, sejam eles instituições, raça ou nacionalidade; a fraternidade de todos os homens; já que todos são filhos do mesmo criador”(NETO, 2005, p.66).

processo de independência como na estruturação e consolidação do estado nação brasileiro. E, um dos exemplos desta propagação das ideias foi a Revolução Farroupilha (1835-45), um dos movimentos que teve o apoio e a participação da maçonaria. Ou seja, conforme Padoin (2006), faziam parte da elite que lideraram a Revolução Farroupilha “estancieiros, militares, charqueadores, comerciantes e sacerdotes” (2006, p.41). Tais pessoas eram nascidas na província riograndense, em outras províncias brasileiras ou em outros países e, se uniram “por vínculos econômicos e/ou de trabalho, por laços maçônicos e político-ideológicos” (2006, p.41) formando um grupo social”. Esse grupo tinha “uma formação política recebida na província e/ou fora dela, em aulas privadas, nos seminários, nos cursos superiores, na participação em sociedades literárias e/ou secretas, na leitura de obras, periódicos e folhetos” (PADOIN, 2006, p.41).

Nesse sentido, um dos principais veículos de divulgação das ideias iluministas fora a imprensa, especialmente os jornais. E, na Farroupilha teremos o jornal “O POVO”, que tinha como redator o italiano Luigi Rossetti. A tipografia foi instalada em Caçapava, na Casa de José Pinheiro de Ulhôa Sintra, chamada de Casa dos Ministérios. Assim, a influência da filosofia, princípios e ideais maçônicos eram refletidos nos textos deste Jornal. E, Caçapava e seus distritos, para além de ter sido capital da República Riograndense, vivenciou e foi sede deste Jornal que teve nos ideários iluministas e assim maçônicos uma propagação e influência na formação cultural e política riograndense.

Dessa forma, a influência dos ideais iluministas “Liberdade, Igualdade e Fraternidade, propugnados pelas revoluções liberais ao logo do século XIX no Brasil foi um terreno fértil de atuação da maçonaria” (AMARAL, 2005, p.2), tornando decisivo a sua participação nos processos de Independência, abolição da escravatura e da Proclamação da República.

Assim, a expansão da Maçonaria por meio de lojas ou clubes (ou oficinas, seminário, escolas), de onde os membros eram chamados/considerados “irmãos maçons”, se distribuíram “nas três ordens tradicionais do clube medieval: mestres, oficiais ou companheiros e aprendizes” (PADOIN, 2001, p. 25 – rodapé 30). O seu crescimento foi de forma escalonada e constante em todo território brasileiro, com aumento das oficinas e adeptos. Serviu para embasar o Movimento Federalista Maçônico em 1863, ponto fundamental na “história da Maçonaria Brasileira que consideramos como um período de consolidação e de maior influência no campo da formação e da cultura política laicizada” (COLUSSI, 1998, p. 123).

Junto a maçonaria teremos a presença atuante da Igreja Católica no Brasil, enquanto religião oficial do Império (padroado). Mas, de acordo com Colussi (1998, p.370), a Igreja Católica no Rio Grande do Sul teve sua presença de forma pouco significativa no início do século XIX, abrindo um campo para a expansão maçônica. No transcorrer do século XIX, veremos a forte presença da influência do clero e da maçonaria, em que a última consegue implementar a liberdade religiosa e a república no final do século. Mas uma observação se faz necessário, alertada por Padoin (2001): que muitos sacerdotes que atuavam no Prata e assim no sul do Brasil, também participavam da maçonaria, especialmente aqueles que galgaram cargos ou funções políticas durante o Império, como os que atuaram na Revolução Farroupilha.

De acordo com Dienstbach (1993, p.20), os padres participavam dessas entidades maçônicas, porque “a igreja não podia se meter diretamente, então o fazia por meio destas sociedades secretas ou não, com o fim de derrubar com as monarquias que não mais convinham ao Vaticano”. Enquanto Colussi (1998, p.383), a presença de clérigos e “ordens religiosas na maçonaria é revelador de uma aparente contradição: de um lado, temos as condenações pontificais recorrentes desde 1737 e, de outro, a grande presença de sacerdotes em muitos casos até como fundadores e dirigentes de lojas maçônicas”.

No que se refere ao Rio Grande do Sul, a realidade do catolicismo gaúcho seguia o ritmo de desenvolvimento socioeconômico regional que reclamava por mais atenção, a jurisdição eclesiástica com sede no Rio de Janeiro, pouca atenção dava as regiões mais distantes e ao seu interior, gerando um certo isolamento e pouca fiscalização. Nesse contexto, “o constante questionamento acerca da conduta do clero era apontado como uma das razões da péssima situação do catolicismo no Brasil” (COLUSSI, 1998, p.373).

Segundo Colussi (1998, p.373-382), a criação da diocese no Rio Grande do Sul deu início a nova fase da Religião Católica e, com isso, a maior doutrinação e o recrudescimento contra a Maçonaria. Dentre os primeiros bispos está Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888), vinculado fielmente as políticas papais. Em sua gestão combateu a Maçonaria, ocasionando nesse período os principais confrontos entre a Igreja Católica e a Maçonaria. Um dos exemplos, deste enfrentamento dentro da própria Igreja no Rio Grande do Sul, foi o caso do Pe. Guilherme Dias, sacerdote e pároco que atuava na cidade de Pelotas-RS, defensor das ideias liberais, que por exigência da Igreja, teve que optar entre o sacerdócio e a Maçonaria. Com isso, o padre deixa o sacerdócio e é excomungado.

O caso do Pe. Guilherme Dias é um exemplo do período de crise da Monarquia brasileira, em que na Igreja começam os embates e tensões entre os defensores de um catolicismo mais ortodoxo, seguindo as determinações da Sé Romana, ou seja, a obediência a autoridade central do Papa (o jesuitismo ou ultramontanos) e, os que defendem uma prática religiosa mais liberal, como a participação de católicos na política e nas lojas maçônicas, incluindo entre estes também os sacerdotes.

Conforme dissertação de Elioenai de Souza Ferreira (2016), que teve por tema *O Jornal O Mossoroense e a Questão Religiosa: Representações sobre Maçons e Ultramontanos (1872-1875)*, a mesma traz publicações dos jornais “O Commercio” e “O Mossoroense” (publicação no Rio Grande do Norte), onde os mesmos demonstravam a crise na Igreja e o posicionamento claro do Pe. Guilherme Dias. Nesses Jornais há textos publicados de autoria do Pe. Guilherme Dias, em que criticava a política e nova doutrina da Igreja implementada pelo Papa Pio IX²⁷ por meio do Concílio Vaticano I; bem como se defendia de críticas e exigências do Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras. Em seu “discurso, o padre Guilherme se apresenta como expoente do cristianismo "puro", "original", "autêntico", porque firmado no próprio Cristo e não no papa, porque fundamentado nas Escrituras e não nos documentos da Igreja” (FERREIRA, 2016, p.21). Por exemplo, Ferreira (2016) cita texto publicado de autoria do Pe. Guilherme Dias no Jornal o Mossoroense, de 2 de fevereiro de 1874:

Ha dezoito séculos e através das perseguições e heresias, foi sempre dogma acreditado e exercido, ser o Concilio, quando convocado christãmente, o governo supremo da Igreja, e, como tal, superior aos papas [...]. Ora, em vista disto, e dos factos ocorridos antes e durante o Concilio do Vaticano, eu tenho a dizer: que tal Concilio não foi geral, nem convocado conforme as praxes da igreja catholica. Que por mero capricho, motivado nos prejuízos da realeza profana dos papas, não deve esquecer-se a tradição, nem devem desprezar-se os verdadeiros Concilios, nunca escarnecer da Ilustração da igreja, e jamais divinizar o papa. [...]. Que vem a ser a infalibilidade de um homem no seculo em que vivemos? [...] Quais os argumentos de que se servirão para o fazer? Encontrarão-nos na Escripura, na Tradição e na história dos primitivos tempos da igreja? [...] Em face do Evangelho, o grande livro por excellencia, argumentemos com calma e reflexão (p.37) .

Assim sendo, Pe. Guilherme Dias critica fundamentos da política ultramontana, a hierarquia de autoridade para a fé católica, pois para o Pe. Guilherme, segundo Ferreira (2016), o Papa deveria estar abaixo da hierarquia da tradição histórica da Igreja e do Evangelho, isto é,

²⁷ “O período dos papados de Pio IX e Leão XIII foi a fase de maior conflito entre as duas instituições” (COLUSSI, 1998, p.38).

das Escrituras canônicas. Tal posicionamento “remete a uma disputa secular no seio do catolicismo romano entre os que defendiam os concílios e sínodos de clérigos como autoridade máxima da Igreja e aqueles que colocavam o papado como centro de poder e decisão” (FERREIRA, 2016, p.37-38).

Pe. Guilherme Dias e Coriolano foram iniciados na mesma loja maçônica de Pelotas, e conforme a tradição demonstraram em sua trajetória as inspirações nos ideários liberais e maçônicos presentes desde a Revolução Farroupilha. Tal vínculo destes personagens, fez com que o Pe. Guilherme Dias fosse homenageado como patrono de uma loja fundada por Coriolano Alves de Oliveira e Castro, na então Vila Santa Ana, 5º Distrito de Caçapava.

Assim, a política, especialmente, nas três últimas décadas do século XIX e início do século XX, serviu para agravar as oposições entre as instituições, Igreja Católica e a Maçonaria. A defesa de um estado laico, da liberdade religiosa e da república se tornaram as principais bandeiras presentes na crise do Império e da implantação da República, e que foram vencedoras.

Neste panorama geral, registramos que muitos dos líderes políticos no período monárquico brasileiro, tanto ao lado do Império quanto os que lutaram pela implantação da República, em que muitos eram integrantes do Partido Liberal ou do Partido Republicano Rio-grandenses foram personalidades atuantes na Maçonaria. Assim, entre eles, teremos, conforme Colussi (1998, p.522), o dirigente maçom gaúcho, Coriolano Alves de Oliveira e Castro, político de Caçapava do Sul, Coronel da Guarda Nacional e fundador da Loja Maçônica Guilherme Dias, em 1899, na então Freguesia de Santana da Boa Vista, no Rio Grande do Sul. É este personagem, o maçom Coriolano de Castro um importante líder político da região de Caçapava.

3.1 A MAÇONARIA EM CAÇAPAVA

Figura 26 – Mapa de Caçapava do Sul - RS



Fonte: https://www.canalrural.com.br/wp-content/plugins/seox-image-magick/imagick_convert.php?width=904&height=508&format=.jpg&quality=91&imagick=imagens-cdn.canalrural.com.br/2018/06/1488843201488.jpg acesso em 10/11/2023.

Conforme mencionamos anteriormente, o Município de Caçapava foi emancipado através do Decreto Provincial de 25 de outubro de 1831 e teve sua área formada por partes dos territórios dos municípios de Cachoeira do Sul, Rio Pardo e Piratini. Somente em 29 de dezembro de 1944, Caçapava passou a se chamar Caçapava do Sul. O território do Município de Caçapava do Sul foi dividido, em 17 de setembro de 1966, ao emancipar-se a Vila de Santana da Boa Vista, que deu origem ao Município de Santana da Boa Vista.

De acordo com Cassol e Abrão (1985, p. 214), a Maçonaria em Caçapava sempre foi atuante e remonta a época da Revolução Farroupilha (1835 a 1845). É época em que Caçapava se tornou a Capital da República Rio-grandense, de 9 de janeiro de 1839 a 30 de maio de 1840. Enquanto na bacia do Prata muitas lojas e/ou sociedades secretas foram introduzidas por navios, em Caçapava por meio de uma loja ambulante, neste caso, em uma carreta puxada a bois, que

transportava obras de autores liberais como: “Montesquieu, Adam Smith, Thomas Jefferson, Rousseau e Erasmo Darwin” (PADOIN, 2006, p.46-47).

Segundo Cassol e Abrão (1983, p.99), a Loja Maçônica Perfeita Fraternidade foi fundada em 1839. Dentre os fundadores estavam Bento Gonçalves da Silva, Tito Lívio Zambecari²⁸, Lúcio Jayme de Figueiredo (Secretário da Câmara de Caçapava), Luigi Rossetti (Jornalista/Diretor de O POVO), João Raymundo da Silva Santos (Presidente da Câmara de Caçapava), José da Silva Brandão, entre outros.

A maior parte dos oficiais Farroupilhas eram maçons e Bento Gonçalves da Silva (Presidente da República Rio-grandense) tinha o mais alto grau dentro da Maçonaria (Grau 33) e “foi Venerável Mestre da primeira Loja Maçônica Regular do Rio Grande do Sul a Filantropia e Liberdade” (PADOIN, 2006, p. 48). De certa forma, era sua responsabilidade organizar a Maçonaria em Caçapava, já que ele era o detentor da “Prancha” (Carta) assinada por “Teixeira Gomes, Manuel de Moraes e Tomaz de Lima, dado a Bento Gonçalves o direito de organizar em todos os municípios da Província, regularizar e filiar por todo o território que percorresse, as respectivas lojas e centros culturais” (CASSOL e ABRÃO, 1985, p.212-213).

A Loja Filantropia e Liberdade “foi fundada em 25 de dezembro de 1831, em Porto Alegre, sob o auspício do Grande Oriente do Passeio²⁹; logo após passou para a filiação ao Grande Oriente do Brasil para, novamente, retomar os vínculos iniciais” (PADOIN, 2006, p. 48). Esta Loja teve origem no grêmio liberal e republicano conhecido como a Sociedade Continentino. “O Grande Oriente do Passeio, de vertente francesa liberal e com uma postura favorável à ação política de seus participantes, uniu-se em 1842, ao supremo conselho de Lages, passando dominar o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito do Império” (PADOIN, 2006, .49).

Conforme Colussi (1998), a maçonaria possuía membros em partidos diferentes com projetos diferentes, pois defendia a liberdade política e religiosa de seus integrantes.

²⁸ Zambecari juntamente com Giuseppe Garibaldi e Luigi Rossetti eram ligados a Carbonária e vieram para a América lutar na Revolução Farroupilha. “Os carbonários lutavam pelo fim das monarquias e pela adoção de repúblicas democráticas por meio de insurreições populares” (PADOIN, 2006,p.47). Suas tendências eram heterogêneas, entre elas a diferenciação entre moderados (defendiam um regime constitucional) e radicais (defendiam a instauração da República). Eram seguidores das ideias iluministas de “Giuseppe Mazzini (1805-1872), que atuou na Carbonária Originária do Franco Condado, loja Maçônica surgida na França contrária à Maçonaria napoleônica no período do Congresso de Viena” (ROSSATO, 2022, p. 35).

²⁹ “Em 1832, existiam dois grandes orientes: O Grande Oriente do Brasil, presidido por José Bonifácio, com sede na atual Rua Frei Caneca, e o Grande Oriente Nacional Brasileiro, com sede na Rua dos Passos, que devido a uma cisão, surgiu o Grande Oriente de Caxias em que o Duque de Caxias era o Grão-Mestre”(NETO, 2005, p.32).

Segundo Rubert (1956, p.185-186), a Maçonaria em Santana, diferente de outros lugares, foi mais recente, datando do início do século XX, tendo adesão de muitos fazendeiros. Com a morte do Padre Ramão Fuentemayor, durante a Revolução Federalista, em 19 de setembro de 1894, a paróquia de Santa Ana ficou vaga. A situação da Religião Católica já vinha com dificuldades, ao término do Império e começo da República, ficando pior sem a presença de um religioso.

Dessa forma, no ano de 1894, a paróquia de Caçapava também ficou vaga e as visitas de párocos de outras cidades, como Encruzilhada, foram esparsas, na maioria das vezes durante as festas. Assim, as visitas pastorais eram feitas com pouca frequência resultando em pouca eficácia.

As paróquias de Caçapava e de Santaninha ficaram impedidas de conseguir párocos, devido “o Bispado do Rio Grande do Sul achar-se desprovido de clero e alguns padres, com suas ideias avançadas e espírito do século, não mereciam a confiança de seus superiores” (RUBERT,1956, p.185). Os padres brasileiros eram poucos sendo necessário contar com estrangeiros.

A vida religiosa da população ficou desprovida de apoio espiritual e definhou. Na prática a vida cotidiana destas regiões interioranas, conforme explica Rubert: “as próprias festas religiosas se tornaram carnavalescas e o povo criou uma mentalidade errônea a respeito da religião, do sacerdócio e da moral. E quem ganhou terreno foi a Maçonaria” (1956, p.185). Assim, para Rubert (1956), a Maçonaria como uma “seita secreta, eterna inimiga da Igreja, que faz guerra subterrânea a tudo o que é sagrado. Os disfarces da filantropia³⁰, do espírito social que apregoa, das boas intenções de que se diz prendada” (p.185), ocupou o espaço vago de 1894 a 1922, que antes era preenchido pela Igreja Católica.

Em suas críticas a instituição maçônica, Rubert escreve em 1956 (p.185-186), que há os maçons que são pessoas de bem, com boas intenções, mas que foram iludidas por uma “doutrinação velada e perversa, consequências que, em parte, ainda perduram até nossos dias” (1956). Ainda argumenta que a Maçonaria se utiliza de uma mística que lhe é característica, nomeadamente um “espírito anticlerical, uma aversão à igreja e sua doutrina, isto tudo, às mais das vezes, disfarçado sob a capa de patriotismo, de solidariedade mútua e de reação contra o obscurantismo do clero retrógrado” (p.185). A “inimiga da igreja, inventou a tática de se

³⁰ “A filantropia maçônica, externa e interna, a presença das mulheres nas atividades da instituição e a criação de escolas maçônicas se constituíram em diretrizes fundamentais para que a maçonaria gaúcha angariasse simpatias e ampliasse a influência laica na vida social gaúcha” (COLUSSI, 1998, p.45).

infiltrar nas coisas religiosas, assim que não era raro ver os graúdos maçons baterem nas costas dos vigários, serem festeiros nas solenidades religiosas, padrinhos de batismo e de crisma, testemunhas de casamento” (RUBERT,1956, p.185). Participando das posições “e como combatê-los, se eles pareciam os católicos mais fervorosos, os mais interessados pelo bem público, pelo progresso do lugar? Este triste estado de coisas iludiu a muita gente, desanimou a muito padre zeloso” (RUBERT,1956, p.185).

Segundo Colussi (1998, p.140) o combate ao clero foi a mais importante característica das práticas da maçonaria brasileira, já que defendiam a separação entre Igreja e Estado para “assim por fim ao obscurantismo e às superstições, o que, para os maçons estavam incorporados na presença do catolicismo como religião oficial do Estado Brasileiro”.

Conforme Cassol e Abrão (1985, p.212), existiam lojas maçônicas e clubes em todos os lugares mais populosos, entre eles: Caçapava, Porto Alegre, São Borja, Rio Grande, Cruz Alta e Rio Pardo. Essas sociedades serviam para encontros e discussões sobre a execução da “rebelião”. Conforme Dienstbach (1993, p. 138), sob o título “A Maçonaria ao Oriente de Caçapava”, foram registradas cinco lojas maçônicas em Caçapava do Sul – RS.

Nesse sentido, passamos a apresentar uma síntese histórica destas Lojas Maçônicas, com a finalidade de demonstrar a importância das mesmas em Caçapava e da relação e atuação de Coriolano Castro.

3.1.1 – Loja Perfeita Fraternidade

As evidências físicas da existência da Loja Perfeita Fraternidade encontradas no Acervo da Loja Coriolano Castro de Caçapava do Sul são o Diploma de Iniciação de Pedro Garcia Pereira (Combatente da Revolução Farroupilha e Alferes da Guerra do Paraguai), datado de 24 de setembro de 1847, assinado por Lucio Jayme de Figueiredo e o seu registro na lista dos maçons que faziam parte da Loja Guilherme Dias, em 1902.

Figura 27 – Certificado Pedro Garcia Pereira, Loja Perfeita Fraternidade, 1847.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Segundo Dienstbach (1993, p. 138), a Loja era ligada ao Grande Oriente do Passeio (GOP) do Rio Grande do Sul e estava ativa no ano de 1856, quando foi registrada no Cadastro de Kurt Proeber. Ela faz parte do registro das escolas filiadas ao Grande Oriente do Brasil, em 1857. Outro Diploma de Mestre foi o de João Antônio Haag, com data de 1º de setembro de 1877, que está na Sala dos Passos Perdidos na Loja Coriolano Castro. Esta Loja adormeceu, mas não se sabe quando, há indícios (relato oral) de que a documentação da Loja foi recolhida ao Rio de Janeiro.

3.1.2 – Loja Paz e Prosperidade

Conforme Dienstbach (1993, p. 139-143), a Loja Maçônica Paz e Prosperidade de Caçapava foi uma das Lojas em que Coriolano Alves de Oliveira e Castro foi fundador. Ela foi criada em 1887, instalada em 30 de janeiro e regularizada em 1º de setembro de 1897, era

subordinada ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul ³¹(GORGS). Sua Comissão Reguladora foi integrada por Samorim Gustavo Andrade (Grau 33), Manoel Dada Taborda (Grau 3) e Virgílio Cunha (Grau 3). De acordo com o registro na Ata de Instalação, a Diretoria Interina foi formada pelo: Venerável Mestre, Eduardo Jaime Gomes de Araújo (Grau 3); 1º Vigilante: Balthazar de Bem e Canto (Grau 3); 1º Vigilante: Pedro Carvalho (Grau 3); Orador: João Paulo de Souza Falcão (Grau 3); Secretário: José Pedro Fagundes de Campos (Grau 3); Tesoureiro: Júlio Alves dos Santos (Grau 3); Cobridor: Albino de Bem (Grau 3); Chanceler: José Ricardo Haag (Grau 3); Hospitaleiro: Antônio José de Motta (Grau 3); 1º Experto: Francisco Orlando de Abreu. Na data de 2 de setembro de 1897, o número de obreiros desta loja foi registrado em 32 e o Venerável era José Pedro Fagundes dos Campos. Mas, no Congresso de Veneráveis de 1902 ela estava representada pelo Venerável Achyles T. Resende (Grau 30).

Coriolano Castro participava das duas Lojas ao mesmo tempo, tanto da Paz e Prosperidade na Cidade de Caçapava do Sul, quanto da Guilherme Dias, na Freguesia de Santa Ana da Boa Vista).

3.1.3 – Loja Guilherme Dias

A terceira Loja Maçônica de Caçapava foi a Guilherme Dias, fundada por Coriolano Alves de Oliveira e Castro, na então Vila Santa Ana, o 5º Distrito de Caçapava.

Guilherme Dias foi um padre que atuava em paróquias na cidade de Pelotas-RS, que por exigência da Igreja Católica teve que optar entre o sacerdócio ou a Maçonaria e ele escolheu a Maçonaria, conforme relatamos anteriormente. A Loja Maçônica Guilherme Dias foi fundada com objetivo de “criar um ambiente propício à juventude que tinham apenas nos bailes as suas diversões” (CASSOL e ABRÃO, 1983, p. 24).

Entre os fundadores da Loja Guilherme Dias estavam dois irmãos de Coriolano Castro, Honório Alves de Castro (médico) e Luís Alves de Oliveira e Castro (farmacêutico). Tiveram suas iniciações na Loja Maçônica União Fraternal, em 19 de junho de 1896, em Encruzilhada. Também fazia parte do grupo Pedro Garcia Pereira, que foi Alferes Farrapo, Combatente da

³¹ “O Grande Oriente do Rio Grande do Sul foi instalado oficial e solenemente no dia 14 de outubro 1893 pelas Lojas Autonomia, Cruzeiro do Sul, Hiran, Luz e Ordem, Luz e Progresso, Progresso da Humanidade e Orientação” (MENEZES, 2021,p.69).

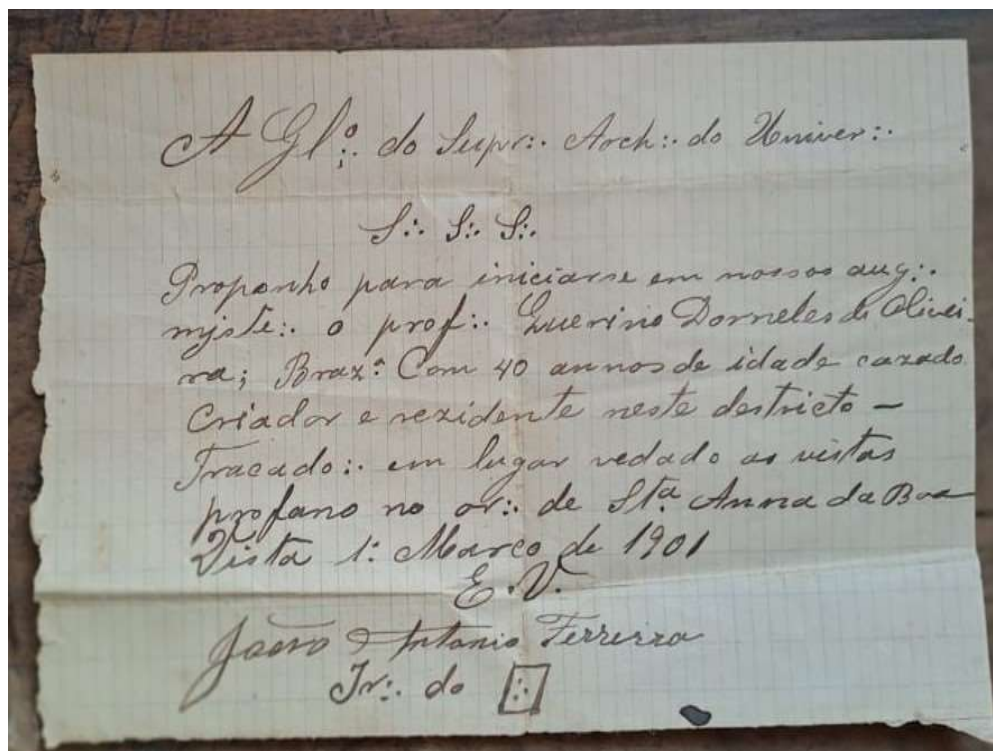
Guerra do Paraguai e o primeiro professor de Santa Ana. De acordo com o Ato 47, de 18 de abril de 1947, assinado pelo Prefeito Coriolano Castro, Hildebrando Hermetto Garcia era professor municipal na Escola do Passo do Pessegueiro, no 6º Distrito de Caçapava.

Assim, “a loja recebeu sua Carta Constitutiva, com o cadastro nº 16, do GORGS, com data de 27 de fevereiro de 1898 e foi regularizada em 20 de abril de 1899, em sessão presidida pelo irmão Honório Alves de Castro, Grau 18” (DIENSTBACH, 1993, p. 576). A sua primeira Diretoria foi composta por:

Venerável Mestre: Coriolano Alves de Oliveira e Castro; Primeiro Vigilante: Leovegildo Alves de Oliveira; Segundo Vigilante: José Pedro Urruth; Orador: Vergilino Theotônio Urruth; Secretário: Joaquim Lopes Correa; Tesoureiro: João Cândido Garcia; Cobridor: Gentil Fausto Teixeira; Chanceler: Libindo Alves de Oliveira.

O seu quadro inicial era formado por vinte obreiros, que foi aumentando ao longo do tempo. Um fragmento deste trabalho é o bilhete abaixo.

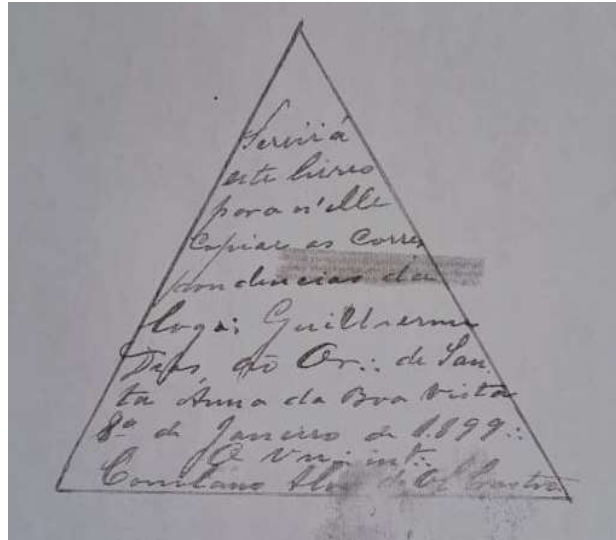
Figura 28 – Bilhete de João Antonio Ferreira em 1901.



Fonte: Arquivo Particular da família de João Antônio Ferreira, Santana da Boa Vista – RS.

Abaixo segue cópia da abertura do Livro de Atas da Loja Guilherme Dias, escrita por Coriolano Castro.

Figura 29 – Abertura do Livro de Atas da Loja Guilherme Dias, em 1899.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

O Padre Guilherme Dias (Grau 33) “foi um Maçom que lutou pela unificação da Maçonaria, principalmente entre o GOB e o GORGS, nos anos de 1896 a 1898” (DIENSTBACH, 1993, p.576), na Cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. A mesma cidade que Coriolano Alves de Oliveira e Castro foi iniciado na Loja Rio Branco, em 15 de fevereiro de 1896, segundo Quadro de Membros da Loja Guilherme Dias, em 5902 (1902).

De acordo com Dienstbach (1993, p.416-421), a Loja Rio Branco já existia quando em 27 de julho de 1882, recebeu todos os irmãos da Loja dos Artistas. O Templo da Loja Rio Branco foi inaugurado em 12 de maio de 1895, a partir daí a Loja autorizou a instalação de um curso noturno gratuito. Neste momento a Loja contava com 381 obreiros. As Lojas Rio Branco, Antunes Ribas e Lealdade, com o apoio da Maçonaria rio-grandense, fundaram o Ginásio Pelotense. Tratava-se de “um ginásio onde os filhos dos maçons pudessem estudar sem ser sob o influxo religioso” (DIENSTBACH, 1993, p.421). Conforme a Ata 1096, a Loja se transfere do Grande Oriente do Brasil para o Grande Oriente do Rio Grande do Sul. Os registros na Ata 2462, em “30 de junho de 1915, tratam da fusão das Lojas: Rio Branco, Honra e Humanidade e Lealdade, que foi aprovado em 7 de julho de 1915, passando a Loja a chamar-se Unidas de Pelotas” (DIENSTBACH, 1993, p.417).

Já na Loja Guilherme Dias, Coriolano Castro em 1º de setembro de 1900 (1900), recebeu o Certificado que lhe concedeu o Grau 31, na Maçonaria, conforme documento a seguir:

Figura 30 – Certificado de Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Grau 31.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

De acordo com o quadro dos membros constituintes da Loja Maçonica Guilherme Dias de Santana da Boa Vista, em 1º de março de 1902, havia 38 membros, dentre eles, Coriolano Alves de Oliveira e Castro que tinha grau 31 e foi o primeiro Venerável Mestre. O 1º vigilante era Leão da Rosa (grau 3), um comerciante italiano iniciado na própria loja, em 1º de novembro de 1900; Orador, Leovegildo Alves de Oliveira (grau 3), comerciante iniciado em 8 de janeiro de 1899; 2º Vigilante, Manoel Vergilino Dornelles (grau 3) foi iniciado em 1º de outubro de 1899; Secretário Hildebrando Hermeto Garcia (grau 3) que era criador (pecuarista), iniciado em 2 de agosto de 1899. Os integrantes da lista eram todos iniciados na Loja Guilherme Dias, com exceção de Pedro Garcia Pereira, Coriolano Castro e seus irmãos.

Figura 31 – Quadro de Membros da Loja Guilherme Dias em 1902, primeira parte, integrantes: Américo Saldanha de Moraes, Aníbal Ferreira de Brum, Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Clodomiro Venceslau dos Santos, Emiliano Alves de Linhares, Eduardo Alves de Linhares, Florisbelo Teixeira Martins, Francisco de Salles Teixeira, Fidêncio Teixeira de Oliveira, Gentil Fausto Teixeira, Gervásio R. da Silva, Honório Alves de Castro, Hidelbrando Hermeto Garcia, Honório Alves dos Santos, Ismael Raphael da Silva, Inocêncio Eusébio de Linhares, José Pedro Urruth, Joaquim Lopes Correa, João Cândido Garcia, José Antônio da Cruz, João Antônio Ferreira, João Manoel Fagundes, Leovegildo Alves de Oliveira e Libindo Alves de Oliveira.

N.º	NOMES	NASCIMENTO				Profissão	Grau	Quando iniciado			Off. em que se iniciou
		Local	Dia	Mez	Anno			Dia	Mez	Anno	
1	Américo Saldanha de Moraes	Caçapava	23	Julho	1873	Letras	31	1	Março	1902	Primeiro Mestre
2	Aníbal Ferreira de Brum	Caçapava	16	Julho	1877	Comercio	31	1	Março	1902	
3	Coriolano Alves de Oliveira e Castro	"	21	Setembro	1872	"	31	1	Março	1902	
4	Clodomiro Venceslau dos Santos	"	26	Setembro	1872	"	31	1	Março	1902	
5	Emiliano Alves de Linhares	"	8	Julho	1878	"	31	1	Março	1902	
6	Eduardo Alves de Linhares	"	16	Julho	1878	"	31	1	Março	1902	
7	Florisbelo Teixeira Martins	"	26	Setembro	1876	"	31	1	Março	1902	
8	Francisco de Salles Teixeira	"	29	Setembro	1875	"	31	1	Março	1902	
9	Fidêncio Teixeira de Oliveira	"	25	Setembro	1872	"	31	1	Março	1902	
10	Gentil Fausto Teixeira	"	"	Setembro	1874	"	31	1	Março	1902	
11	Gervásio R. da Silva	"	"	Setembro	1877	"	31	1	Março	1902	
12	Honório Alves de Castro	"	20	Setembro	1876	"	31	1	Março	1902	
13	Hidelbrando Hermeto Garcia	"	9	Setembro	1875	"	31	1	Março	1902	
14	Honório Alves dos Santos	"	9	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
15	Inocêncio Eusébio de Linhares	"	"	Setembro	1876	"	31	1	Março	1902	
16	José Pedro Urruth	"	14	Setembro	1875	"	31	1	Março	1902	
17	Joaquim Lopes Correa	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
18	João Cândido Garcia	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
19	João Antônio da Cruz	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
20	João Antônio Ferreira	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
21	João Manoel Fagundes	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	
22	Leovegildo Alves de Oliveira	"	"	Setembro	1879	"	31	1	Março	1902	
23	Libindo Alves de Oliveira	"	"	Setembro	1871	"	31	1	Março	1902	

Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Figura 32 – Quadro de Membros da Loja Guilherme Dias em 1902, segunda parte, integrantes: Luís Alves de Oliveira e Castro, Leão da Rosa, Laurinlino Ignacio da Silva, Lindolpho da Rosa Garcia, Militão Alves de Linhares, Manoel Virgilino Dornelles, Manoel Rodrigues de Lara, Manoel Francisco Teixeira, Olímpio Medeiros dos Santos, Pedro Garcia Pereira, Pedro Alves de Linhares, Pedro Anaurelino Dias, Virgilino Theotônio Urruth e Victalino Alves de Oliveira.



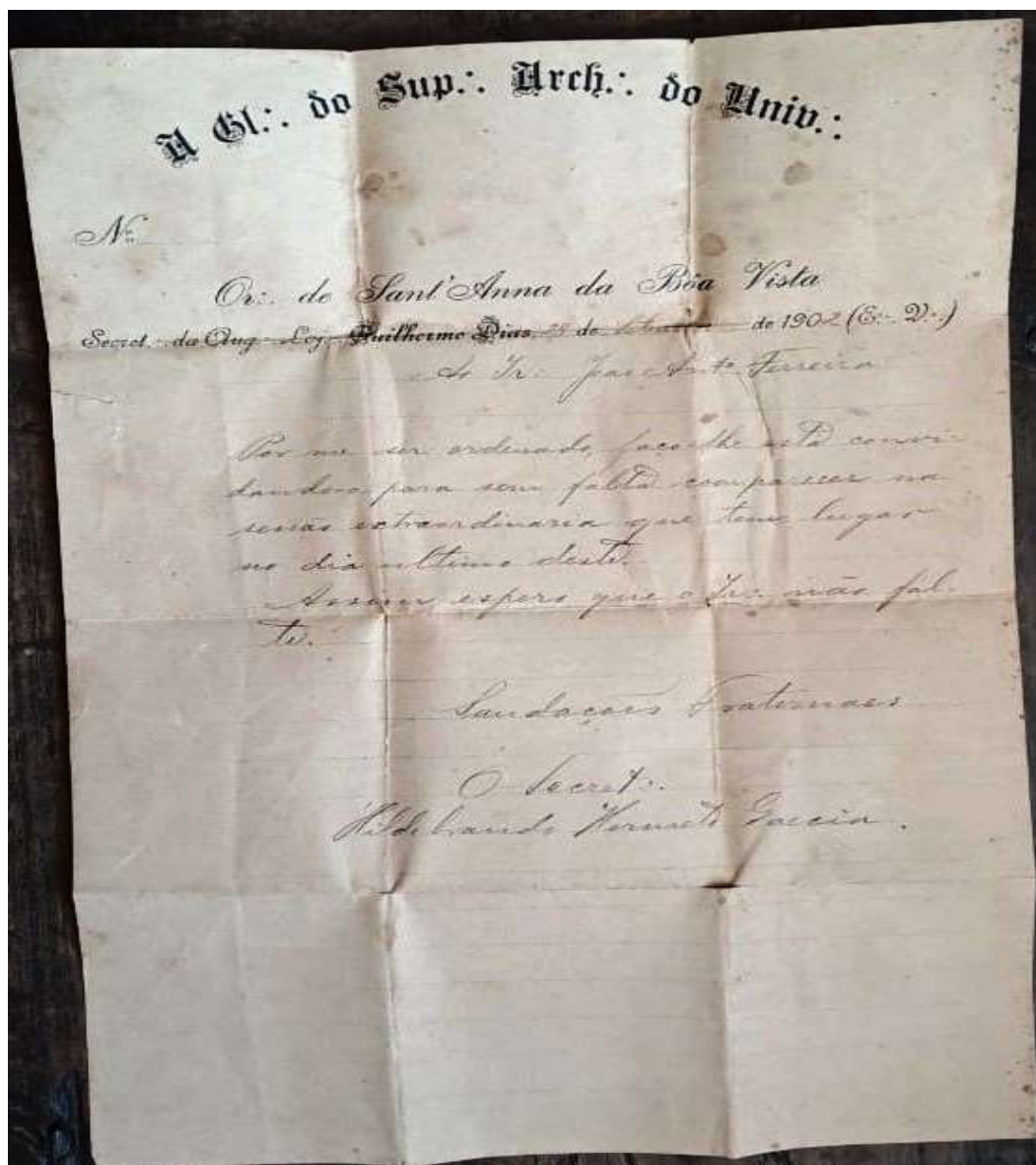
Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

A Loja Maçônica Guilherme Dias entrou em atividade em 8 de janeiro de 1899. Segundo DienstBach (1993, p.576), houve uma tentativa de formar um Triângulo, mas não se solidificou abatendo Colunas pelo Ato 212/1914, em 28 de agosto de 1914. A ida de Coriolano Castro para a Cidade de Caçapava a fim de assumir a Prefeitura em seu primeiro mandato e ter passado a frequentar a Loja Paz e Prosperidade junto com outros irmãos, pode ter sido motivo para o adormecimento da Loja Guilherme Dias.

Segundo Teixeira (2003, p.42), a sede da Loja Guilherme Dias ficava na residência do Alferes Pedro Pereira Garcia, onde hoje fica a Rodoviária de Santana da Boa Vista. Também faziam parte do grupo, aos irmãos: Anaurelino da Rosa, Florisbello João Batista, Manoel Delfino de Melo, Manoel Dornelles e Lucrécio Rodrigues.

Como Secretário da Loja Guilherme Dias, Hildebrando envia um convite para Sessão Extraordinária, que se realizará em 25 de setembro de 1902 (véspera do aniversário de Coriolano Castro), conforme documento a seguir:

Figura 33 – Convite para reunião extraordinária da Loja Guilherme Dias, 1902.



Fonte: Arquivo Particular da família de João Antônio Ferreira, Santana da Boa Vista – RS.

No ano de 2013 houve uma tentativa de reativar a Loja Maçônica Guilherme Dias no Município de Santana da Boa Vista - RS.

3.1.4 – Triângulo Borges de Medeiros

O Triângulo Borges de Medeiros foi fundado com o objetivo de formar uma nova Loja Maçônica na Cidade de Caçapava do Sul, em 1978. De acordo com Dienstbach (1993, p.140), em 13 de outubro de 1978 foi assinado pelo Grão Mestre Carlos Carone, o Ato nº1935/78, que nomeou uma comissão de obreiros da Loja Cônego Antônio das Mercês para fundarem em Cachoeira do Sul, o Triângulo que deu origem a Loja Coriolano Castro. Este trabalho partiu da iniciativa do maçom João Soares que resolveu começar um movimento para reorganizar a Maçonaria em Caçapava do Sul. Contou com o apoio do GORGS, Loja Liberdade de Cachoeira do Sul e de pessoas que aderiram a causa. Assim, foram iniciados três novos irmãos: Remaldo Carlos Cassol, Eno Chaves de Miranda e José Galeno Teixeira. A esses seguiram: Orlando Mazzini, Júlio César Coutinho, Favorino Dias, Nicolau da Silveira Abrão, Percy Cardoso Costa, Nilo Ruffo, Valdocir Farias, Gaudilei Vieira e Breno Walter. Esses obreiros, reuniam-se, todas as sextas-feiras para irem a Cachoeira do Sul assistir as reuniões no Templo da Loja Liberdade. Borges de Medeiros foi o nome sugerido pelo Delegado Maçônico da Região, no entanto devido ao perfil, a escolha recaiu sobre o nome de Coriolano Castro.

3.1.5 – Loja Coriolano Castro

A escolha do nome de Coriolano Castro foi porque ele era “cidadão de raras virtudes, chefe de família exemplar, maçom atuante. Político com a consciência voltada para o culto da liberdade, possuidor de uma individualidade humana, mas dono de uma orientação firme e capaz” (CASSOL E ABRÃO, 1983, p.99). Tinha coragem para enfrentar o conturbado cenário político riograndense (bipartidarismo) e nacional, que muitas vezes o levou a trilhar batalhas de fato, como na Revolução Federalista, na Revolução de 1923, na Revolução de 1930 e em 1932.

Figura 34 – Loja Maçônica Coriolano Castro



Fonte: Fotografia de autoria de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2022.

A inauguração da Loja ocorreu em 26 de setembro de 1982, como homenagem ao Maçom Coriolano Alves de Oliveira e Castro, que faria aniversário nesta data.

Figura 35 –Fotografia de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

O ato foi oficiado pelo Decreto 125/82 do Grande Oriente do Rio Grande do Sul que integrou a Loja Coriolano Castro de Caçapava do Sul, na jurisdição Maçônica do Grande

Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), assinado por Amadeu Lahorgue Pinto, Grão-Mestre em exercício.

Segundo Dienstbach (1993, p.142), a primeira Diretoria foi composta por: Venerável Mestre: Remaldo Carlos Cassol; 1º Vigilante: Orlando Mazzini da Silva; 2º Vigilante: Favorino Chaves Dias; Orador: Nicolau da Silveira Abrão; Secretário: Harri Goulart Gervasio; Tesoureiro: Luiz Alberto Teixeira e posterior Itajuba Alves Leão.

As sessões ritualísticas da Loja Coriolano Castro são realizadas no Templo, ou em qualquer lugar em que se restrinja aos maçons.

Figura 36 –Templo da Loja Coriolano Castro



Fonte: Fotografia de autoria de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2022.

Também ocorrem sessões públicas não ritualísticas, para pessoas convidadas sendo maçons e não maçons, feitas no Templo, mas podem ser feitas em qualquer lugar, como esta

(Ver figura 27) realizada em 2002. Trata-se da homenagem realizada ao Cel. Coriolano Alves de Oliveira e Castro, Grau 31, Patrono da ARLS Coriolano Castro.

Figura 37 – Homenagem a Coriolano Castro em 2002.



Fonte: Acervo Rosa Guimarães Greca, Caçapava do Sul – RS, 2022.

Na Figura acima estão, a partir da esquerda: Carlos Carvalho, Vice-Prefeito de Caçapava do Sul; Paulo Nunes Gomes, Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Rio Grande do Sul GORGS; Nilson Torres Dorneles, Venerável Mestre da ARLS Coriolano Castro; Pedro Jerre Moreira Greca, representando a família do Homenageado, e Paulo Sérgio Alves Nicola, Delegado da 31ª Região Maçônica do Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS).

Desde 1982, conforme Dienstbach (1993, p.144), a Loja Maçônica Coriolano Castro teve os seguintes Veneráveis: Remaldo Carlos Cassol (1982/1983), Orlando Mazzini da Silva (1983/1985), Nicolau da Silveira Abrão (1985/1987), Luiz Alberto Pereira Teixeira (1987/1989), João Arthur Chaves Dias (1989/1991), Gerônimo Ramirez Vicêncio (1991/1993), Paulo Sérgio Alves Nicola (1993/1995), Carlos Viana Olmos (1995/1996), Roberto Zamberlan (1996/2001), Nilson Torres Dorneles (2001/2005), Paulo Sérgio Carvalho Machado (2005/2007), Gilberto Monteiro Dias (2007/2008), Ricardo Dias Ferreira (2008/2011), Emerson Teixeira Machado (2011/2015), Cyro Celso Chaves (2015/2017), Marcelo de Souza

Silva (2017/2019), Marcelo Souza da Cunha (2019/2021), Ibuçara Rosa de Miranda (2021/2023) e Roberto Zamberlan 2023.

Atualmente (2023), em Caçapava do Sul, existem três lojas maçônicas, sendo que duas são simbólicas: a Loja Coriolano Castro (de graus³² 1, 2 e 3) fundada em 1982, de Rito Escocês Antigo e Aceito (funciona nas terças-feiras). Loja de Perfeição³³ de nome Perfeita Fraternidade (de graus 4 ao 14), de Rito Escocês Antigo e Aceito, “foi fundada em 18 de agosto de 1991, e está filiada ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul” (TEIXEIRA,2016, p.200) ; e, Loja Recuperação, simbólica (de graus 1, 2 e 3), fundada em 24 de junho de 2002, Rito Adonhiramita (funciona nas segundas-feiras). As simbólicas são ligadas a potência Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS). A Perfeição está ligada ao capítulo de Santa Maria, que são ligados ao Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito. A Loja Perfeita Fraternidade é uma homenagem a antiga loja criada no tempo dos farrapos que anos depois foi extinta.

3.2 CORIOLANO CASTRO O MAÇOM ATUANTE NA POLÍTICA

As lojas maçônicas e os Clubes Políticos dos quais Coriolano Castro participou, tanto em Pelotas como em Caçapava (Santana), contribuíram para a formação política que influenciou na concepção dos partidos: “eram espaços onde se articulavam redes de relações, visavam criar coesão e apoio político” (ANDRADE, 2022, p. 141).

A Maçonaria era formada por pessoas de grau de escolaridade e padrão intelectual altos, e pertenciam a uma cultura elitista devido a suas origens sociais. Os analfabetos ou iletrados não eram convidados a participar da instituição, “também não possuíam meios ou condições intelectuais para receptadores do discurso da visão do mundo da Maçonaria” (COLUSSI, 1998, p. 328).

³² Os graus filosóficos são dirigidos por vários Supremos Conselhos que têm o objetivo de manter a uniformidade mundial dos rituais e métodos” (MORETTI, 2012, p. 49-72).

³³ O Rito de Perfeição tem 3 graus simbólicos e 30 filosóficos totalizando 33 graus, a partir do terceiro grau simbólico um maçom se torna mestre-maçom. Os 3 primeiros graus propõem ensinamentos básicos simbólicos aos iniciados maçons em seu polimento moral e espiritual (obediência Maçônica), e a partir do 4º grau até o 33º, estão subordinados ao Supremo Conselho, graus filosóficos ” (MORETTI, 2012, p. 49-72).

Assim, “a cooptação, via discurso, palavra escrita e ações, era dirigida em dois sentidos: primeiro, à própria elite aos seus pares sociais por meio da imprensa, dos debates em clubes literários, das obras publicadas, na difusão de determinadas peças teatrais” (COLUSSI,1998, p. 329). O segundo era dirigido a população em geral pobre e analfabeta, tocada por meio de discursos, práticas sociais e da filantropia. Dessa forma, atingindo os dois seguimentos através de práticas. A própria representação simbólica que sempre acompanhou Maçonaria, “envolta na ideia de mistério e de poderes obscuros, servia como ponto de atração e simpatia a favor da instituição” (COLUSSI,1998, p. 329). Quando a propaganda era direcionada para pessoas de seu meio social eram evidenciados os valores éticos, humanistas e filantrópicos e o “seu método, o segredo e a abnegação” (PADOIN, 2001, p.25).

Conforme Colussi (1998, p. 329-287), a Maçonaria concentrou esforços em conseguir simpatizantes contra o clero. Dos seus participantes a maioria dos dirigentes eram da área do Direito, medicina, jornalismo, farmácia, entre outros. A composição social de seus filiados ficava distribuída em: comerciantes, fazendeiros e lavradores, artistas, proprietários, médicos, advogados e magistrados, empregados públicos, náuticos, clérigos e militares. No quadro de profissões da Loja Maçônica Guilherme Dias aparecem: empregado público (professor), médico, comerciante, fazendeiro, farmacêutico, pedreiro, pensionista (professor), mas em sua maioria, criador. O grupo de 38 obreiros, em 1902, era formado por pessoas da Freguesia de Santana (5º Distrito de Caçapava), havia um italiano, um português, um bajeense e um caçapavano.

A virada para o Século XX foi a época em que a Maçonaria³⁴ esteve mais forte entre os gaúchos, de acordo com Colussi (1998, p. 334), a imprensa e a literatura estiveram presentes de forma pujante. A relação entre a Maçonaria e a Igreja Católica esteve mais acirrada. Período que intelectuais maçons assumiram claramente condutas anticlericais³⁵. A Maçonaria não dirigia agressões a Religião Católica, mas às atitudes de dirigentes da Instituição Católica dos quais sofria perseguições. A Maçonaria estava focada em fazer “caridade e filantropia, ao que agregavam a preocupação com a cultura, o progresso da ciência, a difusão do conhecimento

³⁴ “A partir da segunda metade do século XIX, em diante, a Maçonaria se consolidou em praticamente todo o Rio Grande do Sul” (COLUSSI, 1998, p.42).

³⁵ O anticlericalismo contra parte de integrantes da igreja não era exclusividade maçônica; “no século XIX, esses posicionamentos eram partilhados por outros grupos ou seguimentos intelectualizados sob a influência do pensamento liberal e cientificista” (COLUSSI, 1998, p.43).

científico e filosófico, como qualidades a mais da instituição em relação às outras” (COLUSSI, 1998, p.331).

Para atingir seus objetivos a Maçonaria usou estratégias como por exemplo: “ações filantrópicas sistemáticas, construção de casas de saúde e de asilos e orfanatos, campanhas de Caridade em períodos de epidemias e de secas ou enchentes, bem como alguma inserção no campo do ensino popular” (COLUSSI, 1998, p. 329-330).

Assim, segundo Cassol e Abrão (1983, p.24), a frente da Loja Guilherme Dias, Coriolano Castro de forma inovadora criou um grupo de teatro despertando o interesse dos jovens pela arte, ampliando as opções de diversão que se resumiam a bailes. Ele se utilizou da experiência obtida em Pelotas quando participou de grupo teatral, na época de estudante, para fundar grupos em Santana e Caçapava. Deste período, ficou o registro fotográfico a seguir:

Figura 38 – Teatro no Clube União em 1907, Caçapava - RS.



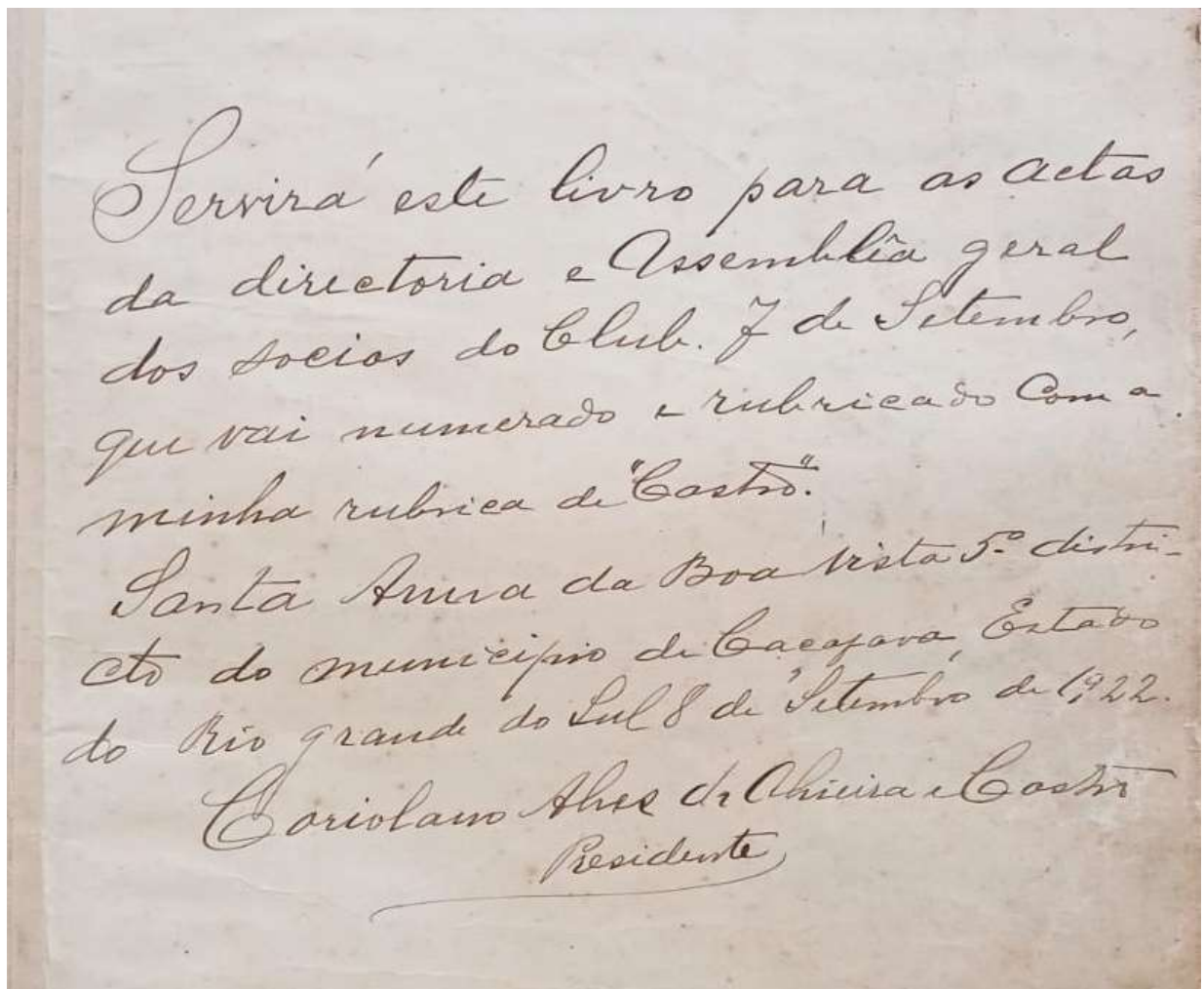
Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Outra atividade que Coriolano promoveu, em sua perspectiva enquanto maçom e político, foi “uma campanha no ano de 1900, distribuindo milho e feijão aos agricultores da

região, para amenizar os prejuízos pelo efeito da grande seca registrada na ocasião, com a perda total da agricultura” (DIENSTBACH, 1993, p. 576), da mesma forma em que distribuíram água de pipa para os moradores de Santana.

De acordo com Atas do Clube 7 de Setembro de Santana da Boa Vista, Coriolano Castro foi fundador do Clube 7 de Setembro (1922), do qual foi Presidente nas duas primeiras gestões e reeleito em 1931, para o mandato que durou de 1931 a 1933, quando estiveram presentes na posse: o Presidente do Clube União Caçapavano, Oscar Alves; o Intendente João Farias de Oliveira Lima e Silvio Farias Corrêa. As atas das reuniões na maioria das vezes eram feitas por ele, inclusive a abertura do livro de atas, como segue:

Figura 39 – Abertura do Livro de Atas do Clube 7 de Setembro.



A inauguração do Clube 7 de Setembro (Figura 40), do qual foi fundador, aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. A publicação do Estatuto do Clube foi em 15 de fevereiro de 1938, conforme Jornal Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, Seção II, p.7.

Figura 40 – Clube 7 de Setembro, em 17 de setembro de 2023, Santana da Boa Vista - RS.



Fonte: Fotografia de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira.

Em conformidade com Colussi (1998, p.522-547), no quadro de dirigentes maçons no Rio Grande do Sul figura Coriolano Alves de Oliveira e Castro da cidade de Caçapava, como venerável da loja Guilherme Dias, no ano de 1899. Ocasão em que ele aparece como político local e integrante da Guarda Nacional.

Assim como, João Peixoto da Fontoura que era o Venerável da Loja União Fraternal e colega da Guarda Nacional em Encruzilhada. A União Fraternal foi a Loja onde os irmãos de Coriolano Castro Honório Alves de Castro e Luiz Alves de Oliveira e Castro foram iniciados em junho de 1896, conforme registro no Quadro dos membros da Loja Guilherme Dias de 5902 (1902).

Coriolano Castro foi o Coronel Comandante da 62ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional³⁶ no Rio Grande do Sul, em conformidade com a Carta Patente expedida pela Presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, através do Decreto de 27 de julho de 1903, assinado pelo Presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves. Ao acessar documentos de arquivos públicos e particulares, percebe-se, o seu trabalho na Guarda Nacional era mais uma das atividades por ele desenvolvidas, que despertavam prestígio, respeito e admiração.

Na fotografia abaixo temos o registro da 62ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional, em que figura Coronel Coriolano de Castro.

Figura 41 – Coriolano Castro como Coronel Comandante da 62ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional - RS, em 1904 (ver marcação com uma flecha)

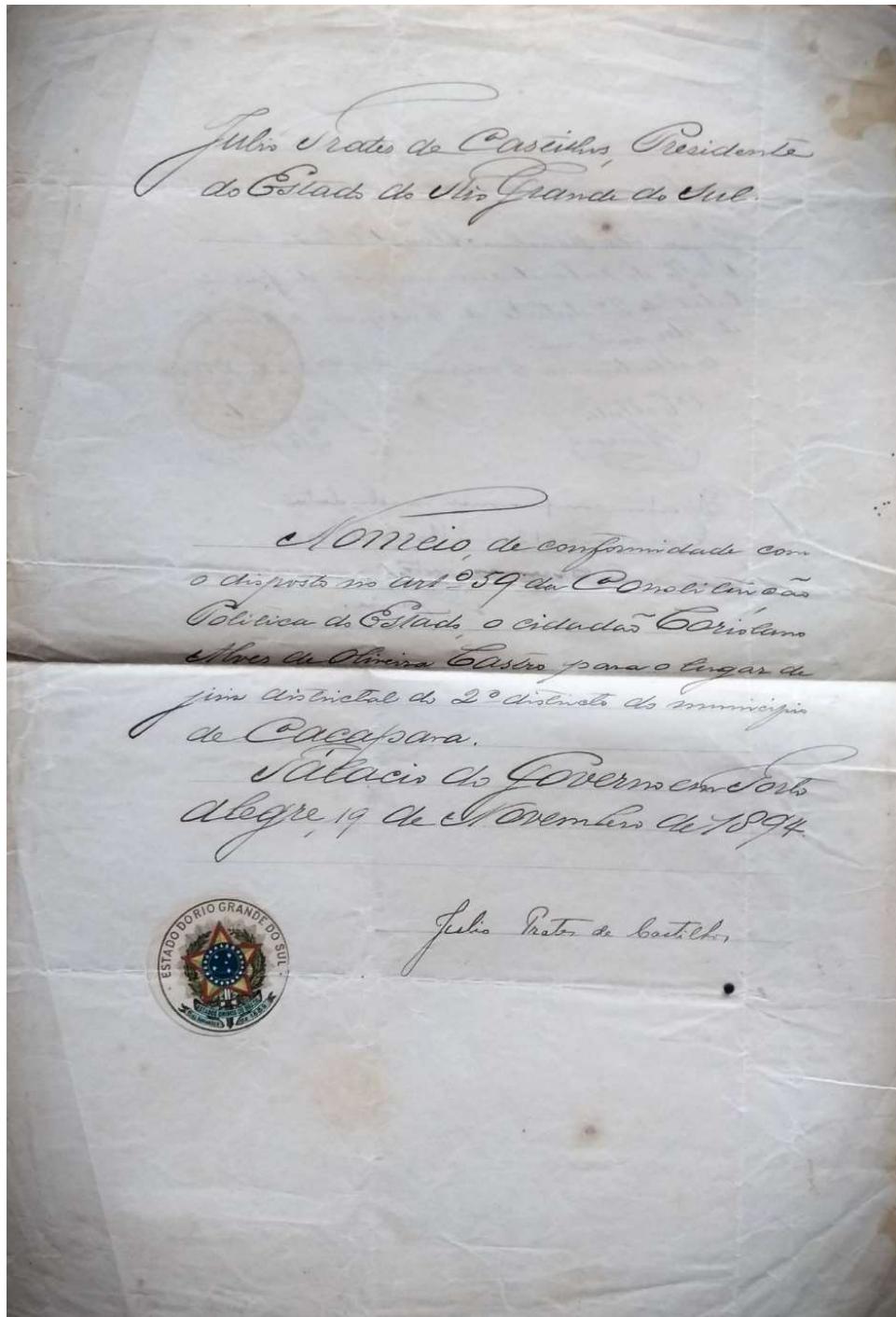


Fonte: CASSOL, Arnaldo Luiz. ABRÃO, Nicolau Silveira. **Coronel Coriolano Castro**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1983.

³⁶ “Os comandantes da Guarda Nacional possuíam larga experiência em recrutar e reunir homens, seja para questões políticas, seja para combates, para mantê-los em armas se fosse preciso. Eram experimentados e espertos em combates à gaúcha, ou guerra de recursos, a mesma empregada durante a revolução” (ANDRADE, 2022, p.464).

Dentre as atividades executadas por Coriolano Castro estava a de Juiz Distrital no 2º Distrito de Caçapava, conforme documento abaixo, assinado por Júlio de Castilhos.

Figura 42 –Nomeação de Coriolano Alves de Oliveira e Castro como Juiz Distrital, 1894.



A função de um Juiz Distrital era definida pela Constituição da República Rio-grandense de 1891, que foi definida com o Decreto 16 de 1892, e outras legislações complementares. A aplicação da justiça estava sob responsabilidade dos juizes das comarcas e dos distritos, que hierarquicamente eram subordinados ao Superior Tribunal e do Procurador Geral da Justiça (BALBINOT, 2016, p.186).

Assim, os juizes distritais na estrutura judicial do RS estavam subordinados hierarquicamente aos juizes de comarca, estas normalmente estabelecidas nas sedes dos municípios. Conforme Giovani Balbinot (2016), o juiz distrital era um cargo temporário e de nomeação sob responsabilidade do Presidente do Estado de acordo com indicações dos coronéis em posição de chefes políticos municipais.

Cada distrito atuava um juiz distrital, assistido por três suplentes, cujas principais atribuições delineavam-se em homologar contratos, abrir testamentos, presidir casamentos, proceder a corpo de delito, preparar e julgar em primeira instância as causas cíveis, até o valor de 500 mil réis, além preparar processos crime. (BALBINOT, 2016, p.187)

Coriolano de Castro além de ser coronel foi então juiz distrital, nomeado por Júlio de Castilhos em 1894. Esta função era estratégica para a manutenção do poder regional do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), estabelecendo ou definidas relações institucionais entre o poder local e o estadual oficial. Provavelmente tal experiência de Coriolano de Castro tão próximo do poder do Estado, o levou a com o tempo, mudar de partido, passando de situação para a oposição.

Assim, Coriolano Castro integrou três partidos políticos: o Partido Republicano Rio-grandense (PRR/fundador), Partido Federalista (PF) e Partido Libertador (PL/fundador). Em um primeiro momento Coriolano Castro e Borges de Medeiros, também Caçapavano e maçom, eram correligionários e filiados ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Conforme registro na Urna Funerária de Coriolano Castro, em 1921, desentenderam-se, Coriolano Castro, Borges de Medeiros e Baltazar de Bem e Canto (Intendente de Caçapava e maçom da Loja Paz e Prosperidade) ocasionando a dissidência de Coriolano Castro. Dentro da Maçonaria, “o rompimento revelava o conflito de diferentes posicionamentos políticos e que se manifestavam também na vida política profana” (COLUSSI, 1998, p.125).

De acordo com Cassol e Abrão (1983, p.29), a continuidade de Borges de Medeiros no poder, anulando quaisquer esforços da oposição de forma dúbia e suspeição de fraude

eleitoral, fez com que Coriolano Castro deixasse o PRR, “por solidarizar-se ao federalismo³⁷, e após incorporou na luta pela candidatura de Assis Brasil” (CASSOL E ABRÃO, 1983, p.29). Junto com Coriolano Castro, “muitos outros nomes de valor e de liderança o acompanharam e com ele formaram um grande partido político, coeso e combativo que predominou por muitos anos em Caçapava” (CASSOL E ABRÃO, 1983, p.28). Lideranças estas que o apoiaram na Revolução de 1923 e 1932.

Assim sendo, a liderança regional/local de Coriolano de Castro se mantém, tanto que fora reeleito intendente e prefeito de Caçapava. “Seu valor como líder, pode-se verificar por ocasião de seu ingresso no Partido Federalista, por divergir frontalmente, da política adotada pelo chefe republicano Borges de Medeiros” (CASSOL e ABRÃO, 1993, p.28). Um dos documentos da época que registram estes fatos foi o telegrama abaixo enviado para Assis Brasil em apoio a sua candidatura, em que consta a assinatura de Coriolano.

Figura 43 – Telegrama de apoio candidatura Joaquim Francisco de Assis Brasil, 1922.

³⁷ “O federalismo adotado pela República brasileira e conformado na Constituição federal de 1891 estabeleceu o regime representativo em uma República Federativa, com divisões de competência federal e estaduais, discriminação de impostos, separação independência dos 3 poderes e suas competências” (ROSSATO, 2022, p. 18). A prática, especialmente nas primeiras décadas levaram a muitos questionamentos sobre a construção da República brasileira, manifestada em vários movimentos, como as Revoluções federalistas do final do século XIX e a de 1923.

Dr. Assis Brasil


A antiga duvidanca republicana
presidencialista de Caçapava, há tanto
afastada das luctas politicas, tem a honra
de lhe communicar que, com o maior
enthusiasmo suffragara, na proxima elei-
ção para Presidente do Estado, o nome
lançado de Sr. Ex^a, que represente a
verdade do Rio Grande livre e independen-
te.

Jr. Mathias Velho.
Cel. Corinário Castro
Armando Alves.
Graciliano Alves
Manuel Luiz Assis
Trayano Alves.
Adauto Alves.
Henrique Figueiredo

Coriolano Castro era eleitor do 5º Distrito de Caçapava como apresentado na imagem abaixo.

Figura 44 – Título de Eleitor de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.

N. 1685
(Dado no Tribunal Regional)



TÍTULO DE ELEITOR

RIO GRANDE DO SUL

2ª zona Caçapava
(Município)

Domicílio eleitoral 5º Distrito de Caçapava

Número de ordem da inscrição 1542 (1542)

Data da inscrição no cartório 14 de Agosto de 1934

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)
Coriolano Alves de Oliveira e Castro

Filiação Alves de Oliveira e Castro

Naturalidade Caçapava

Idade 69 anos — Data do nascimento 26 de Setembro de 1863

Estado civil Casado


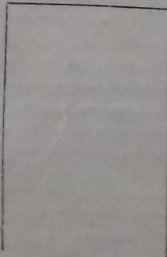
Profissão Criador

Qualificativos

Coriolano Alves de Oliveira e Castro
ASSINATURA DO ELEITOR

O presente título é expedido de acôrdo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado do Rio Grande do Sul e recebeu o número _____ aos _____ dias do mês de _____ do ano de mil novecentos e trinta e _____

Diretor da Secretaria

Formula dactiloscópica

Polegar direito

Cartão

Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Coriolano Castro se candidatou três vezes ao governo de Caçapava e se elegeu em todas, como Intendente, de 1901 a 1905 (PRR) e de 1925 a 1929 (PF), e como Prefeito de 1937

a 1938 (PL), demonstrando seu poder e influência. A seguir está cópia da Ata da primeira eleição de Coriolano Castro (PRR) à Intendência de Caçapava.

Figura 45 – Ata de apuração da eleição municipal de Caçapava, em 1900.

Ata geral da apuração da eleição que se procedeu neste município em 1º de Novembro do corrente anno, para os cargos de Intendente, Vice-intendente e Conselheiros Municipaes.

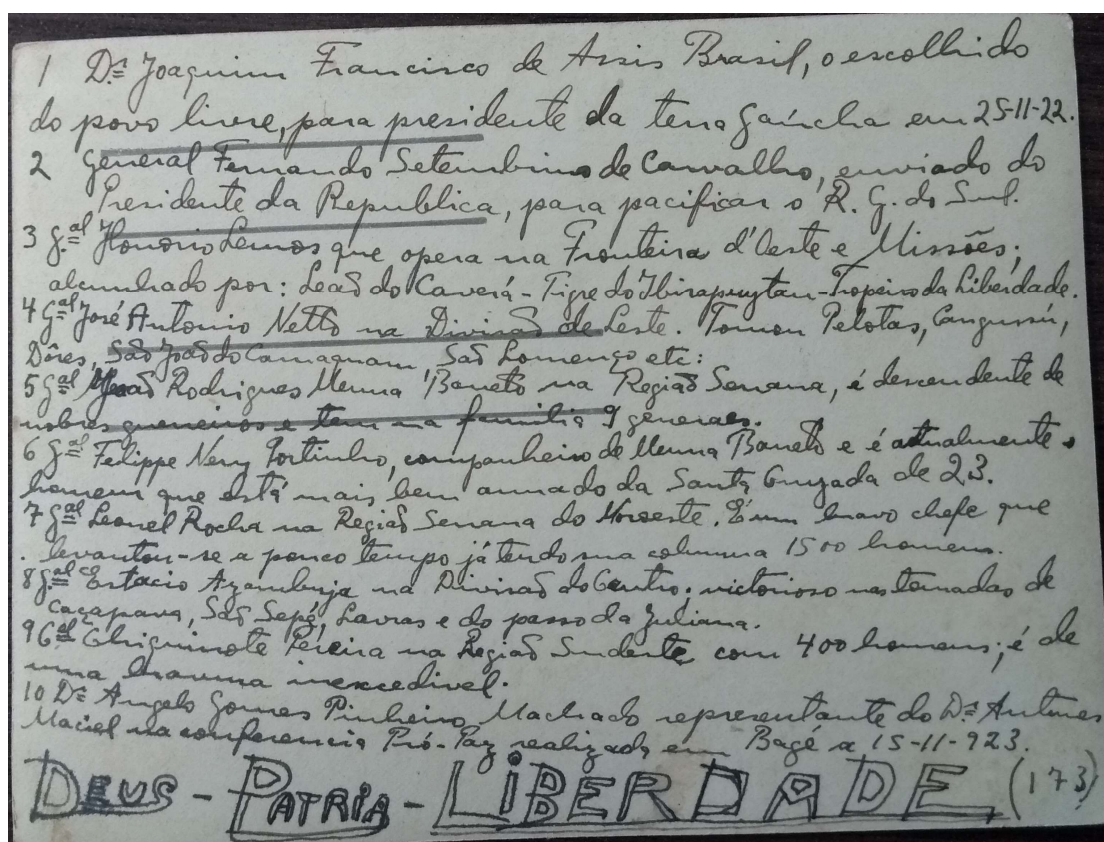
Aos onze dias do mez de Novembro de mil e novecentos na casa da Intendencia Municipal desta cidade, reunidos os Cidadãos João Rodrigues de Oliveira, presidente do Conselho e Conselheiros Domingos Fajme de Figueiredo, Joaquim Manoel Alves, Antonio Carlos Fleguas e Alcaandro José de Seixas, Presidentes das mesas eleitoraes, procedeu-se a contagem dos votos recebidos nas diversas secções eleitoraes, conforme as respectivas actas, e verificou-se terem obtido: Major Coriolano Castro de Oliveira Castro, seiscentos e trinta e dois votos para Intendente; Secundino José Barreto, seiscentos e vinte e cinco votos para Vice-intendente; e os Cidadãos Domingos Fajme de Figueiredo, Joaquim Ribeiro de Carvalho e João Felix Lopes, quinhentos e secenta e um votos cada um para Conselheiros Municipaes; João Baptista Coelho Leal, quinhentos e cincoenta e nove votos; Diocléio Pereira Maide, quinhentos e cincoenta e sete votos; Joaquim Mansel Alves, quinhentos e trinta e cinco votos; Luiz Antonio Montara, quinhentos e vinte e oito votos, os quatro tambem para Conselheiros Municipaes; Silvestre José de Vargas, trinta e dois votos; Dorival Saldanha, vinte e um votos; Manoel José de Souza, vinte votos; Ignacio Silveira dos Santos, Bathazar Guarani de Bem, João Augusto Fajme e Manoel Moreira Celso, os quatro com dezenove votos cada um para Conselheiros Municipaes; Bathazar de Bem e Canto, José Ricardo Hoag, Lourivaldo Pedro Garra, João Galvão Silveira dos Santos, Dr. Mathias Campos Velho, estes cinco com dois votos cada um para Conselheiros Municipaes; José Pedro Fagundes de Campos, Alcaandro José de Seixas, João de Araujo Brito, Francisco Pereira Luiz

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Caçapava do Sul RS, em 2022.

A partir da saída de Coriolano Castro do PRR, aflorou o “seu poder de persuasão que o caracterizava, criava-se com o episódio, o líder nato de um movimento de oposição, cabendo-lhe a tarefa de estruturar e organizar, junto aos valores de sua grei Maragata, uma força política imbatível” (CASSOL E ABRÃO, 1983, p.29).

Em 1923, Coriolano Castro combateu a favor de Assis Brasil, junto com Zeca Netto e Estácio Azambuja, sob o lema: “Deus, Pátria e Liberdade”, conforme anotação a seguir:

Figura 46 – Anotações sobre a Revolução de 1923.



Fonte: Arquivo do Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, São Gabriel, 2022.

Assim, a política partidária fez parte de sua trajetória, como um político hábil, mediador e popular. Detinha o respeito e confiança em todos os círculos que participava. Segundo Cassol e Abrão (1983, p.113), um exemplo de mobilização foi quando retornou da Revolução de 1923, em que a população de Santana, foi recebê-lo, momento registrado na fotografia a seguir:

Figura 47 – Coriolano Castro chegada na Freguesia de Santa Ana da Boa Vista, Caçapava em 1923.



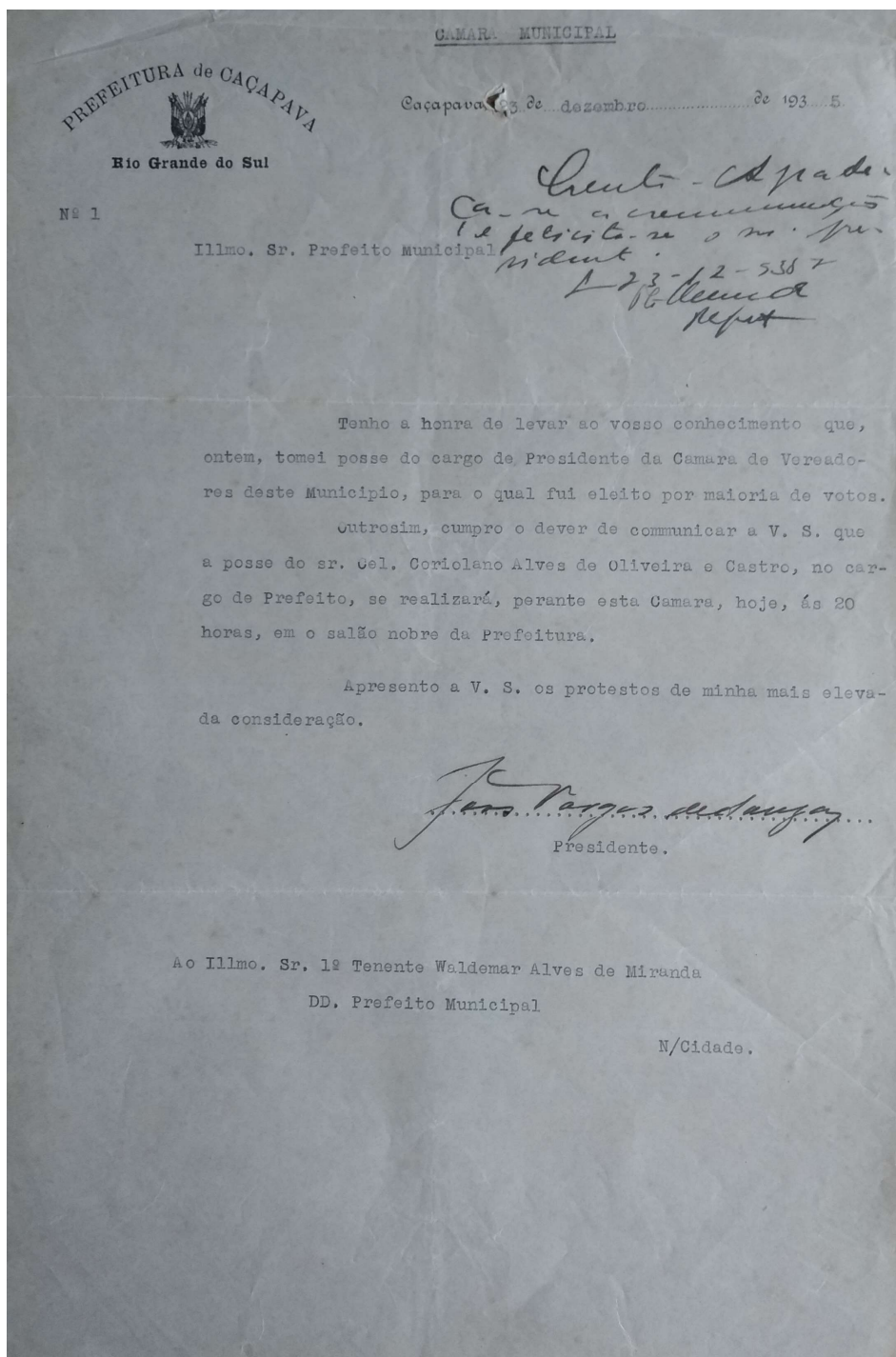
Fonte: CASSOL, Arnaldo Luiz. ABRÃO, Nicolau Silveira. **Coronel Coriolano Castro**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1983.

Em 1924, Coriolano Castro se candidatou e foi eleito Intendente de Caçapava pelos Maragatos (PF). Segundo Cassol e Abrão (1983, p.57), foi publicado no Jornal O Regional, de 9 de setembro de 1925, a posse de Coriolano Alves de Oliveira e Castro e dos Conselheiros Municipais. Nesta ocasião foi lido o telegrama enviado por Antônio Augusto Borges de Medeiros, Governador do Estado, felicitando o Intendente Coriolano Castro e ao Vice Intendente Antônio Alves de Oliveira. Apesar das divergências no campo político partidário, Coriolano Castro e Borges de Medeiros lutaram lado a lado na Revolução Constitucionalista de 1932, sob a bandeira da Frente Única, que foi uma coligação do PL, liderado por Assis Brasil e o PRR, de Borges de Medeiros. Apesar da rivalidade política partidária entre Coriolano Castro e Borges de Medeiros, Coriolano Castro participou da Revolução de 1932, em apoio ao Partido Libertador, sob o comando de liderança de João Batista Luzardo.

Em 1935, Coriolano Castro tomou posse da administração do Município de Caçapava, pela terceira vez, em 23 de dezembro de 1935 foi sua posse como Prefeito, conforme correspondência da Câmara de Vereadores de Caçapava (Figura 48). De acordo com Cassol e Abrão (1983), o Município de Caçapava foi governado por maçons pelo menos nas primeiras

décadas da República Brasileira. Entre estes intendentes e prefeitos estão: Coriolano Castro, com três mandatos e Baltazar de Bem e Canto (Loja Paz e Prosperidade), com quatro mandatos. Eles governaram no período de 1898 a 1939.

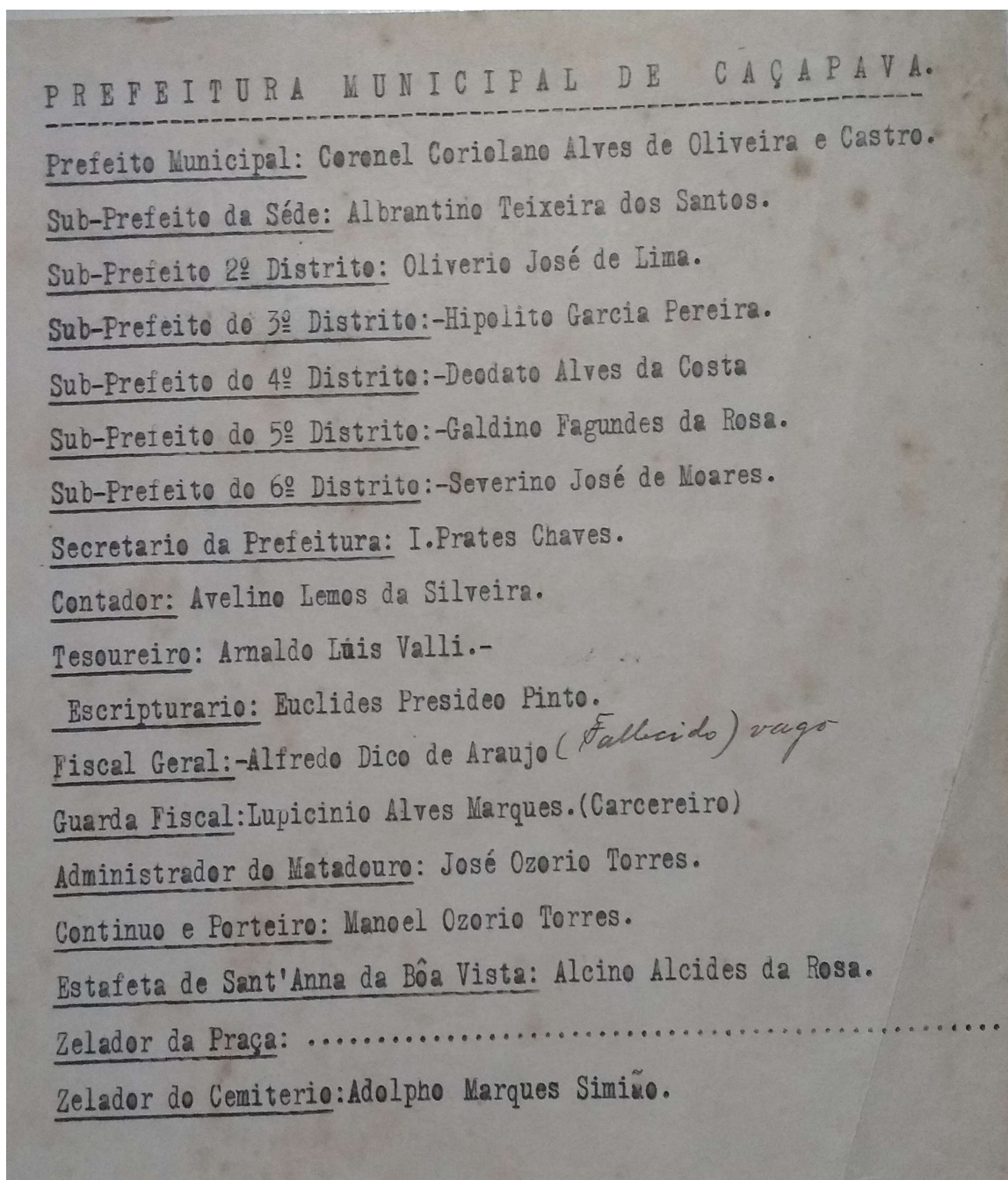
Figura 48: Convite para a posse de Coriolano Castro a Prefeitura de Caçapava do Sul – RS, em 1935.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul – RS, 2002.

De acordo com documentos constantes no Arquivo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, este (Figura - 49) era o quadro de funcionários da Prefeitura de Caçapava em 1937.

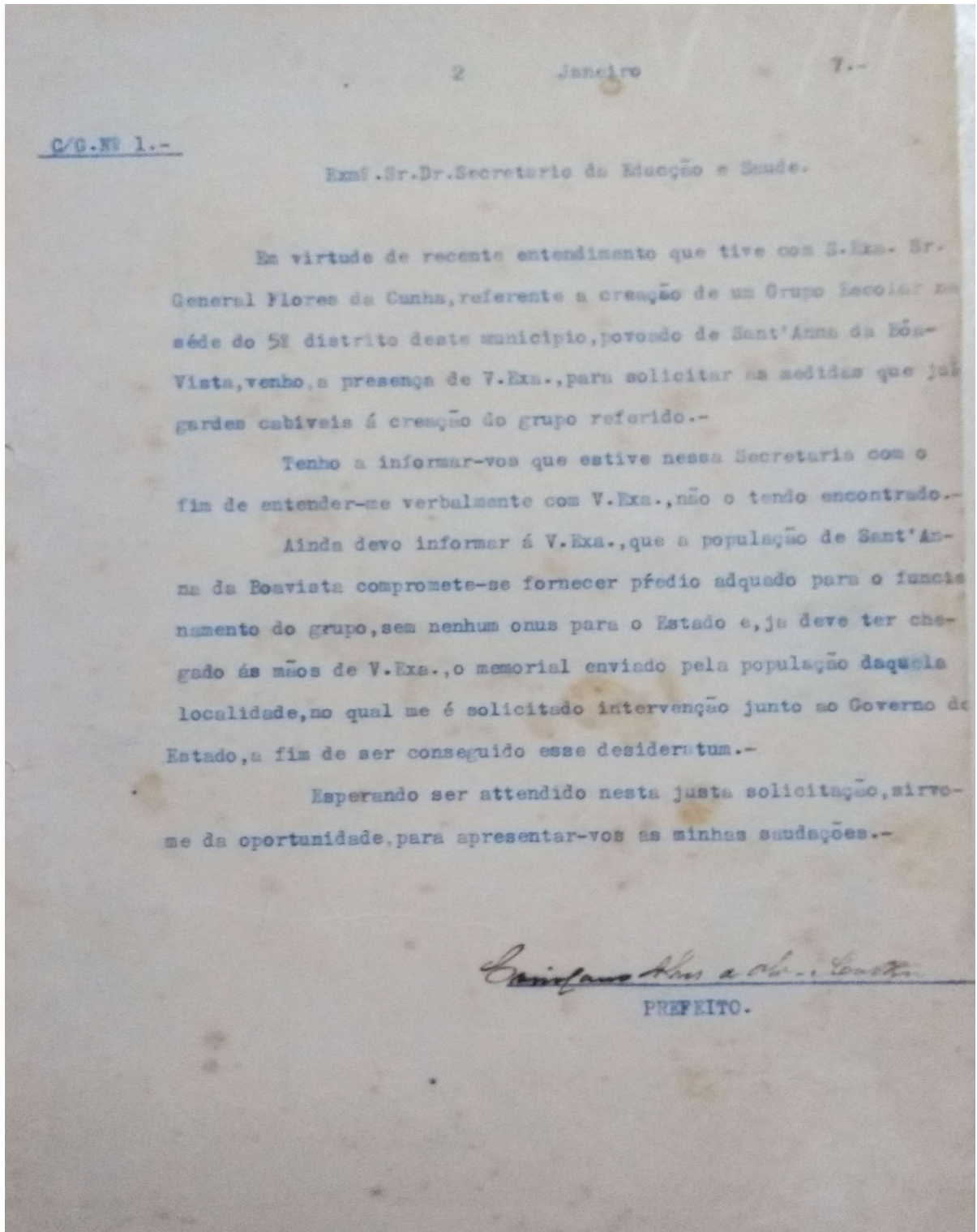
Figura 49: Lista do quadro de funcionários da Prefeitura de Caçapava do Sul – RS, em 1937.



Durante seus mandatos na administração do Município de Caçapava, Coriolano Castro fundou e deu suporte a várias instituições escolares, munindo-as com infraestrutura e salários condizentes aos professores. Dentre estas escolas, estava a de Ensino Elementar, na Freguesia de Santana da Boa Vista, 5º Distrito de Caçapava. Para o funcionamento desta instituição de ensino ele doou sua casa. Assim, surgiu a primeira escola pública com prédio próprio, porque até então as escolas municipais eram sediadas em residências familiares ou até mesmo galpões. Da mesma forma que as escolas particulares funcionavam nas residências dos professores, como uma opção de educação formal dirigida a elite da região.

A Escola de Ensino Elementar construída por Coriolano Castro era uma instituição de ensino laico e objetivava oportunizar o acesso a alunos de todas as faixas econômicas. Segundo Arboitte (1990, p.39), esta escola foi substituída por outra estadual que passou a funcionar a partir de 15 de abril de 1937. Data de instalação do Grupo Escolar que foi criado em 31 de dezembro de 1936, pelo Decreto Estadual 6369. A novo Colégio Estadual passou a ocupar o mesmo prédio da anterior, absorvendo seus alunos e professores. A escola estadual era resultado do pleito de Coriolano Castro e a Comunidade Santanense. A correspondência a seguir, faz parte das tratativas para a implantação dessa escola que foi a primeira escola estadual inserida no Freguesia de Santa Ana da Boa Vista, hoje Município de Santana da Boa Vista.

Figura 50: Solicitação de escola (Jacinto Inácio) no 5º Distrito, a Flores da Cunha, em 1937



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul – RS, 2002.

A construção do novo prédio para a escola estadual teve início no governo de Coriolano Castro e foi inaugurado em 1941, após sua morte, como está registrado na placa, em que consta o nome do Prefeito João Faria de Oliveira Lima, que foi seu substituto.

Figura 51: Placa inaugural do prédio da Escola Jacinto Inácio, atual Prefeitura Municipal de Santana da Boa Vista - RS.



Fonte: Fotografia de Janice Kaiser, 2023.

De acordo com informações obtidas na Escola, O Colégio Estadual, no presente, chama-se, Escola Média Estadual Jacinto Inácio. Nela estão matriculados 590 alunos, distribuídos entre: Ensino Fundamental, Médio, EJA e Técnico em Contabilidade. Atualmente é a única escola estadual na cidade de Santana da Boa Vista.

Figura 52 : Escola Estadual Jacinto Inácio (2023).



Fonte: Fotografia de Isis Teixeira de Carvalho Ferreira, 2023.

Outro Grupo Escolar Estadual de ensino laico surgiu em 19 de outubro de 1919, na cidade de Caçapava, conforme Teixeira (2016, p.167-169). O Colégio Elementar de Caçapava foi a primeira escola pública estadual do Município de Caçapava. Como parte das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha foi inaugurado o prédio próprio em 20 de setembro de 1935. Em 1936 ele passou a ser chamado de Colégio Elementar Dinarte Ribeiro. Era uma homenagem ao republicano que, junto com Antão de Faria e outros caçapavanos, fundaram o Clube Republicano de Caçapava, na mesma época em que o grupo de Coriolano Castro fundou o Clube Republicano em Santa Ana da Boa Vista. Após a troca de regime, ao ser instituída a República do Brasil, deixou a Chefia da Estação Telegráfica em Caçapava, para ocupar o cargo de Diretor de Estatística e após, Diretor Geral de Instrução Pública do Estado, no Governo de Júlio de Castilhos. Passou a fazer parte dos dissidentes do PRR e a trabalhar como jornalista no Jornal oposicionista “O Rio Grande”. Na Revolução Federalista foi preso, evadiu e exilou-se na Argentina. Ao retornar, foi nomeado Secretário do Arsenal de Guerra até falecer em 1919.

De acordo com Teixeira (2016, p.172), no ano de 1936 foi implantado o educandário particular de ensino laico, o Ginásio Municipal Brasileiro, que depois mudou o nome para Ginásio Municipal Caçapavano, que funcionou até 1939.

Apesar de no Rio Grande do Sul, os estabelecimentos de ensino católicos tenham surgido desde século XIX, em Caçapava, segundo Rubert (1956, p.192), o primeiro foi criado na Freguesia de Santa Ana da Boa Vista, pelo Padre Vicente da Cruz Truvisqueiro, de 1922 a 1931, que era exclusivo para alunos do sexo masculino, com objetivo de alfabetizar e ensinar religião. As aulas ocorriam no prédio do “Império”. Casa de propriedade do Estado Brasileiro durante a Monarquia e que, durante a República passou a ser utilizado pela Igreja Católica.

Outra escola ligada à Igreja Católica na cidade de Caçapava, de acordo com Teixeira (2016, p.170), foi a Escola Santíssimo Nome de Jesus. Fundada em 30 de dezembro de 1938, por Dom Antônio Reis (Bispo de Santa Maria) e as irmãs de Nossa Senhora. Esta instituição de ensino era destinada a meninas da elite social e econômica. Ela configurou-se como a primeira escola primária particular de Caçapava, que disponibilizou internato e semi-internato por 40 anos.

No entanto, ao examinar o Livro Tombo da Igreja Matriz de Santana da Boa Vista , percebe-se uma relação harmoniosa e de respeito, entre Coriolano Castro, comunidade católica e o Pároco local.

Tal relação harmônica é constatada também na Ata do Clube 7 de Setembro, onde foram registradas as festividades em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, em que Coriolano Castro e Leovegildo Rodrigues da Silva foram os festeiros e o Padre Vicente Trovisqueira da Comissão dos festejos, conforme documento abaixo:

Figura 53: Ata do Clube 7 de Setembro, 1922.

e Comissario Jonathas Pruni que a Subscrição e cargo
 Coriolano Alves da Oliveira e Castro.
 Leonizildo Rodrigues da Silva
 Pedro Marques Beck
 Honório Dutra de Oliveira
 Jonathas Pruni
 Cyrillo Lyrio Baptista
 Polício de Freitas Jacintho

Acta da terceira reunião extraordinária
 da directoria do Club 7 de Setembro. Aos annos
 do mes de Setembro de mil novecentos e vinte e
 dois, reunidos os membros da directoria abaixo censi-
 guados, no Salão do Club. Combinaram transcrever
 para este livro a acta das festas realizadas nes-
 te povoado de Santa Anna da Boa Vista em Comem-
 moração ao primeiro Centenario de missa indepen-
 dencia politica, que e a seguinte: Acta Const-
 tante das festas realizadas por motivo da Com-
 memoração do primeiro Centenario da Independen-
 cia do Brasil. Aos nove dias do mes de Setembro, do
 anno de mil novecentos e vinte e dois, em o edifi-
 cio de propriedade de uma sociedade recreativa
 sita a frente, da Capella da Senhora Santa
 Anna Padroeira desta parochia de Santa Anna
 da Boa Vista quinto districto do municipio de
 Caacapava, Estado do Rio grande do Sul Republi-
 ca dos Estados Unidos do Brasil. Foram promoto-
 res das referidas ^{festas} os Senhores Coronel Coriolano
 Alves da Oliveira e Castro Leonizildo Rodrigues da
 Silva tendo sido indicados para a Commissão de
 interm os Senhores Reverendo Padre Vicente Provir-
 peira Cyrillio Lyrio Baptista Pedro Marques
 Beck, Jonathas Pruni, e Honório Dutra de Olivei-

Fonte: Arquivo do Clube 7 de Setembro, em 2022.

Em 1926, o Bispo de Santa Maria convidou Coriolano Castro para presidir uma comissão para tratar da regularização dos “Terrenos da Santa, a cópia do documento de resposta a Diocese de Santa Maria está abaixo:

Figura 54: Carta de Coriolano Castro a Diocese de Santa Maria, registrada no Livro Tombo II, da Igreja Matriz de Santana da Boa Vista - RS.

3
A. Brandão

Carta do Sr. Coriolano Castro, deigo, do Presidente da Comissão encarregada da fundação do patrimônio d'esta Matriz, ao Ill. Rev. Vigário Geral de Santa Maria.

Eu, Rev. Sr. Monsenhor Carlos Rodrigues Brandão, deigo, Brandedo Ill. D. Vigário Geral.
Santa Maria.

Affectiones candidas.

Comunico-Vos abaixo a em meu poder a totalidade de nomeações da Comissão nomeada, por uma Res. ^{una} do Ill. Sr. Bispo da Rocha, Bispo de Santa Maria, e assignada por S. Ex. ^{ca}, cuja Comissão deve encarregar-se da fundação do patrimônio da Matriz de Santana da Boa Vista. Como esse patrimônio é constituído de terras, que se acham em quasi totalidade occupadas por inteiros; Communico a V. Res. ^{una} se a Comissão deve fazer medição e demarcar em as terras, divididas em terrenos, afetar ou vender a parcelas especialmente os terrenos já edificados no quadro do povoado, que constitue a sede da parochia? Finalmente a Comissão pede todas as instruções relativas a esta acção para o bom desempenho de suas missões. Concreto, que V. Res. ^{una} attenderei com a maxima urgencia e sem o pedido enviando-vos a vossa respectiva. Nos subscrivemos com o maior respeito e distinta consideração vossa humilde e Ill. Ex. ^{ta}

Carapava 24 de julho de 1926.

Pela Comissão.
Coriolano A. de Castro.
Presidente.

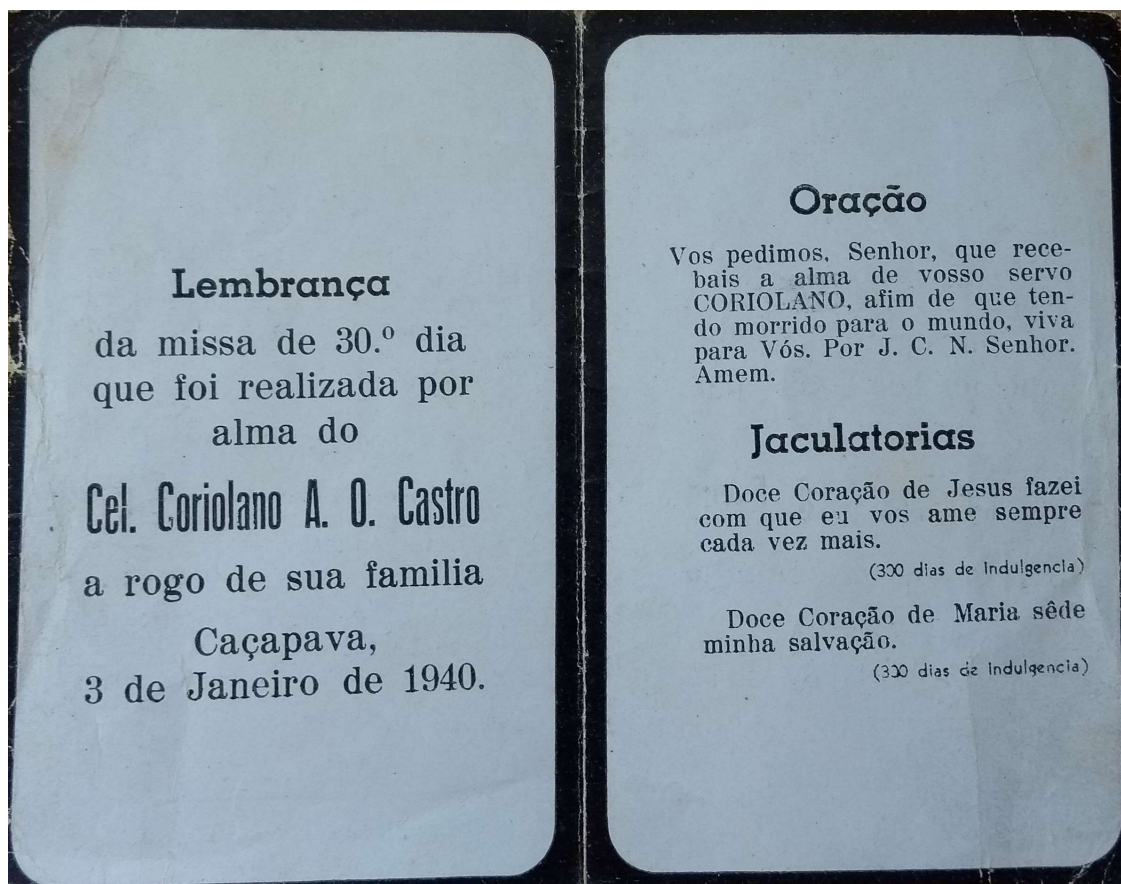
Carta do Ill. Rev. Sr. Vigário Geral de Santa Maria, respondendo a mesma

Santa Maria, 14 de Agosto de 1926. ^{una} Sr. Carlos

Fonte: Acervo da Igreja Matriz de Santana da Boa Vista em 2002.

Assim, observa-se que neste período Coriolano Castro era um praticante Católico e para lembrar que no mês de seu falecimento foi encomendada uma missa em sua memória, segue o convite:

Figura 55: Convite para Missa de 30 dias de falecimento de Coriolano Castro, 1940.



Fonte: Arquivo da Maçonaria, Loja Coriolano Castro, Caçapava do Sul – RS.

Os restos mortais de Coriolano Alves de Oliveira e Castro foram trasladados do Cemitério de Santana da Boa Vista para o Cemitério Municipal de Caçapava do Sul, como mandatário por vários períodos do Executivo e líder do então Município. A sua urna funerária encontra-se no Jazigo da Família.

Figura 56: Jazigo de Coriolano Alves de Oliveira e Castro, no Cemitério Municipal de

Caçapava do Sul-RS.



Fonte: Fotografia de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2022.

No jazigo encontra-se a urna funerária (figura-57) de Coriolano Castro com o reconhecimento da Maçonaria de Caçapava.

Figura 57: Urna Funerária de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: Fotografia de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2022.

Em 1999, a Loja Maçônica Coriolano Castro fez uma homenagem ao seu Patrono. Na ocasião foi fixada no Jazigo, onde estão seus restos mortais, uma Placa (figura) com dizeres que resumem o que representa Coriolano Alves de Oliveira e Castro para sua comunidade

Figura 58: Placa da Maçonaria de Caçapava do Sul em homenagem a Coriolano Castro, 1999.



Fonte: fotografia de Zilamar Teixeira de Carvalho Ferreira, 2022.

Assim, a atuação de Coriolano Alves de Oliveira e Castro está presente tanto no processo histórico, quanto as obras, monumentos, registros em documentos tanto no Município de Caçapava do Sul, como no Município de Santana da Boa Vista - RS. Registramos também a aquisição do prédio do “Sobrado” (Figura 59), comprado de Theotônio Augusto das Chagas (NUNES, 2017), destinado para instaurar a Prefeitura de Caçapava, em 1901. Atualmente este prédio é considerado Patrimônio Material de Caçapava do Sul, e foi revitalizado na gestão do então Prefeito Giovani Amestoy da Silva, reinaugurado em 25 de outubro de 2023 (aniversário do Município de Caçapava do Sul).

Figura 59: fotografia do Prédio do Sobrado adquirido por Coriolano Castro para sede da Prefeitura Municipal de Caçapava, em 1901.



Fonte: fotografia de Lislair Leão Marques, em 25 de outubro de 2023, nos 192 anos de Caçapava do Sul-RS.

Assim sendo, este estudo vem registrar e demonstrar a liderança de Coriolano Castro em um período conturbado e de definições na história política do Brasil e, assim, do Rio Grande do Sul. E que, para entender a história de Caçapava, com a abrangência territorial de então, incluindo o hoje município de Santana da Boa Vista, bem como as relações de poder na construção da República neste Sul do Brasil, temos que conhecer a trajetória de Coriolano de Castro. Além disso, este trabalho destaca a importância de descentralizar os estudos sobre as lideranças políticas que atuavam diretamente na capital do estado do Rio Grande do Sul, demonstrando o quanto ainda precisamos pesquisar e estudar da história do Sul do Brasil em um contexto fronteiriço. O quanto as relações sociais, familiares e maçônicas são importantes, conforme a trajetória de Coriolano Alves de Oliveira e Castro comprova.

CONCLUSÃO

A pesquisa na área de História possibilitada com o curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), fez com que, enquanto Caçapavana de Santana da Boa Vista, pudesse estudar e trazer ao conhecimento público um dos personagens pouco estudado pela academia- Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Um “homem típico da fronteira que é o Rio Grande do Sul” e, que vivenciou como maçom uma prática política no período conturbado de instalação e consolidação da República no Brasil.

Assim, a partir de pesquisa documental e bibliográfica procuramos edificar sua trajetória baseada na documentação encontrada em arquivos públicos e privados.

Em sua trajetória política constatamos que os Alves, Oliveira e Castro vieram da Região dos Açores, no final do século XVIII, para proteger o território ao sul do Brasil e passaram a povoar o atual Rio Grande do Sul e Uruguai. Nesta zona de fronteira construíram suas redes de relações sociais e de poder. Ao mesmo tempo em que se consolidou de forma marcante a carreira de militar/ civil junto ao Exército e a Guarda Nacional, no contexto fronteiriço de lutas, defesa das leis e estabilidade na vida social e política da região, seguindo a tradição familiar herdada de seus antepassados que vinham de carreiras militares desde a época dos Dragões de Rio Pardo. Como comandante era exímio em arregimentar e agrupar homens em prol da política partidária e para o combate ao “inimigo”.

Assim, a primeira parte deste trabalho podemos perceber o quanto sua trajetória familiar está entrelaçada com a construção social de um território que integra a região fronteiriça platina, o que influenciou o seu desempenho político frente as necessidades da região, na sua participação no movimento para implantar e consolidar a república brasileira, bem como, a defesa dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade defendidos pela Maçonaria. Sua atuação social e governamental era progressista, foi marcada por carisma, aceitação de sua autoridade, papel de intermediário com o governo estadual, líder revolucionário e base econômica advinda da pecuária.

O afastamento do poder e a falta de oportunidades fez com que famílias importantes e poderosas se organizassem em torno de possibilidades de alcançar os seus interesses. A situação foi agravada porque desde a mudança de regime da Monarquia para a República, a região de fronteira, que tinha como principal atividade econômica a pecuária, foi prejudicada

economicamente e em suas representações nas esferas governistas. Levando esta elite da Campanha Gaúcha a lutar por seus interesses regionais, nos quais manifestaram-se por meio do uso das armas. Desta forma, ocorreram revoluções e movimentos em território platino que tiveram Caçapava do Sul, no centro do Estado, como palco. O envolvimento do Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro nessas instabilidades e conflitos durante a República Velha foi inevitável.

Como líder local e regional, republicano e liberal, acompanhou a evolução do castilhismo e do borgismo no Estado do Rio Grande do Sul, como partidário do PRR, até 1921. Período de questionamento ao borgismo, da crise na pecuária, enfraquecimento ideológico, que acentuaram a crise partidária (PRR) e governamental (borgismo), aumentando as dissidências. A negativa em fazer as mudanças esperadas provocou a saída de Coriolano Castro do PRR e levou Caçapava a ser um reduto oposicionista municipal e estadual, juntamente com São Sepé.

Ao optar por um plano de governo para executar junto a Prefeitura de Caçapava, teve na educação uma de suas principais áreas de investimento, inspirado nos ideais maçônicos criou várias escolas de ensino laico que possibilitassem o acesso a alunos de todas as classes econômicas. Quanto aos alunos pertencentes as classes mais abastadas caçapavanas e aos alunos vindos da região centro sul do Estado poderiam escolher entre instituições norteadas pelos interesses católicos (Escola Santíssimo Nome de Jesus) ou identificadas com o laicismo (Escola Dinarte Ribeiro). Outras áreas prioritárias em seus mandatos, como Intendente e Prefeito, foram a mineração, a saúde, agropecuária (vinda de imigrantes italianos para a região do Santa Bárbara) e o desenvolvimento.

Dessa forma, este trabalho procurou demonstrar o quanto ainda temos que conhecer e estudar no que se refere a história de Caçapava e, assim sobre a história do sul do Brasil. Quantos acervos documentais ainda estão por serem “descobertos”, valorizados e estudados academicamente. E, o quanto é importante e necessário termos a preservação destes documentos e dos testemunhos desta história vivida, enquanto um patrimônio cultural primoroso. Preservar a memória é garantir também a identidade e a valorização do processo histórico na formação do cidadão responsável e não alienado.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Nicolau Silveira. **História do Município de Caçapava do Sul**. 3ª edição. Martins Livreiro, 1992.

_____. **Resumo Histórico, lendas do folclore Caçapavano e locais de turismo**. Caçapava do Sul. 1975.

ANDRADE, Gustavo Figueira. **A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira**. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

_____. **Nova Cartografia da Revolução Federalista (1891-1896): redes de relações Fronteira e territorialização**. Itapiranga: Schreiber, 2022.

ARAUJO, Carlos Horácio; BARRETO, Fernando. **Álbum dos Bandoleiros** (Edição 1923). São Gabriel : Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, 2022.

ARBOITTE, Elcy. **Santana da Boa Vista**. Porto Alegre: 1990.

BALBINOT, Giovani. O juiz da colônia: usos e abusos do poder judiciário na dinâmica coronelista de poder na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul **Revista Escrita da História**, ano III, vol.3, n.5, jan/jun. 2016, p. 181-200.

CASSOL, Arnaldo Luís; ABRÃO, Nicolau Silveira. **Coronel Coriolano Castro**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1983.

_____. **Caçapava Capital Farroupilha**. Porto Alegre. Martins Livreiro, 1985.

COLUSSI, Eliane Lucia. **A maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: UPF, 1998.

CORRÊA, Silvio Faria. **Serro Alegre**. Caçapava do Sul-RS. 1933.

COUTINHO, Albino José Ferreira. **A Marcha da Divisão do Norte**. 2ª ed. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2011.

DIENSTBACH, Carlos. **A Maçonaria Gaúcha: História da Maçonaria e das Lojas do Rio Grande do Sul**. Londrina: A Trolha, 1993. (4.v.)

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. Fundamentos da Incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao Espaço Português. In: **História Rio Grande do Sul** - Colônia, Passo Fundo: Méritos, 2006. VI. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

FAMILY SEARCH. Genealogia de Oliveira e Castro. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/fanchart/9XTR-BHJ>, acesso em: 02/08/2023, 15:54

FAMILY SEARCH. Genealogia de Gasparina Simões Pires. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/fanchart/GVH8-CC4>, acesso em: 02/08/2023, 20:48.

FÉLIX, Loiva Otero. O. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

FERREIRA, Elioenai de Souza. O Jornal O Mossoroense e a Questão Religiosa: Representações sobre Maçons e Ultramontanos (1872-1875). Dissertação de Mestrado em História, Natal/RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

FERTIG, André. **A Guarda Nacional Rio-Grandense: Defesa do Estado Imperial e da Nação**. História Rio Grande do Sul - Império I, Passo Fundo: Méritos, 2006. V.2-Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

MACHADO, Cesar Pires. **Combate do Passo da Juliana: Revolução de 1923**. Santa Maria. Pallotti, 1999. 120p.

MENEZES, Moises Silveira de. **A.:R.:L.:S.: Remanso 1898-2021**. Santa Maria. Pallotti, 2021. P.303.

MORETTI, Fernando. **Os Ritos Secretos da Maçonaria**. São Paulo. Escala, 2012. 176p.

NETO, Elias Mansur. **O que você precisa saber sobre Maçonaria**. São Paulo. Universo dos Livros, 2005. 128p.

NETTO, Ruy Castro. **Memórias do General Zeca Netto**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1983.

NUNES, Fátima Jovane. Caçapava Memória: Galeria dos Prefeitos, Coronel Coriolano Castro. **Jornal Gazeta de Caçapava**. 2017.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Conservadorismo na Tradição Liberal: Movimento Republicano (1870-1889)**. História Rio Grande do Sul - Império II, Passo Fundo: Méritos, 2006. V.2-Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho: fronteira platina, direito e revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. (Coleção brasileira novos estudos: v.3)

_____. A Revolução Farroupilha. In: **História Rio Grande do Sul - Império II**, Passo Fundo: Méritos, 2006. V.2 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A História do Rio Grande do Sul**. 9ªed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014, 138p.

PICCOLO, HELGA L. **Vida Política no século 19**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992. (Coleção Síntese rio-grandense, 1).

PIRES. **1º Encontro da Família Simões Pires**. Rio Pardo, 2007.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. **O Castilhismo e as outras ideologias**. História Rio Grande do Sul – República Velha (1889-1930), Passo Fundo: Méritos, 2007. V.3-Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

ROSSATO, Monica. **Relações de poder na região fronteira platina: Família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

_____. **Gaspar Silveira Martins e a Revolução Federalista (1893-1895): Que federalismo era esse?** Tese (Doutorado em História). Itapiranga. Schreiber, 2022. 274p.

RUBERT, Arlindo. **As Freguesias de Caçapava e Santaninha**. Canoas. 1ª ed. Lasale. 1956.

SOUZA, Blau; CHAVES, Zeno Dias. **Pela Palavra Empenhada: A Revolução de 1932**. Porto Alegre, RS: AGE, 2012.

TEIXEIRA, José Francisco. **Comandos e Cruzadas: Combate do Passo das Carretas**. Santana da Boa Vista, 2003. 232p.

TEIXEIRA, Juarez da Rosa. **Caçapava, um olhar sobre o século XX**. Porto Alegre. CRBF, 2016.

TRINDADE, Héliogio. **Subsídios para a história do Parlamento Gaúcho (1890-1937)** / Héliogio Trindade, Maria Izabel Noll. - Porto Alegre : CORAG, 2005 176 p. : il. - (Os 170 anos do Parlamento Gaúcho ; v. 2).

VITOR, Amilcar Guidolim. **Militares e Maragatos em Armas: as revoltas tenentistas de 1924 e a formação da Coluna Prestes no Rio Grande do Sul**. / Amilcar Guidolim Vitor. – Itapiranga: Schreiber, 2022.

FONTES DOCUMENTAIS E ACERVOS

Acervo Privado de Adejair dos Santos Pedrozo, Santana da Boa Vista, 2023.

Acervo Privado de Euclides Torres, Caçapava do Sul, 2022.

Acervo do Museu Nossa Senhora do Rosário do Bom Fim, São Gabriel. 2022.

Acervo Privado de João Antônio Ferreira, Santana da Boa Vista, 2023.

Acervo Privado de Osmar de Moura Luiz, Caçapava do Sul, 2023.

Acervo Privado de Rodolino da Rosa Garcia, Caçapava do Sul, 2023.

Acervo Privado de Rosa Guimarães Greca, Caçapava do Sul, 2022.

Arquivo da Loja Maçônica Coriolano Castro de Caçapava do Sul. Acervo do Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro. Caçapava do Sul, 2022.

Arquivo da Casa de Cultura Januária Freitas de Santana da Boa Vista, Fotografia do Pelotão da Onça, Estúdio Aurora, Cachoeira do Sul, ano de 1930.

Arquivo da Casa de Cultura Juarez Teixeira, de Caçapava do Sul, 2022.

Arquivo da Igreja Matriz Santa Ana de Santana da Boa Vista. Livro Tombo II, 1926-1939.

Arquivo do Clube 7 de Setembro de Santana da Boa Vista. Livro de Atas, 1922-1943.

Lei nº 1.083/99, de 23 de junho de 1999, que oficializa os Pontos Históricos e Turísticos do Município de Santana da Boa Vista – RS.

ANEXO I

ARVORE DA FAMÍLIA DE CORIOLANO ALVES DE OLIVEIRA E CASTRO.

- **Irmãos:** Luis Alves de Oliveira Castro, nascido em 22 de agosto de 1865 (farmaceutico em Encruzilhada do Sul); Honório Alves de Castro, nascido em 24 de abril de 1866 (médico em Encruzilhada do Sul); Maria Júlia de Castro, nascida em 31 de julho de 1875 (Caçapava/Santana da Boa Vista).

- **Avós paternos,** Albino Alves de Oliveira e Castro nascido na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Sul - RS e faleceu em 12 de abril de 1865; e Maria Angélica Camargo nasceu na Freguesia de Nossa senhora do Rosário de Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Ela Foi batizada em 17 de setembro de 1784, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo -RS; e **maternos,** Antônio Pereira da Silva nasceu em Vila dos Remédios, Évora, Portugal e se casou em 29 de abril de 1806, em Canguçu - RS e Joana Gomes da Rosa, nascida em 3 de fevereiro de 1794 na Freguesia de São Pedro do Rio Grande – RS e batizada em 29 de junho de 1794 na mesma freguesia.

- **Bisavós paternos,** do Tenente de Dragões João Alves de Oliveira e Castro (João Alvarez de Castro), nasceu na Freguesia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Vila de Curitiba, Paraná. Ele foi batizado em 11 de setembro de 1747 na Freguesia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Vila de Curitiba, Paraná. Casou-se, em 30 de junho de 1773, na Matriz da Paróquia do Senhor do Bom Jesus de Triunfo - RS. Faleceu em 22 de julho de 1820, na Freguesia de Piratini – RS, e Maria Ribeiro do Espírito Santo, nasceu a cerca de 1753, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, na Vila de Pindamonhangaba, em São Paulo Ela Foi batizada na freguesia de nossa senhora da Conceição de Cachoeira do Sul - RS e faleceu em Rio Pardo RS; e **materna,** que era portuguesa, não teve conhecimento.

- **Bisavós maternos**, pai de sua avó Maria Angélica, chamava-se, Manuel Pereira da Cruz, nasceu em 1741 na Vila Nova do Bom Jesus de Iguape – SP, e Ana Maria de Camargo (Ana Joaquina Pais de Camargo), nasceu em 1766 na Freguesia Nova de Nossa Senhora do Bom Jesus de triunfo – RS; seus **bisavós maternos** eram portugueses por um lado e por outro Manuel Alves Ferreira Gomes, e Antônia Maria da rosa.

- **Trisavós**, José Pereira da Silva nasceu em Vila dos Remédios, Évora, Portugal e se casou com Teresa Joaquina, nascida na mesma localidade; José Gomes da rosa nasceu na cidade de São Paulo SP e se casou com Ana Luiza Comba, nascida na Vila de Sorocaba, São Paulo. João Aires de Aguirre da Silva Gusmão nasceu na Vila de Taubaté, São Paulo e faleceu em 25 de agosto de 1770. Casou-se com Leonor Gonçalves de Aguiar 10 de outubro de 1719, na Freguesia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Vila de Curitiba, no Paraná; Manoel Ribeiro Baião nasceu em 1720, em São João de Ovil, Baião, Porto, Portugal e faleceu em 15 de março de 1800, na Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo - RS, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo – RS. Casou-se com Joana Pedroso de Moraes nascida em 1722, na Freguesia de Santa Luzia do Sabará, bispado de Mariana em Minas Gerais; Domingos Pereira Pais nasceu em Vila Nova do Bom Jesus do Iguapé – SP. Casou com Maria Francisca da Cruz que nasceu na Vila Nova do Bom Jesus de Iguapé, São Paulo; José Pedro de Camargo Pais nasceu na cidade de São Paulo e se casou com Antônia Paes de Camargo, também nascida na mesma cidade. José Pires da Rosa (Tenente em 1794 e 1799), nasceu na Freguesia de Santo Amaro, São Paulo e se casou com Maria Gomes de Almeida nascida na Vila de Santos, São Paulo.

Figura 5 – Ascendentes da família de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: Acervo Particular de Osmar de Moura Luiz, 2023.

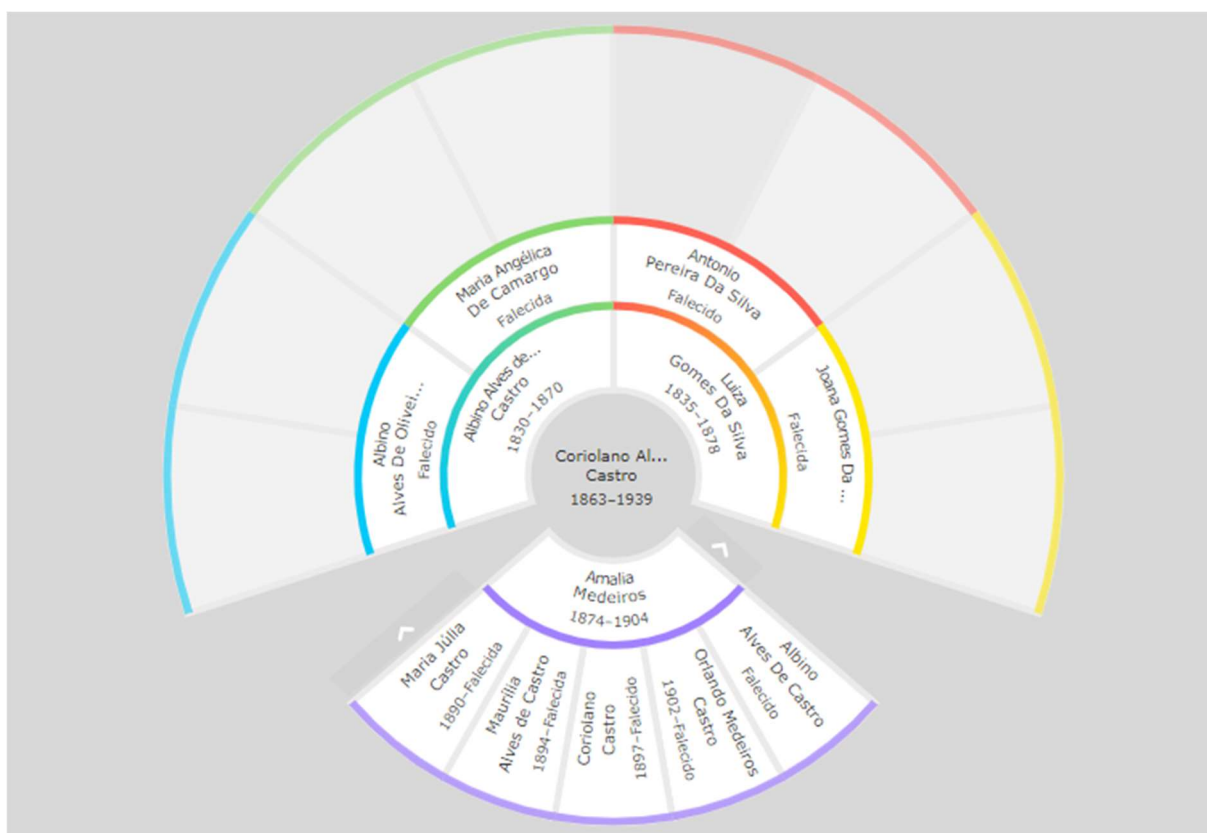
ANEXO II

FAMÍLIA CONSTITUÍDA DO CASAMENTO DE CORIOLANO CASTRO E AMALIA MEDEIROS

Coriolano Castro, casou-se, com Amalia Medeiros, em 12 de março de 1885. Amalia Medeiros era filha de Zeferino José dos Santos e Tolentina Medeiros dos Santos, conforme dados da Paróquia de São Gregório do Rio Negro, Estado Oriental do Uruguai. Passaram a residir no Passo do Pessegueiro/Rodeio Velho, próximo a Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, atualmente Município de Santana da Boa Vista - RS. Conforme inventário procedido por falecimento de Amália Medeiros de Castro, em 1924, de que foi inventariante o viúvo, Coronel Coriolano Alves de Oliveira e Castro, resultaram do casamento seis filhos/ herdeiros: 1) **Luiz Cecílio de Castro**, nascido em 22 de novembro de 1888, em Santana, 5º Distrito de Caçapava -RS. Casou-se com Maria Philomena de Oliveira, filha de Boaventura Jacinto da Rosa e Genoveva Teixeira de Oliveira, nascida em 5 de junho de 1896, no 6º Distrito de Caçapava e faleceu em 25 de abril de 1938, na mesma localidade; 2) **Albino Alves de Castro**, nasceu em Santana, 5º Distrito de Caçapava -RS. Casou-se com Emília Soares de Moraes, filha de Prifaldino Soares de Souza Moraes e Maria da Assumpção Soares de Moraes, em 26 de outubro de 1912, em Cachoeira – RS. Emília nasceu em 1896, em Santana, 5º Distrito de Caçapava – RS. Conforme Certidão de Óbito (RCPN livro: C5 f. 25 Termo:2394), Albino Alves de Castro faleceu em 28 de novembro de 1979, com noventa anos, em Cachoeira do Sul – RS; 3) **Maria Julia de Castro**, nasceu em 2 de fevereiro de 1890. 4) **Maurília Alves de Castro**, nascida em 4 de abril de 1894, no 1º Distrito de Caçapava - RS. Ela foi batizada na Paróquia Nossa Senhora da Assumpção de Caçapava, em 29 de maio de 1895. Casou-se com Alfredo Dico de Araújo, filho de Fidêncio Antônio de Araújo e Francisca Angélica de Moura, no dia 10 de outubro de 1917, em Santana, 5º Distrito de Caçapava. Alfredo nasceu em 3 de janeiro de 1871, em Caçapava – RS. Ele foi batizado em 1871, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção, de Caçapava. Faleceu em 3 de dezembro 1938; 5) **Coriolano de Castro Filho**, nascido em 22 de junho de 1897, em Santana, no 5º Distrito de Caçapava – RS. Ele foi batizado em 15 de julho de 1898, na Igreja Matriz de Santana, 5º Distrito de Caçapava. Casou-se com Saturnina Rodrigues da Silva, filha de José Antônio da Silva e Ana Rodrigues de Oliveira, em 3 de julho de 1926, em Santana, 5º Distrito de Caçapava. Saturnina, nasceu em 11 de agosto de 1906, em

Santana, 5º Distrito de Caçapava; e **6) Orlando Alves de Oliveira e Castro**, nascido em 1903, em Santana, 5º Distrito de Caçapava - RS. Casou-se com Alcina Rodrigues da Silva, filha de José Antônio da Silva e Ana Rodrigues de Oliveira, em 22 de janeiro de 1928, em Santana, 5º distrito de Caçapava. Alcina nasceu em 17 de maio de 1906, em Santana, 5º Distrito de Caçapava – RS.

Figura 6 – Descendentes e ascendentes da família de Coriolano Alves de Oliveira e Castro.



Fonte: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/fanchart/9XTR-BHJ>, acesso em: 02/08/2023, 15:54

ANEXO III

ARVORE GENEALÓGICA DE GASPARINA SIMÕES PIRES – SEGUNDA ESPOSA DO CORONEL CORIOLANO DE CASTRO

- **Irmãos**, Vitalino Simões Pires, nascido em 1879; Delcia Simões Pires, nascida em 1880; Julieta Simões Pires, nascida em 1883; Libindo Simões Pires, nasceu em 1884 e Ramiro Simões Pires, nascido em 1885.

- **Pais**, Plácido de Lima Simões Pires (nascido em 1831 e falecido em 1911), casou-se em 1878, com Anna Cecília de Freitas Lima (falecida em 18 de julho de 1886).

- **Avós maternos**, Victalino Nunes de Freitas e Cecília Maria da Silveira, residentes em Cachoeira do Sul.

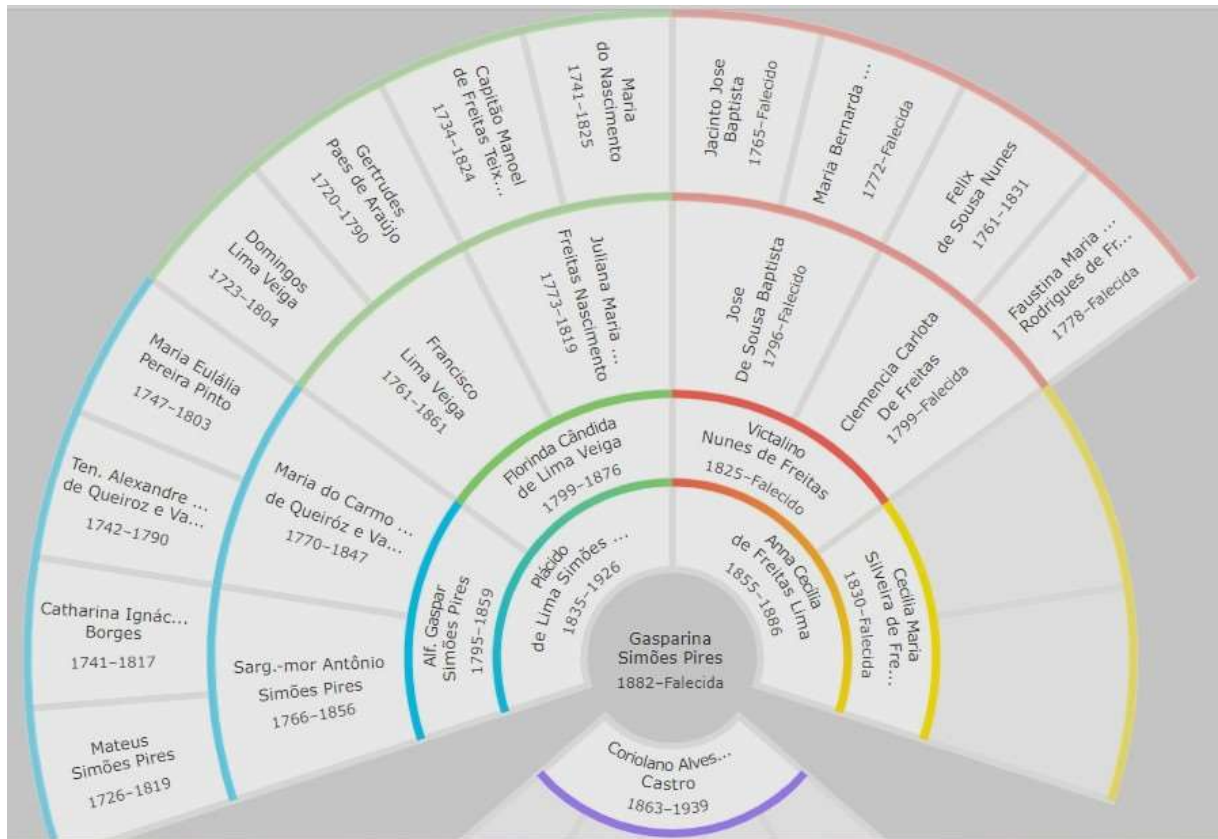
- **Avós paternos**, Gaspar Simões Pires e Florinda Candida de Lima Veiga, que nasceu em 24 de outubro de 1799 e faleceu em 20 de outubro de 1876. De acordo com Pires (2007), o Major Gaspar Simões Pires nasceu em Rio Pardo em 24 de agosto de 1795 e foi batizado na Matriz de Rio Pardo, em 6 de setembro de 1795 (RP livro 6 B de 1790-1800 f. 119). Gaspar seguiu a carreira no Exército Imperial, lutou contra Artigas e Alvear, juntamente com seus irmãos Alexandre e Vicente de Paula. Devido aos trabalhos prestados durante as defesas do território brasileiro recebeu a concessão de sesmarias. Possuía a Estâncias em Santana do Livramento, Caçapava, Quaraí e Encruzilhada. Em 1849, veio de Quaraí e foi morar na fazenda denominada de Umbu, em Encruzilhada, na Sesmaria da Coxilha Bonita. Na sua caravana trouxe as primeiras ovelhas pretas para a região do Capivari em Encruzilhada. Gaspar faleceu com 65 anos, em 26 de maio de 1859, em Encruzilhada. No Município de Encruzilhada do Sul onde está o maior número de seus descendentes.

- **Bisavós maternos**, Capitão Manuel de Freitas Teixeira, natural da Ilha da Madeira e Maria do Nascimento, natural da Ilha Terceira.

- **Bisavós paternos**, Francisco de Lima Veiga, natural da freguesia de Rio Grande e Juliana Maria da Conceição, natural da freguesia de Rio Pardo. **Antonio Simões Pires** e Maria do Carmo Violante de Queiroz Vasconcellos, filha do. Maria do Carmo faleceu em Rio Pardo, em 5 de agosto de 1847. Antonio Simões Pires nasceu em 12 de outubro de 1766 e faleceu em 4 de março de 1856, em Rio Pardo. Segundo o registro de óbito assinado pelo vigário João Batista da Motta Veloso ele está sepultado no Cemitério do Senhor dos Passos. Antônio recebeu de Dom João VI sesmarias em: Bagé, Rio Pardo, Encruzilhada, Camaquã, Santana, Quaraí, Dom Pedrito e Sarandy, no Uruguai. Suas propriedades detinham grandes extensões de terras no Rio Grande do Sul. Sargento Mor das Ordenanças da Villa de Rio Pardo, título concedido em 12 de dezembro de 1829, por Dom Pedro I, Imperador do Brasil.

- **Trisavós paternos**, Tenente Alexandre Luiz de Vasconcellos, natural de Pina Fiel, e de Maria Eulália Pereira Pinto, natural da Vila de Rio Grande. Segundo Pires (2007), Domingos Lima, natural da cidade de Lisboa e de Gertrudes Paes de Araújo, natural da cidade de São Paulo. Matheus Simões Pires e Catarina Inácia da Purificação Gonçalves, naturais da Ilha Terceira. Matheus Simões Pires nasceu por volta de 1724, em São Miguel Arcanjo, Ilha Terceira e faleceu em Rio Pardo em 25 de abril de 1816. Catarina Inácia da Purificação Gonçalves Borges nasceu a cerca de 1741, em São Miguel Arcanjo, Ilha Terceira e faleceu em Rio Pardo, no dia 16 de janeiro de 1817. Matheus e Catarina casaram-se em 1764, em Santa Catarina, na Igreja Nossa Senhora do Desterro, em Florianópolis. Eles tiveram dois filhos: Vicência Joaquina, nascida em 1764, que se casou com João de Souza Pimentel e faleceu em 1835 (não deixando descendência) e Antônio Simões Pires. Eles faziam parte dos primeiros povoadores de Rio Pardo.

Figura 15 – Ascendentes da família de Gasparina Simões Pires.



Fonte: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/fanchart/GVH8-CC4>, acesso em: 02/08/2023, 20:48.

ANEXO IV

INVENTÁRIO DE AMÁLIA MEDEIROS – PRIMEIRA ESPOSA DO
CORONEL CORIOLANO DE CASTRO

3ª folha 56.61507

Pedro Carvalho de Oliveira, segundo es-
crivão de Ophãos e ausentes, do municí-
pio de Casapora.

Certifico por me ser verbaformente pede-
do, que reunido em meu cartório os
autos de inventario procedido por falle-
cimento de dona Amalia Medeiros de Cas-
tro, de que foi inventariante o viuvo, Co-
ronel Coriolano Alves de Oliveira Castro,
nelles consta haver cabido em immoveis
ao referido viuvo inventariante e meci-
ra, o seguinte: Nas duas quadras de fer-
raria de campo, de regular qualidade, si-
tas na fazenda que foi outvora de José Fran-
cisco Nogueira, situadas na costa do rio Cama-
guaru, no quinto districto deste municí-
pio e avaliadas a um conto e quinhent-
os mil reis cada quadra, diço, a um
conto e quatrocentos mil reis cada qua-
dra, e pmbos na importancia de doze
contos e setecentos mil reis, somen-
te a estas correspondente a que antes
de novecentos e dez e nove mil reis. Uma 917400
casa de material, com benfeitorias, situada
no campo das duas quadras, avaliada pela

1.000.000 quantia de um conto de reis. Uma qua-
 dra de (campo) de campo e matos com fraca-
 ra de plantação, sita no quinto districto
 deste municipio e que pertenceu outrora
 a Bray Yelloso de Linhares, avaliada pela quan-
 600.000 tia de quiscientos mil reis. Nas quatro qua-
 dros de semmaria de campo de inferiores
 qualidade, sitos na fazenda que foi
 outrora de José Francisco Sobre, situada
 na costa do rio Camaguam, no quin-
 to districto deste municipio e avaliados
 pela quantia de um conto de reis cada
 quadra e todos na importancia de qua-
 tro contos de reis, por em te a extensão cor-
 respondente si quantia de duzentos e trin-
 258.000 ta e seis mil reis. Certifico mais que
 do mesmo inventario, consta haver va-
 lido em campo, ao herdeiro Luiz Cecilio
 de Castro, o seguinte: - Nas quatro quadros
 de semmaria de campo, de inferiores quali-
 dade, sitos na fazenda que foi outrora
 de José Francisco Sobre, situada na
 costa do rio Camaguam, no quinto
 districto deste municipio, e avaliados
 pela quantia de um conto de reis, cada

4
Alcino

cada quadra e todas na importancia de
 quatro pontos de reis, somente a sa-
 turas correspondente a quantia de
 novecentos e quarenta mil e quinhentos
 reis. Certifico mais que a herdaira ⁷⁴⁶⁵⁰
 Maria Julia de Castro, consta haver ca-
 ludo em campo seguinte: - Nas qua-
 tras quadras de Ferraria de Campo de
 inferior qualidade, sitas no fazenda
 que foi outiora de Jose Francisco
 Sobre, situado na porta do rio Cama-
 guani, no quinto districto deste mu-
 nicipio e avaliados por um ponto
 de reis cada quadra e todos na impor-
 tancia de quatro pontos de reis, somente
 a saturas correspondente a quantia
 de novecentos e quarenta mil e
 quinhentos reis. Certifico mais que ⁷⁴⁶⁵⁰
 dos herdeiros Alcino de Castro, e da Mauri-
 lio de Castro, consta haver pagamento
 em campo, intiramente igual aos dois
 pagamentos acima mencionados. Cer-
 tifico mais que o herdeiro Coriolano
 de Castro, sobre em campo, o seguinte:
 - Nas duas quadras de Ferraria de

4
Mun.

cada quadra e todas na importancia de
 quatro pontos de reis, somente a ex-
 tensão correspondente á quantia de
 novecentos e quaranta mil e quinhentos
 reis. Certifico mais que a herdeira
 Maria Julia de Castro, consta haver ca-
 lido em campo o seguinte: - Nas qua-
 dras quadras de Jesmaria de Campo de
 inferior qualidade, sitas na fazenda
 que foi outvora de José Francisco
 Nobre, situada na costa do rio Cama-
 quary, no quinto districto deste mu-
 nicipio e avaliados por um ponto
 de reis cada quadra e todos na impor-
 tancia de quatro pontos de reis, somen-
 te a extensão correspondente á quantia
 de novecentos e quaranta mil e
 quinhentos reis. Certifico mais que,
 aos herdeiros Alcino de Castro, e da Mauri-
 lia de Castro, consta haver pagamento
 em campo, inteiramente igual aos dois
 pagamentos acima mencionados. Cer-
 tifico mais que ao herdeiro Coriolano
 de Castro, coube em campo, o seguin-
 te: - Nas duas quadras de Jesmaria de

campo de regular qualidade, sitos na fazenda que foi anterior de José Francisco Nóbrega situada no quinto districto deste municipio, avaliados a um conto e quatrocentos mil reis cada quadra e ambas na importancia de dois contos e oitocentos mil reis, somente a extensa corresponde deute a quantia de novecentos e quaranta mil e quinhentos reis. Certifico mais que os herdeiros Orlando de Castro, consta haver colido em campo, pagamento inteiramente igual ao do herdeiro Coriolano de Castro, acima mencionado. Certifico finalmente, que o referido inventario foi julgado por sentença em tres de abril de mil novecentos e cinco, passando a dita sentença em julgado. E aqui me cumpre certificar, do que sou fei. Eu, Pedro Carvalho de Oliveira, escrivão que se serve.

6. 500.0
 P. 5.000
 S. 10.400
 S. 7.00
 21.100

Cacapo, 10 de Abril de 1924.

O escrivão de Officio,
 Pedro Carvalho de Oliveira



ANEXO V

1ª ATA DO CLUBE REPUBLICANO DEMOCRÁTAS

Primeira, digo Acta da primeira reunião para a fundação do - Club Democrata - na Freguezia de Santa Anna da Boa Vista

Acto vinte e cinco dias do mez de Agosto de mil oitocentos e oitenta e seis, na freguezia de Santa Anna da Boa Vista, sendo convidados por um n.º abreviado assignado, e comparecendo em casa de residência do Sr. Rodolpho Martins Vilain, as sette horas da noite se reuniram os Srs. Lafayette José Penault, Joaquim Lopes Correa, João Gannario de Castro, Rodolpho Martins Vilain, João Nectário Martins Vilain e Hilário de Hermeto Garcia, deixando de comparecer o Socio Cristiano Alves de Castro por se achar ausente, de todos reunidos foi pelo Socio Lafayette José Penault declarado o motivo desta reunião e pelo mesmo proposto que se entre os socios presentes se nomeasse uma Directoria a interina para esta proceder a eleição da Directoria effectiva que tem de governar o destino do mesmo Club até a segunda reunião de assemblea geral. Foi pelo mesmo proposto e unanimidade o Socio Rodolpho Martins Vilain para occupar a cadeira da presidencia a qual assumiu, e ficando no seu arbitrio a nomeação dos outros membros para

a formação da mesa interina e foram
por elle nomeados os Sr.ºs. Joaquim Le-
pes Correa para Secretário, e Lafayette
de Souza Renault, para adjunto os qua-
es em seguida tomaram conta de des-
us lugares, depois de todo tomaram as-
punto, foram convocados pelo Presi-
dente, a fazerem a eleição, a qual depois
de não haver mais ninguém a votar
foram encontradas seis sedulas na
urna que deram o seguinte resulta-
do; Para Presidente, o Sr.º Joaquim
Lopes Correa com tres votos, para
Procurador servindo de Secretário
o Sr.º João Januario de Castro, com
tres votos, ficando em patão o cargo
de Crador servindo de Theoureiro,
entre os Sr.ºs Lafayette Souza Renault
e Rodolpho Martins Mlain, pelo Pre-
sidente foi proposto ao socio uma
segunda eleição ou a decisão entre
os dous cidadãos, por sortido a qual
foi assento esta ultima que recabio
no Sr.º Lafayette Souza Renault. Tendo
tambem votos os Sr.ºs João Janua-
rio de Castro, para Presidente um vo-
to. Lafayette Souza Renault, para Pre-
sidente, dois para Crador servin-
do de Theoureiro dois votos. Rodolpho
Martins Mlain, para o mesmo car-
go assim, dois votos. Joaquim Lopes
Correa, para Procurador servindo
de Secretário, dois votos. e Hildebran-
do Hermeto Garcia um voto. E
como não houvesse reclamação alguma
sobre a eleição foram os cidadãos elitos

2
Correia

peço Presidente interino comvidado
a tomarem posse de seus lugares, e
quasi assentado, e tomarem conta dos
seus lugares para continuarem com
os trabalhos do mesmo Club, e como
nada de mais houvesse a tratar peço
peço membros da Directoria inter-
na offerecer os lugares aos seus elec-
tos, ficando archivado o n.º a baixo as-
signado. Para constar constar lavrou-
se a presente acta em que todos as-
signam, e eu Joaquim Lopes Correia
secretario interino que a sobscreevi
e annotei. Sant'Anna da Boa Vista 25 de agosto de 1882

Rodolpho Klein Klain
Lafayette José Renault
Joaquim Lopes Correia
João Henriques de Castro.
Hildebrando, Hermeto Garcia.

Acta Primeira da
Directoria do Club Democra-
ta.

Aos vinte e cinco dias do mez
de Agosto de mil oitocentos e oitenta
e dois na villa frequentada de Pa-
ranná, Vila Boa Vista, em casa
de residencia do Sr. Rodolpho
Klein Klain, estando de
presente Joaquim Lopes Correia,
com o credit de presidente do Club
Democra-ta, José Renault, e com
o credit de secretario, e Francisco

ANEXO VI

CONTRATO PARA EXPLORAÇÃO DA MINA DO BOM JARDIM

1.º traslado.

Livro nº 13 Folhas 48 Va f.º 49 e V.

É scriptura publica de contracto para exploração de terras que foram os cidadãos Bernardina Gonçalves Lara, João Gastaldy e Agostinho Rossi, com o abei-
do se declarou.

Sabem quantos esta scriptura de contracto para exploração de minério de ouro, que se acha de mil noventa e tres tocos aos dez dias do corrente de junho, nesta cidade de Caapara, Comarca do mesmo nome Estado do Rio Grande do Sul, em nome de certos compareceram partes entre si justas e contractadas, a saber: de um lado como concessor o cidadão Bernardino Gonçalves Lara, e da outra parte como concessionarios os cidadãos João Gastaldy e Agostinho Rossi residentes nesta cidade de ouro, e reconhecidas pelas proprias de algum notario e das testemunhas em firm nomeadas e assi guardadas do que dou fize pelo concessor Bernardino Gonçalves Lara ante as testemunhas foi dito e declarado que, como proprietario do terreno a explorar o da Tab as condicoes seguintes: a saber elle Bernardino Gonçalves Lara como proprietario do terreno digo de um terreno situado a noroeste esquerda

do arroyo Trapiá no quarto districto deste município, dá em exploração para extracção de minérios aos Senhores João Gastaldy e Agostinho Rossi, pelo tempo necessario para exploração.

Segundo: Que todos os productos dos minérios extrahidos, assim como todas as despesas suas divididas em partes iguaes entre os tres contractantes.

Tercero: Que João Gastaldy e Agostinho Rossi entrará com o seu trabalho e mais materias necessarias para a exploração. Quarto: Que o proprietario entrará tambem com o terreno maduros existentes nos matos de sua propriedade ~~em plomente~~ para o serviço da exploração, auxiliaria mais com dinheiro para as despesas como seja de peões trabalhadores e ferramentas, tambem em partes iguaes. Quinto: Que o proprietario não podrá vender o terreno explorado de sua propriedade em quanto durar os trabalhos da exploração, salvo que entre os contractantes combinarem a compra e venda do mesmo terreno.

Sexto: Que estimas o valor do presente contracto em dois contos de reis. O proprietario apresentará certidão de haver pago ou de mil novecentos e oitenta e cinco mil e vinte e cinco proximo puerado de imposto territorial e bem assim duas estampas

Caca para 10
 De Notaria



de 1903
 de 1903

duas estampilhas federais no valor
 de dois mil e duzentos reis, que
 não aboixei impressas. Assim
 accordis me puderam thus larras
 esta escriptura que thus sendo lida
 acharam conforme, accutarum es-
 signam sendo que o far arago do Con-
 cessor Bernardino Goncalves Lara
 que não sabe escrever o Major Corio-
 lano Alves d'Olivera Castro com as
 testemunhas cidadãos Luiz Manoel
 de Moraes Castro Jovi d'Castro, co-
 ntruidor de um Domingos Jaime de
 Figueiredo, Notario que o escreve e as-
 signo em publico e raso. Em te da
 verdade estava o signat publico. O
 Notario Domingos Jaime de Figueiredo
 recuperou dez de julho de mil novecentos
 e tris. Coriolano Alves d'Olivera Cas-
 tro. José Gastaldy. Agostino Rossi.
 Luiz Manoel de Moraes Castro Jovi
 de Castro. Estava duas estampilhas
 no valor de dois mil e duzentos reis
 devidamente inutilizadas e do sello
 Federal. Transferido do proprio livro
 a que com respeito no mesmo dia de
 sua data. Eu Domingos Jaime
 de Figueiredo, Notario escrevo e assig-
 no em publico e raso.

Em te da Verdade
 Notario Domingos Jaime de Figueiredo.

R. 12000
 R. 3400
 S. 2800
 18500

ANEXO VII

CERTIDÕES




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

2ª VIA

CERTIDÃO DE CASAMENTO

NOMES

CORIOLANO ALVEZ D' OLIVEIRA CASTRO

GASPARINA SIMÕES PIRIZ

MATRICULA

101477 01 55 1906 2 00002 180 0000440 90

Livro: B-2 Folha: 180V Termo: 440

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS DE NASCIMENTO, NATURALIDADE, NACIONALIDADE E FILIAÇÃO DOS CÔNJUGES

Coriolano Alvez d' Oliveira Castro, brasileiro, criador, filho de Albino Alvez d' Oliveira Castro e de Luiza Gomez de Castro, ambos falecidos. **Gasparina Simões Piriz**, brasileira, filha de Placido d' Lima Simões Pirez e de Anna Cecília d' Freitas Lima, já falecida.

DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO) DIA MÊS ANO

vinte e oito de junho de mil novecentos e seis 28 06 1906

REGIME DE BENS DO CASAMENTO

Não informado.

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)

"Sem informação"

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCEER

Não constam anotações ou averbações no registro.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

CEP Residencial noivo 96 590-000

* As anotações de cadastro acima não dispensam a parte interessada da apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão solicitante ou quando necessário para identificação de seu portador.

SERVIÇO NOTARIAL E DE REGISTRO
 SILVANA FREITAS DE LIMA - TABELIÃ E REGISTRADORA DESIGNADA
 Santana da Boa Vista/RS
 Rua Independência, 467
 (53)3258-1182

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé
 Santana da Boa Vista, 14 de junho de 2022


 Jeferson Pedroso da Rosa
 Tabelião e Registrador Substituto

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual n. 12.692/2006):
 (0058.04.1900002.04816 = R\$ 4,40); (0058.01.2000003.02202 = R\$ 1,80)
 Emolumentos: Certidão: R\$ 34,10; Processamento eletrônico: R\$ 6,00
 A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjrs.jus.br

A consulta estará disponível em até 24h
 no site do Tribunal de Justiça do RS
<http://go.tjrs.jus.br/selodigital/consulta>
 Chave de autenticação para consulta
101477 55 2022 00001198 83

Aracaju Aracaju e Região
 Silvana Freitas de Lima
 Tabelião e Registrador Designado
 Jeferson Pedroso da Rosa
 Tabelião e Registrador Substituto

ARPENBRASIL AA 024583069 BRP



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



2ª Via

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME:
ALBINO ALVES DE CASTRO

MATRÍCULA:
099028 01 55 1979 4 00005 025 0002394 56
Livro: C-5 - Folha: 25 - Termo: 2394

SEXO Masculino	COR Branca	ESTADO CIVIL E IDADE Casado, com 90 anos de idade
NATURALIDADE deste Estado	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO x.x.x.x.x.x.x.x.	ELEITOR x.x.x.

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
Filho de Coreolano Alves de Castro e Analia Alves de Castro e era residente na(o) neste município, Cachoeira do Sul-RS.

DATA E HORA DE FALECIMENTO
Vinte e oito de novembro de mil e novecentos e setenta e nove, às **28** de **11** de **1979** às **13** horas

LOCAL DE FALECIMENTO
Domicílio, nesta cidade

CAUSA DA MORTE
Sem assistência médica

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO) **DECLARANTE**
Cemitério Municipal, nesta cidade Elio Barbosa

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
firmado pelas duas testemunhas

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
Era casado com Emilia de Moraes Castro. Era aposentado. Não deixou bens. Não deixou testamento conhecido. Deixou os filhos(as) quatro filhos. Óbito registrado em vinte e nove de novembro de mil e novecentos e setenta e nove (29/11/1979).

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
Nada consta.

Registro Civil das Pessoas Naturais
Titular do Ofício: Clóvis Alberto Limberger Hahn
Comarca: Cachoeira do Sul
Cachoeira do Sul - RS
Rua Maria do Carmo, nº 10 - Bairro Soares
Fone: 51 37242487
E-Mail: rccachoeiradosul@gmail.com

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Cachoeira do Sul, 06 de julho de 2022.

LETELE MICHEL
LEMOS:03058874081
Assinado de forma digital por LETELE MICHEL LEMOS:03058874081
Dados: 2022.07.06 14:16:25 -03'00'

Letiele Michel Lemos
Escrevente Autorizada

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual n. 12.692/2006):
0065.00.2200001.09083
Certidão: R\$ 34,10 - Processamento eletrônico: R\$ 6,00 - Selos: R\$ 6,20 - Nota nº 203535
A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjrs.jus.br - Emissão: L. M. L.
Certidão gerada eletronicamente e verificada pelo Cartório solicitante, Protocolo CRC-RS 1200378

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, REGISTROS ESPECIAIS E REGISTRO DE IMÓVEIS DE CACAPAVA DO SUL - RS
AV. PRÍNCIPE RICARDO, 198 - CENTRO - CACAPAVA DO SUL - RS - TELEFONES: (51) 3291-2371 / 3291-2372
MONSIEUR/MRS MARTINS NESEFF - REGISTRADORA DESIGNADA

Esta certidão foi emitida e assinada digitalmente pelo cartório de origem do registro, e materializada por este Registro Civil das Pessoas Naturais de Cacapava do Sul, RS, nos termos do Provimento de número 17/2014-CG/J-RS, Cacapava do Sul, 06 de julho de 2022.

Nathaly Paixão Pereira
Nathaly Paixão Pereira - Escrevente Autorizada

VÁLIDO SOMENTE SEM EMENDAS OU RASURAS

ARPENBRASIL AA 020239034 BRP



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
COMARCA DE CAÇAPAVA DO SUL
MUNICÍPIO DE CAÇAPAVA DO SUL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, REGISTROS ESPECIAIS E
REGISTRO DE IMÓVEIS



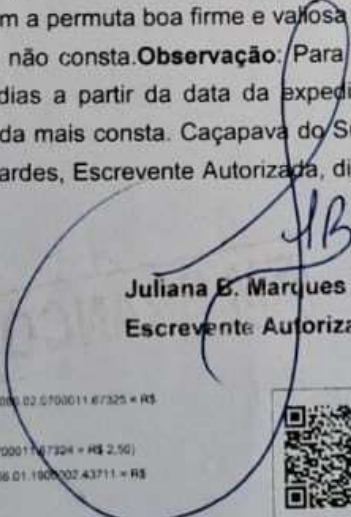
JONATAS ROLLA ESPINDOLA - REGISTRADOR DESIGNADO

Avenida Pinheiro Machado, 749 | Fone: 55 3281-2270 | E-mail: cartório@farrapo.com.br

Folha: 1/1

C E R T I D ã O

Usando da faculdade que me confere a lei, por haver sido requerido pela parte interessada, no Livro de **TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES** sob nº 3/B, às folhas 205, consta o registro do teor seguinte: **Nº DE ORDEM:** 2.183. **DATA:** 20 de dezembro de 1912. **CIRCUNSCRIÇÃO:** Santa Anna da Boa Vista. **DENOMINAÇÃO:** Campo de criação e cultura. **CARACTERÍSTICAS E CONFRONTAÇÕES:** Trinta e sete braças de sesmaria de campo e matos sitos no 5º distrito deste município, na fazenda que outrora pertenceu a Bras Domingos Velloso, e que houverão por Adjudicação. **ADQUIRENTE:** Coriolano Alves D'Oliveira Castro e sua mulher D. Gasparina S. de Castro, 5º distrito. **TRANSMITENTE:** Victalino Alves de Oliveira e sua mulher D. Francisca Alves Dutra, residente no 5º distrito. **FORMA DO TÍTULO:** Permuta. **TÍTULO DE TRANSMISSÃO:** Escritura Publica pelo escrivão Joaquim Lopes Correa. **VALOR DO CONTRATO:** 1.100 mil reis. **CONDIÇÕES DO CONTRATO:** Fazerem a permuta boa firme e valiosa dentro do tempo e responderem pela autoria; **AVERBAÇÕES:** não consta. **Observação:** Para fins de alienação essa Certidão tem validade por trinta (30) dias a partir da data da expedição. Esta Certidão só é válida sem emendas ou rasuras. Nada mais consta. Caçapava do Sul, terça-feira, 5 de julho de 2022. Eu Juliana B. Marques Bernardes, Escrevente Autorizada, digitei, conferi, assino e dou Fé por ser a expressão da verdade.


Juliana B. Marques Bernardes
Escrevente Autorizada

DOCUMENTOS: Certidão: 1 página - R\$ 11,00 (0006.02.010001167325 = R\$ 2,50)
Banco em livro e arquivo: R\$ 11,30 (0006.02.010001167324 = R\$ 2,50)
Processamento eletrônico de dados: R\$ 6,00 (0056.01.190000243711 = R\$ 1,80); Total: R\$ 28,30 Hora: 16:37 JMMB



A consulta estará disponível em até 24h no site do Tribunal de Justiça do RS
<http://go.tjrs.jus.br/selodigital/consulta>
Chave de autenticidade para consulta
099093 53 2022 00008098 53